



Abatido pelos israelitas, quando sobrevoava a península do Sinai, o Boeing 722 líbio transportava 113 pessoas, segundo fontes árabes. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Ameaça palestina

BEIRUTE, 22 — (UPI-ANI) — O movimento de guerrilhas palestinas ameaçou exercer represálias pelas incursões israelitas ao norte do Líbano e pelo derrube de um avião civil líbio sobre o Sinai. Bassam Abou Sherif, informador da

frente popular de libertação da palestina, declarou:

«O dia de ontem foi um dos mais negros na história dos crimes israelitas contra os povos árabes. Quando sentirmos que chegou a altura, reagiremos contra esta agressão israelita».

Provável missão comercial americana na capital chinesa

WASHINGTON, 22 (R) — Os Estados Unidos e a China revelam hoje novos acordos destinados a aproximar ainda mais as duas nações, a seguir à solução da guerra no Vietname.

Espera-se que um comunicado conjunto, emitido simultaneamente em Pequim e Washington, anuncie o estabelecimento de uma missão comercial americana na capital chinesa e diligências para melhorar os contactos científicos e culturais.

Essas iniciativas registam-se um ano depois do presidente Nixon quebrar o gelo entre os dois países ao realizar uma viagem histórica à China. Con-

do, até ao mês passado a guerra no Vietname foi um obstáculo para nova melhoria das relações.

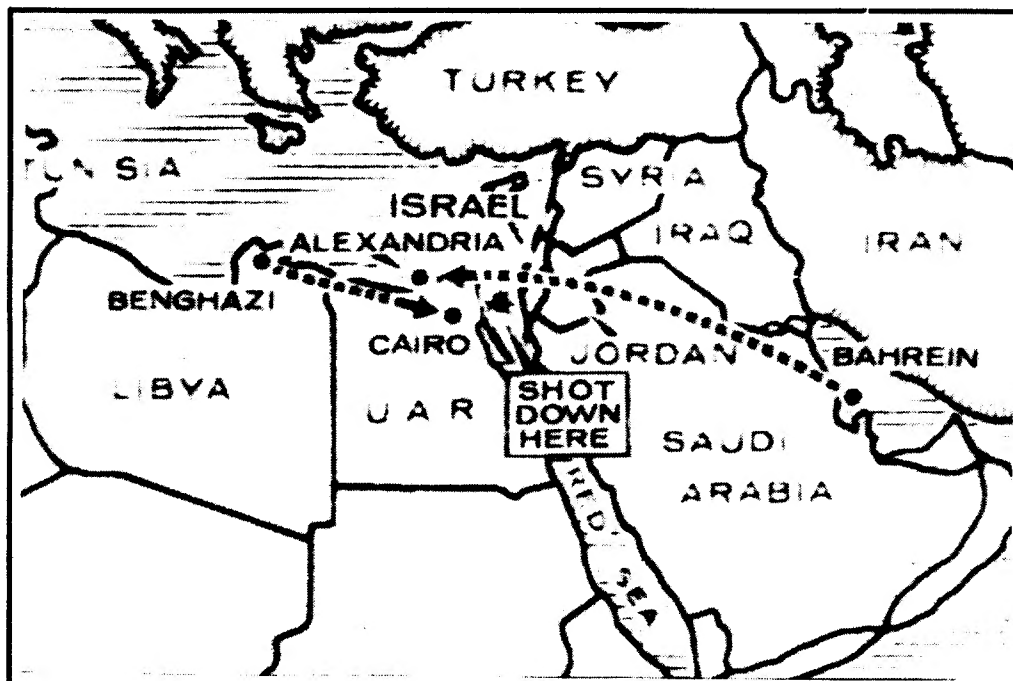
Com a assinatura do acordo de cessar-fogo, ficou, então, aberto o caminho para o emissário da Casa Branca, dr. Henry Kissinger, seguir de avião para travar conversações com o primeiro ministro Chou En-Lai e ter um encontro extraordinário e cordial com o presidente Mao Tse-Tung.

O dr. Kissinger, que visitou, também, o Vietname do Norte, o Laos, a Tailândia e o Japão, e regressou na terça-feira a esta capital, concederá hoje uma conferência de imprensa na Casa Branca.

AVIÃO LÍBIO ABATIDO POR ISRAEL: 92 MORTOS HORROR E INDIGNAÇÃO EM TODO O MUNDO ÁRABE

As capitais de todo o mundo árabe reagiram hoje com horror e indignação à notícia de que um avião comercial líbio fora abatido pelos israelitas, provocando a morte de 92 pessoas. O ministro líbio dos Negócios Estrangeiros, Rashid Al Kekiha, declarou ao jornal caiota «Al Ahram» que «este acto criminoso só servirá para aumentar a nossa determinação de lutar contra os sionistas.» Por seu lado, o presidente Habib Bourguiba da Tunísia en-

viou um telegrama de condolências ao dirigente líbio Muammar Gaddafi em que classifica o incidente como «terrorismo de um novo tipo», salientando ainda: «As forças de ocupação israelita não só atacaram a sangue frio com armas de guerra um avião civil desarmado, num desafio à consciência internacional, como o fizeram a partir de território árabe ilegalmente ocupado. Inclino-nos perante os restos mortais das vítimas desse acto de pirataria que condenamos e denunciaremos».

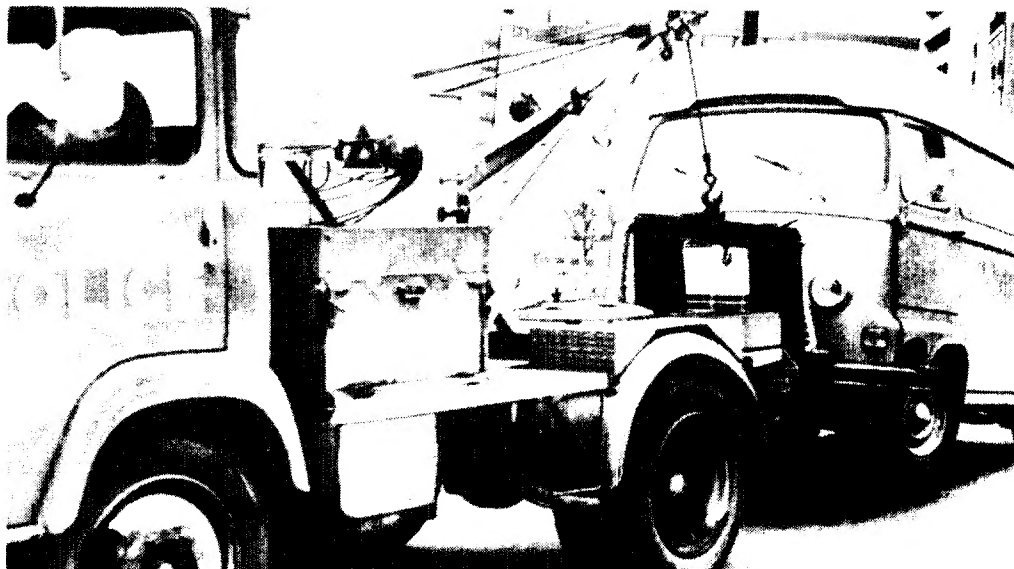


No Cairo, um informador governamental afirmou que Israel se tornou responsável pelo «assassinio premeditado e desumano de mulheres e crianças indefesas», acrescentando que «os bandos sionistas que vivem em Israel pagarão caro às mãos dos árabes». Em Damasco, o ataque ao avião líbio foi considerado como um acto de «pirataria descarada». O informador sírio disse não ser de espantar tal acção por parte dos israelitas, pois não é a primeira vez que eles «atacam civis inocentes, incluindo mulheres e crianças, que bombardeiam e metralham». O presidente Boumedienne da Argélia manifestou também a sua indignação ao presidente Gaddafi. Na Líbia, as primeiras reacções foram de incredulidade ao saber-se do incidente. (R. e DL).

Enquanto líbios e egípcios afirmam que o avião ia de Benghazi para o Cairo, os israelitas dizem que ele partia de Bahrein para Alexandria. O mapa mostra os dois percursos. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

EDIÇÃO
DE 32
PÁGINAS

A urna de Pétain regressa ainda hoje à ilha de Yeu



A furgoneta que a Polícia supõe ter sido usada pelos autores do roubo da urna com os restos mortais do marechal Pétain para o transporte da ilha de Yeu para um destino que ainda se desconhece. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Os restos mortais do marechal Philippe Pétain, retirados ilegalmente do seu túmulo no domingo passado, regressam ainda hoje à ilha de Yeu — anuncia a Polícia francesa, que não forneceu pormenores sobre as circunstâncias em que a urna foi encontrada. A recuperação do corpo do marechal, no quinquagésimo aniversário da batalha de Verdun, verificou-se algumas horas depois de a Polícia ter detido Hubert Massol, de 35 anos, candidato das direitas às próximas eleições, que confessou ter preparado o rapto da urna. Massol foi detido quando estava reunido com vinte jornalistas num café das proximidades do Arco do Triunfo, a divulgar o seu papel no golpe. Um enorme aparato policial rodeará hoje o regresso dos restos mortais do chefe colaboracionista durante a Segunda Guerra Mundial, à ilha solitária de Yeu, no Atlântico, para onde estão a ser enviados reforços da Polícia. (UPI/ANI/R/DL).

LEIA HOJE

No «Suplemento Literário»: Evocação do prof. Jorge Dias; entrevista com Manuel Ferreira; crítica de livros por Carlos Porto e Torquato da Luz; e ainda colaboração de José Augusto França, Mário Vieira de Carvalho, José Luís Porfírio, etc.

LEIA AMANHÃ

«Oitenta mil processos pendentes nos Tribunais de Trabalho» é um dos temas abordados por «Mesa Redonda», o suplemento das sextas-feiras, que inclui ainda: «Ciências empresariais na Universidade Católica»; «A reforma da C.P. já está no papel» e várias contribuições para o debate dos transportes colectivos.

**A CÂMARA PRECISA
DE REVER AS ESTRUTURAS
(Pág. 7)**

DL/OPINIÃO

UMA COOPERATIVA OPORTUNA

Vai para um ano andava entre nós acesa a questão da possibilidade de coexistência da organização corporativa e das estruturas cooperativas, limitada, como seria de esperar, a determinados sectores económicos que presumivelmente beneficiariam dessa espécie de casamento de razão. Como então tivemos ocasião de referir, parecia haver o propósito de passar a esponja sobre um passado ainda bastante próximo. Se o tempo decorrido trouxe alguns retoques ao quadro, não parece que o tenha feito no sentido entrevisto, talvez porque entretanto as perspectivas políticas, caleidoscopicamente móveis levassem a pôr de remissa o que com tanta urgência se defendia.

Por essa altura, no acto do encerramento de um colóquio realizado sob o tema «Organização corporativa da lavoura e cooperativas», o secretário de Estado do Trabalho e Previdência pronunciava estas prometedoras palavras: «A Secretaria de Estado da Agricultura e o Ministério das Corporações estão vivamente empenhados nesta articulação e no propósito do fortalecimento das instituições representativas e de apoio da nossa agricultura. Não viemos aqui tirar conclusões definitivas, mas sim debater uma questão que sabemos muito importante e para a qual se torna urgente encontrar adequada resposta. Esta, afinal, a única e grande conclusão do colóquio: não devemos demorar a definição legal de uma articulação que, pondo termo a duplicações e desentendimentos, reforçando meios humanos e materiais, só poderá conduzir ao aperfeiçoamento da política económica e para a melhoria do nível de vida de quantos empregam o seu esforço ao serviço da lavoura nacional.» E nós comentávamos: «Difícilmente se poderia ir mais longe no reconhecimento público de uma urgência.»

Qual será o futuro deste propósito, primeiro vivíssimo, depois posto em surdina, não somos pitonisas para o adivinhar. Mas temos aqui à mão um caso que precisamente poderia servir de teste (ou já estará servindo) para ver até que ponto harmonicamente se poderá instaurar a «definição legal da articulação» então desejada: a esta hora, trabalha-se em terras da Beira para a consolidação de uma cooperativa florestal que congregue os «interesses da grande maioria dos pequenos produtores, submetidos à dominação incontrolada dos grandes monopólios da indústria madeireira». Como oportunidade de enraizar (nunca este verbo teve mais adequada aplicação...) o ideal cooperativo, a partir de uma situação social e económica evidentemente propícia, não se pode desejar melhor... Resta que não se levantem embaraços nem se abram ratoeiras, que os interessados directos compreendam onde está o seu interesse e que as dificuldades não levem àquele mesmo desespero impotente com que se vê arderem as matas que tão lentamente crescem...

Aliás, ainda está na memória de toda a gente, e provavelmente a esta hora em fase adiantada de trabalho prático, a doutrina expandida pelo ministro da Economia sobre o modo como há-de distribuir-se, em matéria de cultivo e aproveitamento económico, a terra portuguesa: tantos por cento para a lavoura, tantos por cento para a floresta. E também a ninguém esqueceu, pois não foi pequena a surpresa, que a superfície destinada às árvores surpresas, pela sua enorme extensão, modificar profundamente a fisionomia ecológica do País e influir no seu teor económico-rural.

A tentativa em curso, e a que acima nos referimos, para «novo e definitivo arranque no sentido de corporizar a ideia inicial em sólida estrutura cooperativista que eleve o sector florestal ao nível a que tem direito», reacende-se na hora própria e é, repetimos, um bom teste para ajuizar das possibilidades futuras deste domínio. Em suma: faz-se ou não se faz a articulação?

Electrificação e festa

Publicou o «Diário do Ribatejo»: «Empenhado na electrificação de todo o nosso vasto concelho (Santarém, a capital do distrito), já com uma cobertura de mais de noventa por cento da rede de distribuição, a Câmara da nossa cidade deslocou-se no domingo à tarde a cinco lugares da freguesia de Abrã, onde se procedeu à inauguração, entre música e foguetes, dos respectivos postos ou cabinas.

«Além do presidente do Município, sr. João de Almeida Noronha Azevedo, estiveram presentes...». Segue-se uma longa lista de personalidades que, com os títulos de cada uma, ocupa cerca de 30 linhas de texto, mais largas do que estas.

Assinada por L. R., a notícia continua citando o que se passou em quatro dos locais visitados. E segue:

«Porém, o expoente máximo da recepção estava concentrado no Cortiçal! Ao som da banda e de morteiros, cujo eco parecia abalar a serra, já noite, com a luz de potentes lâmpadas rasgando as trevas de muitos séculos, entre os aromas do rosmaninho, do pinheiro e do eucalipto, reforçado pela humidade recente, a cabine entrou em funcionamento, banhada de luar e do calor daquela gente simples e ávida, também, de progresso! Com os caminhos marginais de viçosos ramos de uma flora heterogênea que parecia mesmo enraizada; muita arte nos atapeados de verdura, arcos, festões, flores e as mais diversas decorações coloridas; um belo edifício onde foi servido um selecto beberete por uma casa especializada de Santarém, um improvisado pavilhão decorado com extraordinário gosto artístico, aquele povo do Cortiçal e arredores, reunido ali em massa, deu uma lição de unidade, de civismo, de uma vontade serrana capaz de envergonhar qualquer cidade pedante e maldizente! E pediu! Pediu arranjo de estradas e pediu água, que tem de pagar muito caras, uma pelos estragos e atarazas, outra pela cárcia.

«Pronunciaram os seus discursos, através de uma impecável instalação sonora e para um povo atento, que já não usa carapuça nem varapau, os srs. Eduardo Reis, da comissão de melhoramentos locais; Ezequiel Ferreira da Costa, presidente da Junta de Freguesia de S. Bento; e Manuel Guilherme Martins, presidente da delegação em Abrã da Casa do Povo de Santarém.

«O sr. presidente do Município, em palavras bem sentidas, agradeceu o elevado significado de todas as manifestações de solicitude e de carinho recebidas, e embora nada promettesse — porque nunca promete! — disse que não esqueceria nunca as necessidades e os anseios dos povos do Norte ribatejano.

«No beberete, falou o sr. dr. Virgílio Arruda e foram feitos vários brindes».

Tudo por se terem inaugurado, no concelho de Santarém, capital de distrito, cinco postos ou cabinas de electricidade.

Salário mínimo

«O salário mínimo deve não só aumentar mais do que o custo de vida, como também mais do que os salários médios», afirmou o ministro do Trabalho espanhol, Licinio de la Fuente, ao jornal de Barcelona «La Vanguardia Española». Afirmou ainda o ministro que «os critérios do Governo, e evidentemente também os meus, a respeito do incremento do salário mínimo são os de conceder o máximo que permitam os níveis gerais de desenvolvimento alcançados, dentro do critério de redistribuição que preside à nossa justiça social».

QUADRATIM

ISABEL DA NÓBREGA

110 DECIBÉIS

— Ou mais, murmurei eu, respondendo à informação imediata, e também num plano mais subterrâneo mas que logo abriu caminho na superfície iluminada da consciência a esse movimento de onda pesada que é a memória dolorosa. A revista frívola estava ali, aberta diante de mim, com a sua sedução fácil de cores e de palavras habilmente filtradas... Mas a gravidade das coisas do mundo é tal que acaba por alastrar sobre a lisa película protectora, agravando mesmo, pela força do contraste, a impressão que se pretendia talvez diluir.

Seja como for, aqui está o grito como terapêutica. Já se dizia que o riso faz bem ao fígado, não tarda que afirmemos, com a certeza que caracteriza as novas convicções, que o grito faz bem à alma. E pelo menos o que se pensa (e pratica) nos Estados Unidos e em França. O médico reúne os seus doentes, uns vinte por sessão, sentados em círculo numa sala insonorizada, alcatifada e forrada de cortiça. Que se faz ali? Ali grita-se, grita-se até ao uivo, à estridência insuportável, à decomposição dos traços do rosto, arrebatados na torrente de fúria, de raiva, de ódio, de amor, de desgosto sufocante, que de repente se liberta.

Cada um dos doentes se levanta para gritar e para articular, gritando, aquelas palavras-montanhas que lhe esmagam o espírito, para trazer cá para fora as tenazes que repuxam as tripas com a mesma quase demência com que as mãos arrancam os cabelos ou as unhas abrem caminhos de sangue no rosto. E desta maneira inesperada, em grito e

ranger de dentes, se lançam contra as paredes protegidas, e contra os companheiros de mágoa o que antes e só segredadamente se confessava na intimidade do psicanalista.

Diz-se que o método traz bons resultados, e eu acredito. Tanto que, ressaltando a pretensão e desculpado quem, por lhe faltar simpatia humana, o duvide, descobrirei-o em antigos tempos que o esforço da memória estava agora traçan-



do, feitos de uma sombra espessa como uma total cegueira a que só valessem as mãos perdidas, tacteantes, lançadas para a frente num gesto impreciso, a todo o momento quebrado, como quem mal se defende do desastre. Aí pode surgir o grito, os 110 decibéis do uivo humano, das tripas dilaceradas, da alma infinitamente triturada. Eu sei.

Agora leio isto, e é quando o comunico que a uma secreta gaveta me vão buscar algumas

cartas, e delas facilmente, como caminho que bem se conhece, retiram uma, a abrem, a me apontam uma passagem onde as letras se enrolam e desenrolam num diagrama que de certo modo me descobre precursora de um invento que não desejaria. Assim escrevi em tempos de desastre: «Há momentos em que dobrados pela cintura a soluçar, o grito sobe, rasga as vísceras e sobe — e não há vizinhos nem vergonhas nem medos — sobe como para nos libertar da morte viva. Conheço agora a ressonância interna do rugido, do uivo repetido e prolongado, e nada tenho feito para lhe pôr um pedal abafador. As minhas entranhas vão nele. Devia, sabes, continuar a haver ofício de carpideira. Quando fosse preciso velar um morto, ou um amor morto, perdido, ou assim, amariam procurar-se pessoas que estivessem verdadeiramente infelizes e desesperadas sobre a terra e convidavam-se para virem gritar, gritar, ali onde fosse próprio e não escandaloso, e elas gritavam, gritavam, e seria, talvez, ao fim de muito tempo, uma maneira justa de se libertarem da morte vivida.»

Releio o que escrevera e ouço-me gritar ainda. Torno a olhar a revista benigna, recém-chegada, o artigo simplificado onde se vão levantando as pessoas e gritando, uma a uma, gritando e clamando. Mas alguém ali as ouve, ao passo que algumas vezes o grito é lançado contra uma solidão que parece sem remédio, que tantas vezes o não tem, mas que teimosamente vamos inventar de novo para que melhor se ouça o murmúrio pacífico da felicidade humana (mente) possível.

Exclusivo LE MONDE / «DL»

MARCEL NIEDERGANG

Brasil-os índios do perímetro norte

Os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas, etnólogos brasileiros de renome mundial, teriam decidido renunciar às expedições à Amazônia e ao Mato Grosso, aonde há trinta anos estudam a vida das tribos índias. «De cada vez que entramos em contacto com tribos — declararam em 7 de Fevereiro — contribuímos para a destruição dos mais puros tesouros que elas possuem».

Os irmãos Villas Boas, cujos nomes foram citados para o Prémio Nobel da Paz, têm-se esforçado sempre, sôzinhos ou em colaboração com a Fundação Nacional dos Índios, que sucede ao Serviço de Protecção (S.P.I.), por preservar os costumes dos índios tocados pela civilização.

«Os índios pacíficos» — dizem eles hoje — perdem, de facto, o seu carácter e a sua autenticidade. A sua cultura é corrompida pela intrusão do mundo civilizado. Deixam de ser livres e desinteressam-se da sua própria cultura. Não existe ainda no Brasil nenhuma política índia que possa, ao mesmo tempo, pacificar o índio e isolá-lo do contacto com os brancos. Nada temos podido fazer para evitar a degeneração da raça índia e o aumento da corrupção».

Os irmãos Villas Boas, que acabam de estabelecer contacto, pela primeira vez, com os índios Cranhaçacores, têm sido defensores ardentes do par-

ameaçado do Xingu, hoje aquecido pela construção da BR 90. Outras ameaças pairam sobre as comunidades índias que serão afectadas pela construção do perímetro Norte, a nova Transamazônica.

A gigantesca Transamazônica, que ligará dentro de alguns anos as duas costas, atlântica e pacífica, do continente sul-americano, não é a única estrada inscrita no programa brasileiro de integração nacional (PIN) que dispõe de perto de 500 milhões de dólares de crédito. Outras construções, por exemplo de Cuiabá a Santarém ou de Manaus a Boa-Vista, devem abrir novas vias, quase em linha recta, através das regiões mais densas da grande floresta amazônica. Porém o projecto mais espectacular, consiste em bordejar a fronteira setentrional do Brasil: será o perímetro Norte.

Correndo ao longo das Guianas, ricas em bauxite, depois o curso meridional da Venezuela, domínio ainda reservado aos pesquisadores de ouro e de diamantes, dominado pelos índios Yanomani sobre os quais quase nada se sabe, o perímetro Norte, de um comprimento de uns 4.000 quilómetros, do Atlântico a Cordillera dos Andes, tem um interesse estratégico evidente. Deve per-

mitir ao Brasil, cujo apetite de espaço vital inquieta os vizinhos, controlar melhor os limites frequentemente imprecisos de uma bacia amazônica com riquezas potenciais ainda incompletamente relacionadas.

O perímetro funcionará, também, aos olhos onerários do INCRA (Instituto de Reforma Agrária e de Colonização) novas possibilidades para a instalação de aldeias agrícolas e de cidades rurais, no estilo daquelas que fizeram a sua aparição em Altamira, junto ao trecho transamazônico, entre Belém do Pará e Santarém.

Porém, esta nova sangria brutal através de uma das últimas grandes florestas tropicais do planeta não se faz sem reavivar as inquietações dos sábios. No ano passado, os peritos alemães já tinham avisado as autoridades brasileiras que a Transamazônica podia perturbar gravemente o equilíbrio ecológico da Terra, pois, diziam eles, «a floresta amazônica produz metade do oxigénio do planeta».

Um perito da FAO observou que certas zonas próximas de curso de água estavam transformadas em verdadeiros desertos depois do desbastamento da floresta. Joaquim de Carvalho, secretário-geral do Instituto Brasileiro para o Desenvolvimento Florestal (I.D.B.F.) calculou que a substituição, em determinados sectores, da

Continua na pag. 15

UM JORNAL
EM PERMANENTE EXPANSÃO
MOTOR BI SEMANÁRIO
EDIÇÃO DOS DESPORTOS
MOTORIZADOS
AS SEGUNDAS-FEIRAS
DE MANHÃ
A PARTIR DO DIA 24
COM O SUPLEMENTO
(MOTOR JUNIOR):
REPORTAGENS, NOTÍCIAS,
FOTOGRAFIAS A CORES
DE FUTEBOL E OUTRAS
MODALIDADES
PREÇO 3\$50



DL/NACIONAL

IMPORTAÇÃO DE LEITE O GOVERNO VAI TENTAR EVITÁ-LA

A Administração vai fazer esforços para que se evite a importação de leite nos próximos períodos de crise. De resto, a importação de leite espanhol verificou-se para satisfazer uma procura sempre elevada no princípio do Outono e Inverno que coincide com a baixa de produção sazonal, diz-nos o dr. Cotta Dias vice-presidente da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, esta manhã contactado sobre a sustentação da importação de leite do país vizinho.

Para evitar que se registem maiores dificuldades no abastecimento de leite, o Governo resolveu importar do Norte de Espanha cerca de dois milhões de litros de leite por um período determinado de início (desde princípios de Dezembro até Março). Chegou-se a Fevereiro e a Espanha não convinha continuar com a exportação. Como nós já estávamos a entrar nos meses de maior produção (Março, Abril e Maio) deixámos de importar leite; em 13 deste mês. Mas tudo isto é um fenómeno perfeitamente normal. Até ao ano passado a Espanha tem importado leite de França. Este ano é que houve uma subida espectacular na produção espanhola. A Itália importa leite da Alemanha e da Suíça. Os ingleses importam iogurtes. Não vejo realmente razão para toda uma especulação que se fez à volta deste assunto.

A importação de leite espanhol, cuja quantidade em Dezembro de 1972 não deve ter chegado aos 500 mil litros nos 5 milhões e 55 mil litros de consumo total em Lisboa, permitiu uma maior disponibilidade de distribuição do produtor a outros centros populacionais, principalmente os da periferia da capital. O leite espanhol, todo pasteurizável e de muito boa qualidade foi vendido nos dois últimos meses sem qualquer discriminação, em garrafas timbradas

da Central Pasteurizadora, ao mesmo preço que o leite nacional.

Sobre a possibilidade de, após os meses de maior produção nacional, o país voltar a necessitar de importar leite para satisfazer a procura naturalmente crescente, o dr. Cotta Dias afirmou estar a «Administração disposta a fazer esforços para que essa importação seja evitada».

Bem vê, a produção nacional está a subir talvez cerca de 10 por cento. Subiu o ano passado em relação a 1971 e prevê-se que a subida se mantenha. Só em leite especial (Vigor e Ucal) se verificou um aumento de 12 para 18 milhões de litros, de 1971 para 1972. No entanto, esta espécie de produtores (cerca de 35) que produziram tanto leite como 1982 produtores do concelho de Mafra são os únicos a ter explorações dimensionadas a nível europeu. A nossa estrutura de produção leiteira é muito fundamentada na exploração de uma, duas ou três vacas por estábulo e a incidência de efectivo médio é relativamente pequena. Os pequenos produtores, que são a maioria, produziram, só no concelho de Mafra, como já se disse, cerca de 18 milhões e meio de litros de leite em 1972, mais de 17 milhões dos quais da classe A. Portanto de boa qualidade. Mas não lhes é possível aplicar, na dimensão reduzida das suas explorações agrícolas, técnicas avançadas que aumentem a produção pois, para começar, não podem aumentar muito mais o número de vacas. Mas este baixo número de animais está relacionado com a própria estrutura agrícola e não é possível fazer muito mais.

E acrescenta:

De qualquer modo, como já disse, prevê-se que a produção leiteira nacional continue a aumentar pois o Governo está a reforçar as medidas de fomento dessa produção.

Portugal continental está a produzir cerca de 550 milhões de litros de leite por ano.

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

DELEGAÇÕES EM NOVA IORQUE E LOS ANGELES

Dentro da sua campanha de expansão das exportações portuguesas, o Fundo de Fomento de Exportação inaugurou delegações em Nova Iorque e Los Angeles. Presidirão às cerimónias os dres. Amaro de Matos Nelson Trigo e Sarmento Pinto, presidente e vice-presidente e assistente da presidência do FFE, estandopresentes o embaixador de Portugal em Washington e o consul-geral em S. Francisco, bem como personalidades americanas e jornalistas.

O FFE passa a dispor de 16 delegações: 11 na Europa, 2 nos Estados Unidos, 1 no Canadá,

Japão e Líbano. Em Março, será inaugurada a delegação no Brasil em S. Paulo.

HOMENAGEM AO PROFESSOR CAMPOS COELHO

Por iniciativa dum grupo de antigos alunos do Conservatório, vai realizar-se, no próximo dia 27, na Sociedade de Geografia, um jantar de homenagem ao prof. Campos Coelho. As inscrições encerram-se amanhã, 6.ª feira, na Rua do Carmo n.º 11, em Lisboa.

ASSALTADO TRÊS VEZES EM TRÊS MESES

Dois indivíduos, que depois se puseram em fuga, assaltaram, ontem à noite, na Rua António Pedro, João da Cunha, de 70 anos, proprietário de uma pequena tabacaria existente junto ao antigo Café Martinho, furtando-lhe vinte contos em dinheiro e noventa em valores selados.

João da Cunha ainda gritou «agarram-nos que são ladrões!», mas quando alguns transeuntes acorreram ao seu apelo já os gatinhos iam longe. Dirigiu-se então ao Governo Civil onde participou a ocorrência, afirmando ser esta a terceira vez em que é assaltado nos últimos três meses: duas no próprio estabelecimento e agora em plena rua.

FORAM AO CINEMA ACABARAM NA PRISÃO

O filme exibido, ontem à tarde, no Animatógrafo do Rossio, estava a despertar o entusiasmo da numerosa assistência, mas as opiniões entre os espectadores eram bastante contraditórias. Entre os mais exaltados encontravam-se o estivador Morreva e o publicista Fortes que, durante a projecção de uma das cenas mais polémicas, se envolveram à pancadaria.

O polícia de serviço que tentou acalmar os ânimos foi recebido a soco e a pontapé e só com a ajuda dos arrumadores do cinema conseguiu dominar a situação. Os dois desordeiros acabaram por recolher aos calabouços do Governo Civil.

O PROGRAMA DO CARNAVAL CARIOCA

RIO DE JANEIRO, 22 A entidade responsável pelo turismo na Guanabara divulgou o calendário carnavalesco para o ano de 1973; este ano, o Carnaval terá início às zero horas de sábado, 3 de Março, altura em que a cavalaria da Polícia Militar desfila, executando a marcha vitoriosa da ópera «Aida».

No sábado, às 18 horas, terão início os desfiles na avenida Presidente Vargas. O primeiro será o dos blocos de Frevo, uma dança nordestina brasileira. Depois haverá o desfile dos blocos

carnavalescos. No domingo haverá o desfile das escolas de samba, na segunda-feira o desfile dos ranchos e na terça-feira o desfile das grandes sociedades.

Quanto a bailes, haverá no sábado o do Hotel Copacabana Palace, e na segunda-feira, o do Teatro Municipal, os principais no calendário oficial.

Effectua-se na terça-feira o baile «Uma Noite em Bagdad»; no Clube Monte Líbano, e o encerramento das festas será no sábado, 10, no Clube Sirio-Libanês, com o «Baile da Criação das Tristezas».

Uma fábrica de artigos regionais na Nazaré

Uma Comissão de pequenos industriais, armazénis e retalhistas da Nazaré esteve antontem em Lisboa, reunida com o presidente da Corporação do Comércio, a quem solicitou melhores esclarecimentos relativamente à criação de uma grande unidade fabril, associando produtores e vendedores de artigos regionais, para uma maior expansão destes, no tocante a fabrico e a exportação.

Prevê-se ainda a instalação de lojas atractivas e funcionais bem como a montagem de uma linha de fabrico que oferecerá melhores garantias ao pessoal trabalhador como seja, Previdência, Seguros e, até, a participação nos possíveis lucros da empresa comum.

Como já em tempos noticiámos o artigo «forte» da nova empresa a constituir será a conhecida boneca da Nazaré.

Refinarias do Norte e do Sul

O inspector-geral de Finanças, dr. Vasco Nunes da Silva foi exonerado, a seu pedido e com público louvor, de presidente da Comissão de Fiscalização da Ampliação da Refinaria do Porto e de componente da Comissão de Fiscalização da Nova Refinaria do Sul.

Para a comissão da Refinaria do Sul vai o dr. José Lucia-

ria do Sul vai o dr. José Lucia-no de Mendonça Sollari Alegro, director-geral dos Serviços da Junta do Crédito Público, e são designados presidente da comissão da Refinaria do Porto o eng. Luís Filipe de Moura Vicente, director-geral de Combustíveis e, para fazer parte dessa comissão, o dr. Sollari Alegro.

Actividade do Fundo de Turismo de Moçambique

LOURENÇO MARQUES (L) Conta o Fundo de Turismo de Moçambique, para fazer face às suas despesas no corrente ano, com a verba de 27.500 contos, que se refere à participação do referido Fundo nas seguintes realizações ligadas ao turismo: 4000 contos para as obras de ampliação da pousada da Ilha de Moçambique; 400 contos para projectos de estruturas turísticas, incluindo hotelaria; 2100 contos para aquisição, construção, instalação e apetrechamento da escola hoteleira; 1000 contos para promoção do turismo, incluindo elaboração e divulgação da filmes; e 5000 contos para anfiteatros e recintos de espectáculos de interesse turístico a construir em Lourenço Marques, Beira e Porto Amélia.

Além disto, o Fundo de Turismo participará ainda nas seguintes realizações integradas no III Plano de Fomento: estudo de aproveitamento do potencial turístico natural e visitas de estudo, para o que despenderá 1000 contos; construção de escolas hoteleiras, em que aplicará uma verba de 7000 contos; e 5400 contos para construção, aquisição e actualização de estabelecimentos de turismo.

Segréis de Lisboa: êxito em Paris

No Centro Cultural Português de Paris realizou-se com êxito o concerto dos Segréis de Lisboa, que apresentaram música da Idade Média e do Renascimento. Assistiram mais de 400 pessoas, que aplaudiram com entusiasmo aquele agrupamento artístico. Entre as personalidades presentes viam-se o conselheiro Mesquita da Cunha, em representação do embaixador de Portugal, cônsul de Portugal, muitos músicos, professores universitários e estudantes.

Informação económica

Saldo negativo nas trocas entre Itália e Espanha

Em 1972, o saldo negativo da balança comercial com a Itália deve ter atingido, senão ultrapassado, o montante de dois milhões de contos. Entre Janeiro e Outubro, as exportações de Portugal para a Itália somaram 757 mil contos, enquanto as importações atingiam 2.507 mil contos. Tal situação não constitui novidade, assistindo-se, sobretudo desde 1965, à acentuação da desigualdade nas trocas entre os dois países: as exportações nacionais crescem lentamente, incapazes de compensar a rápida progressão das vendas italianas. Tem-se uma imagem mais precisa da desigualdade, se analisar a composição das trocas entre os dois países.

Em 1971, as principais exportações para a Itália foram cortiça, conservas de peixe, matérias primas para o fabrico de papel, produtos minerais (sobretudo mármore e combustíveis minerais). Em contrapartida, recebeu máquinas e aparelhos (sobretudo electrodomésticos e material electrotécnico), automóveis, produtos químicos, materiais têxteis e matérias plásticas. Tem interesse verificar que o preço médio de cada tonelada exportada é cerca de 3 contos, enquanto cada tonelada importada custa perto de 15 mil escudos. As exportações para a Itália representam 2,64 por cento das exportações portuguesas e as importações 5,21 por cento.

Em relação a Espanha, apesar do relativo atraso industrial do país vizinho, a situação não é muito diferente. A Espanha é o 6.º fornecedor estrangeiro de Portugal, imediatamente a seguir à Itália, e apenas o 12.º por cento mercado estrangeiro: as exportações para Espanha representam apenas 1,7 por cento da exportação total, as importações cerca de 4,8

por cento do respectivo total. Uma publicação recente do Banco Totta e Açores («Survey da economia espanhola») resume os aspectos mais imediatos da evolução das trocas entre os dois países:

«Constata-se que as importações provenientes da Espanha tiveram um crescimento bastante acentuado nos últimos dez anos, o qual não foi acompanhado, na mesma proporção, pelas exportações portuguesas para aquele país. Os principais produtos exportados para Espanha, a partir do final da década de 60, têm sido os das indústrias químicas, pasta para papel e madeira, o que representa, de algum modo, uma alteração na estrutura tradicional das nossas exportações.» (...) «Quanto às importações, também houve uma modificação estrutural correspondente à própria diversificação da economia espanhola e bem evidenciada pelo custo da tonelada importada. Assim, nos últimos anos, importámos de Espanha, predominantemente, máquinas, aparelhos e material eléctrico, produtos da metalomecânica e produtos químicos. É de salientar o peso apreciável (cerca de 450 mil contos anuais) que têm representado as importações de peixes e crustáceos para abastecimento do mercado interno português.»

Assim, os saldos negativos na balança comercial de Portugal com a Espanha vão-se acumulando: mais de 1.500 mil contos em 1970, cerca de 2 milhões em 1971. É também significativa a deterioração das «razões de troca»: o custo por tonelada exportada passou de 1 418 escudos em 1960, para 2766, em 1971, enquanto nas importações de Espanha o mesmo número passava de 2484 escudos para 6775 escudos.

BALANÇO

CUSTO DE VIDA NAS GRANDES CIDADES

Nações Unidas (Nova Iorque), (F.P.) O boletim das estatísticas da ONU publicado este mês confirma que Tóquio é a cidade em que o custo de vida é o mais elevado. Vem a seguir Paris e Nova Iorque.

O índice do custo de vida em Nova Iorque foi calculado em 100, o de Paris em 103 e o de Tóquio em 117. Seguem-se Bona (99), Tanararive e Copenhaga (97), Bujumbura (Burundi) e Djakarta (96) e Haia (95).

Informa ainda que a produção industrial mundial aumentou 4,6 por cento em 1970 e 4,4 por cento em 1971. No primeiro semestre de 1972 o aumento foi de 6,1 por cento esta percentagem (madia) repartida regionalmente era de

8,6 por cento para os países do bloco de leste (sem a Jugoslávia), de 5,7 por cento para a América do Norte, 5,1 por cento para a Ásia e 4,6 por cento na Europa Ocidental.

CONSUMO DE ELECTRICIDADE N.A.C. E. E.

Bruxelas, (ANI) O consumo de energia eléctrica nos nove países da comunidade económica europeia aumentou de 6,3 por cento em 1972 em relação ao ano anterior. Considerando apenas os seis países originais da comunidade económica europeia, o aumento foi de oito por cento — observam os serviços comunitários de estatística.

Seis por cento do total da electricidade consumida vieram de centrais atómicas.

Rádio Marconi

A Companhia Portuguesa Rádio Marconi, concessionária nacional de telecomunicações via rádio e cabos submarinos, acaba de editar um opúsculo em que se in-

cluem indicações úteis, nomeadamente quanto aos serviços telegráfico, radiotelegráfico, fototelegráfico, telefónico e de «telex» e, em anexo, tabelas de taxas.

TV

PARA EDMUNDO DE BETTENCOURT: UMA FATIA DE MEIO SILÊNCIO

... Eis senão quando, morre Edmundo de Bettencourt. Nesse momento, a rubrica literária (ou pouco mais ou menos) da Televisão Portuguesa recorda-se dele. Oferece-lhe uma emissão. Com imagens filmadas.

Não se acuse apenas «Livros e Autores». O dedo indicador deve generalizar-se, apontar-se principalmente para uma certa maneira de ser em tempo que facilita e promove o esquecimento de determinados valores, que promove e facilita o conhecimento, na mais larga escala, doutros valores.

«Livros e Autores» foi a Coimbra de propósito para nos mostrar como alastra a ignorância sobre a vida e a obra de Edmundo de Bettencourt. Vagamente, um estudante conhecia-o como fadista coimbrão, e mesmo assim por intermédio da memória tradicional. Mais nada. Depois disso, foi o deserto.

Está visto que os universitários, se lhes perguntassem, conheciam o Mensurado, o Henrique Mendes, o Mourão-Ferreira, os futebolistas, Conheceriam porque são esses os rostos, as vozes, os nomes que circulam nos grandes ventos. Não há, portanto, que acusar os rapazes e as raparigas de Coimbra. Esses são os menos culpados de todo um processo anticultural que não terminou ainda.

Acreditamos, portanto que a rubrica literária, ou pouco mais ou menos, de televisão, tenha iniciado ontem a marcha para a recuperação de Edmundo de Bettencourt. Que venha a realizar os seus intentos de maneira... como hei-de dizer... de maneira mais útil à divulgação do conhecimento (ou do apetite do conhecimento) do poeta dos poemas surdos.

Assim como foi ontem, não.



cidade a um sabonete perfumado de limão. Teme-se

DETERGENTES MENTAIS E OUTRAS COISAS MAIS

Há certas épocas em que a necessidade de distração ocupa, em nossas vidas, um lugar monstruoso. Desejariamos



Por MÁRIO CASTRIM

não sentir, desejaríamos não fazer o mínimo esforço para pensar. Dois segundos com o nariz dentro da água provocam-nos sufocação. Passar, esquecer, ignorar, evitar o compromisso que o conhecimento implica... eis as faces principais de um comportamento.

Tem razão Alfredo Trope quando coloca as pessoas em guarda contra as facilidades que se procuram no cinema. Não devemos ceder a esses «detergentes mentais» que a má qualidade de Hollywood instaurou no cinema...

O mesmo, por outras palavras, nos veio dizer António Victorino d'Almeida em mais uma das suas «Histórias da Música». Ele veio dizer-nos como é bom conhecer Mahler, como é bom saber que Mahler tem os olhos voltados para onde o Sol nasce. Sabê-lo determinado a lutar por um mundo novo, contra a injustiça e a indiferença (ele diria, recorda-nos António Victorino d'Almeida, que a indiferença é um dos mais graves defeitos deste mundo). Eu diria: um dos piores crimes...

Estivemos, ontem, perante a perfeita exemplificação do método de «Histórias da Música». António Victorino d'Almeida serve-se da humanidade dos compositores como trampolim para criar o amor pela sua arte.

Não se ignora quanto o processo, em mãos menos hábeis,

poderia tornar-se perigoso. E sabe-se mesmo quantas vezes não será de utilizar, por contra-producente. Nem sempre a lição que o artista nos dá se acorda com as lições da sua vida de carne e osso. Ora Victorino d'Almeida está consciente dos perigos latentes; ro-deia-os evitando o mínimo recurso à moralização e ao pagnegrio do bom comportamento. O que ele procura na vida dos compositores é ainda aquilo que pode ter relação com a sua arte. Quando nos mostra Mahler a repudiada «cunha» e a avaliar as pessoas por aquilo que elas têm para nos dar, é a própria expressão da sua arte que se nos representa. Quando fustiga a indiferença é não apenas a sua posição como homem, mas também a sua posição como artista que se nos representa. O seu anticabotinismo, a sua recusa da

glória fácil (e falsa) convidam-nos ao conhecimento da sua arte: como que lhe servem de canção.

Também António Victorino d'Almeida nos vem dizer que é preciso recusar «os detergentes mentais». Com toda a sua grande capacidade de nos comover — de nos encantar — convida-nos a conhecer e a amar a música de Mahler. Meio caminho está andado pois o telespectador começou já a amar e a compreender o próprio Mahler.

O que, assim mesmo, não vai ser nada fácil. Mahler não está no nosso caminho. No nosso caminho estão Canelhas, Manuel Paião, Joaquim Luís Gomes, Nóbrega e Sousa, etc., etc. Absorvidos com tantos compositores geniais, dignos representantes da nossa época, como diabo vai a gente preocupar-se com Mahler?

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DOS COMBOIOS

Serviço especial, de 2.ª classe, para transporte de trabalhadores portugueses destinados ao estrangeiro, de Vila Real de Santo António-Guadiana a Hendaye, às sextas-feiras, de 5 de Janeiro a 30 de Março de 1973.

V. R. DE SANTO ANTÓNIO-GUADIANA	P.	6-25
Vila Real de Santo António	P.	6-27
Tavira	P.	6-54
Fuseta	P.	7-07
Olhão	P.	7-17
Faro	(C.)	7-29
	(P.)	7-30
Loulé	P.	7-51
Albufeira	P.	8-06
Tunes	(C.)	8-12
	(P.)	8-18
Messines-Alto	P.	8-33
São Marcos	P.	8-48
Funcheira	(C.)	9-55
	(P.)	10-40
Castro Verde-Almodôvar	P.	11-12
Santa Vitória-Ervidel	P.	11-35
Beja	(C.)	11-53
	(P.)	14-05
Cuba	P.	14-25
Vila Nova da Baronia	P.	14-49
Casa Branca	(C.)	15-18
	(P.)	15-28
Torre da Gadanha	P.	15-50
Vendas Novas	(C.)	16-07
	(P.)	16-15
Coruche	P.	17-38
Setil	(C.)	18-43
	(P.)	20-20
Entrancamento	(C.)	20-59
	(P.)	21-00
Fátima	P.	21-19
Portugal	P.	21-57
Coimbra-B	(C.)	22-31
	(P.)	22-32
Pampilhosa	(C.)	22-46
	(P.)	22-54
Mangualde	P.	0-10
Guarda	P.	1-32
Vilar Formoso	(C.)	2-13
	(P.)	2-32
Fuentes d'Oñoro	(C.)	2-35
	(P.)	3-00
Medina del Campo	(C.)	6-25
	(P.)	6-46
Irun	(C.)	13-22
	(P.)	13-30
Hendaye	(C.)	13-35
	(P.)	14-40
Paris-Austerlitz	(C.)	22-30

«A MUNDIAL» COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: ESCUDOS 40 000 000\$00

Sede: Largo do Chiado, 8 — Lisboa

São convocados os Senhores Accionistas da Companhia de Seguros A MUNDIAL para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária no dia 30 de Março próximo, pelas 18 horas e 30 minutos, na sua Sede, Largo do Chiado n.º 8, em Lisboa, a fim de:

1.ª — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1972.

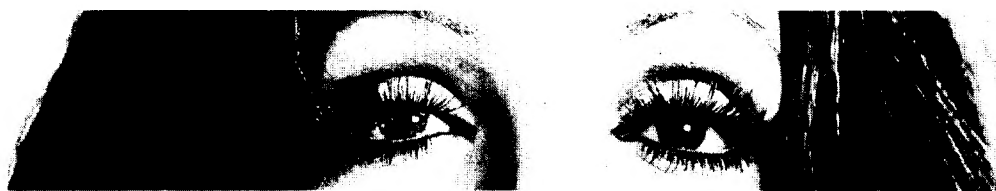
2.ª — Proceder à eleição da Mesa da Assembleia Geral, Conselho de Administração, Conselho Fiscal e Comissão referida no n.º 2.º do Artigo 29.º dos Estatutos.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1973.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) Dr. Tito Castelo Branco Araúdes



Margaret Astor



a mulher mais bela do mundo

Margaret Astor

NOVA LINHA COMPLETA DE MAQUILHAGEM!



VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos:

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

29.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

com **JOSÉ VIANA**
no protagonista

SUA EXCELENÇA O PENDURA

com

DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vitor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Seme-do, Ana Le Matre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

Segundas e quartas-feiras, às 21.45 horas; quintas, sextas e sábados, 2 sessões, às 20.45 e 23 horas; domingos, às 16 e 21.45

3.ª feiras: descanso

HOJE

A NOITE 2 sessões: 20.45 e 23 h.

TELEF. 55 51 33

UMA FABULOSA REVISTA DE BOMAS E MAQUILAGENS

no Teatro MONUMENTAL

UMA PRODUÇÃO DE VASCO MORGADO

COM

CAMILO de OLIVEIRA

EM

MULHERES E COMIGO!

com AIDA BAPTISTA

UM ÊXITO!

LINDA SILVA CRISTINA CASSOLA

VITÓRIA MARIA

THE RED ROSE BALLET

GARÇAS VIANOS

AMANHÃ: 2 sessões, às 20.45 e 23 horas

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

9.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIROS

Sexo, nunca! somos britânicos...

No elenco

IRENE ISIDRO

Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS

Encenação de

Maria Helena Matos

2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª: As 21.45 h.

6.ª FEIRAS, SÁBADOS E DOMINGOS — 2 sessões: As 20.45 e 23 HORAS

DOMINGOS — «Matinées» 16 h.

DL/ESPECTACULOS

SIMONE: ganhar não é importante

Simone de Oliveira: o regresso depois de quatro anos de ausência começa sob os melhores auspícios: ela recomenda agora como acabou há anos, interpretando uma canção de Ary dos Santos num Festival TV da Canção. A diferença: a música, desta feita, não é de Nuno de Nazareth Fernandes, mas sim de Fernando Tordo, e Simone canta três tons abaixo. Porque participa Simone neste festival?

«Porque é, interiormente, muito importante para mim e, evidentemente, porque o Fernando Tordo e o José Carlos Ary se lembraram de mim.»

Era importante para Simone participar no Grande Prémio TV da Canção Portuguesa. Há quem esteja, nestas coisas de festivais, tão interessado em participar que aceitaria uma canção qualquer só pela «honra» de estar presente num festival. Quanto a Simone, não é isso que se passa: ela gosta mesmo da canção «Apebas o meu povo». E diz:

«Se não gostasse da canção, garanto que não ia cantá-la.»

Simone irá a pensar na vitória? A resposta veio, rápida, sem qualquer espécie de hesitação:

«Não ganho!»

Porquê? Não acreditará a in-



terprete nas possibilidades da canção que Tordo e Ary lhe ofereceram? Uma questão de falta de confiança em si própria? Respeito pelos outros intérpretes e autores? Apenas humildade? Nada disso: «Para mim, ganhar é uma questão de somenos importância.»

IV Festival Internacional do Filme Turístico

John Grierson é uma figura universalmente apreciada pelo muito que fez para a consciencialização do espectador cinematográfico através da realidade filmada sem subterfúgios. A ele se deve a fundação do movimento documentarista na Grã-Bretanha nos finais dos anos 20, quando deu uma visão inesperada dos pescadores britânicos em «Drifters», uma obra plena de lirismo e de compreensão humana. Este é o filme que inaugura a homenagem prestada a John Grierson durante o IV Festival Internacional do Filme Turístico e na qual se incluem outros filmes a que o nome deste pioneiro se encontra ligado: «Song of Ceylon», «Night Mail», «Colour Box», «Love on the Wing», «Neighbours», «The Heart of Scotland», «Seawards the Great Ships» e «I Remember, I Remember».

A Alemanha Federal participa nesta manifestação com os filmes: «Happening in Weiss», um documentário de Gunter Sachs que tem como objectivo captar a beleza do esquí; «Grosser Sport mit Kleinen

Booten», filme colectivo dirigido por uma equipa de Inter Nations, descrevendo a dureza do desporto da canoagem; e «Waldland Wittgenstein», realizado por Paul Kellerman com o fim de mostrar as belezas do Parque de Wittgenstein.

«The Centre», de Steve Bowman, representa a Austrália. Trata-se de uma curta metragem mostrando as atracções turísticas do centro australiano.

«Maltamour» uma película dirigida por Murray Grigor, faz parte da selecção britânica para a secção competitiva do festival. É uma descrição do passado histórico de Malta, da sua importância estratégica e da metamorfose que sofreu nestes últimos tempos para se tornar numa das regiões mais solicitadas por turistas de numerosos países.

O júri do IV Festival Internacional do Filme Turístico é constituído pelas seguintes personalidades: Forsyth Hardy, crítico e produtor de filmes; Marlina Frick, jornalista britânica; Francis Bolen, historiador de cinema; Lauro António,

crítico e dirigente cineclubista; e José Carrasco, especialista dos problemas de turismo.

Cerca de oitenta filmes serão exibidos nos cinco dias em que decorrerá este festival: de 9 a 13 do próximo mês de Março. Os países que participam nesta manifestação são os seguintes: Israel, Suíça, Suécia, Holanda, Inglaterra, Itália, Austrália, Japão, França, Portugal, Grécia, Noruega, Filipinas, África do Sul, Bélgica, Canadá, Alemanha Federal, Espanha e Estados Unidos.

Os bilhetes de livre trânsito, dando direito a assistir a todas as sessões do Festival, encontram-se já em distribuição na Agência de Informações do Palácio Foz, na Praça dos Restauradores.

Sete anos de Jazz

A emissão comemorativa do 7.º Aniversário do programa «5 Minutos de Jazz», que durou duas horas e meia da programação da Rádio Renascença, foi um dos acontecimentos que assinalam a data que coloca a rubrica de José Duarte na situação da mais antiga e agora única programação dedicada ao Jazz na Rádio portuguesa. Para além disso, e como notícia oportuna, vamos realizar-se um concerto e uma exposição. O concerto será dado por Frank Wright Quartet no dia 29 de Março, às 18 e 30, no Monumental. Quanto à Exposição, que se realizará na livraria Opinião, com o apoio desta e da Rádio Renascença, subordinada ao título «O Som, a Imagem e a Bibliografia Jazz», constará de revistas, discos, cartazes, fotografias, livros, recortes, «slides» e jornais, e vai ser inaugurada no próximo dia 5 de Março.

Sete anos de «5 Minutos de Jazz» significam 2500 emissões da rubrica de José Duarte.



O "Atrium Musicae" na Gulbenkian

No prosseguimento da sua temporada musical de 1972/73, a Fundação Gulbenkian apresenta amanhã, dia 23, às 18 e 30, no Auditório Dois, um concerto de música da Idade Média, pelo Quarteto espanhol Atrium Musicae, dirigido pelo musicólogo e alaudista Gregorio Paniagua. Incluem-se no respectivo programa obras hispânicas dos séculos X a XV, entre as quais várias «Cantigas de Santa Maria» de Afonso X, e trechos de Juan de la Encina, de Teobaldo I (Rei de Navarra), Martin Codax, Marcabru, etc.

Trata-se, pois, de um acontecimento de interesse, dada não só a sua qualidade mas também a raridade, entre nós, deste tipo de manifestações musicais.

Constituído em Madrid no ano de 1964, «Atrium Musicae» é um agrupamento de câmara especializado na investigação e interpretação da música da Idade Média e da Renascença, e que para o efeito utiliza cerca de trinta diferentes instrumentos próprios da época, originais e reproduzidos segundo modelos dos séculos XII a XVI.

Muitos dos instrumentos antigos da colecção particular do Atrium Musicae — com que poderia formar-se um pequeno museu — foram fabricados ou reconstruídos pelos próprios componentes deste agrupamento, com base em ilustrações de códices e manuscritos medievais, baixos relevos e esculturas de templos românticos e góticos de Espanha e toda a Europa, assim como na extensa organografia instrumental destas esculturas. A preparação e realização dos programas, concertos e gravações do Atrium Musicae orientam-se de acordo com os estudos musicológicos do seu director, Gregorio Paniagua.

O Quarteto Atrium Musicae actua com frequência nos mais diversos centros musicais do país vizinho, quer em mosteiros e catedrais, quer em salas de concerto, teatros e na televisão. Tem participado em festivais e cursos de música antiga realizados em Espanha e outros países. Em Outubro de 1971, deu um concerto no Metropolitan Museum of Art, de Nova Iorque, concerto esse com que iniciou uma longa digressão pelos Estados Unidos e Canadá.

O primeiro disco do Atrium Musicae, dedicado às «Cantigas de Sta Maria» de Afonso X, foi gravado no Mosteiro de Silos e na Colegiada Gótica de Covarrubias, em Burgos, em 1968. Esta gravação foi distinguida com os seguintes galardões: Primeiros Prémios do Disco de Música Antiga em Barcelona (1969) e Madrid (1970), Primeiro Prémio Disco de Ouro do Festival Internacional de Arte do Japão (Tóquio, 1971), Prémio Extraordinário da Academia Charles Cross (Paris, 1972), e Grande Prémio dos Discófilos da ORTF (Paris, 1872).

Tania Pegova em Paris

Enquanto permaneciam em Londres o empresário Sérgio de Azevedo e o actor-autor Francisco Nicholson, a coreógrafa Tania Pegova partia para Paris. Movimentam-se, portanto, os responsáveis pela revista «É o Fim da Macacada». A partida para Paris, a coreógrafa apenas disse: «Estarei na capital francesa apenas o tempo suficiente para descobrir novidades «Pró Menino e Pró Menina» título da revista que actualmente se prepara no ABC.

INGLESAS NO FESTIVAL



Um trio de inglesas participa, de certa maneira, no Festival da Canção desta ano. Elas vão cantar a parte do coro das canções de Duarte Mendes e Tonicha, respectivamente «Gente» e «A Rapariga e o Poeta», ambas de José Calvário e José Niza. Uma delas é irmã

de Clodagh Rodgers, a cançonista britânica que apresentou o seu país no Festival da Eurovisão, em Dublin, em 1971. Segundo o que nos informaram alguns participantes no Festival, cantam muitíssimo bem. A ver vamos. O dia 26 está à porta.

"Marmalade" no tribunal

ÁFRICA DO SUL — O empresário e os quatro elementos «pop» do grupo britânico «Marmalade» compareceram no tribunal de Durban, acusados de posse ilegal de marijuana. São Keith Bradley, empresário do grupo, de vinte e dois anos, e os músicos Douglas Henderson, de 22, Michael Japp, de 20, Dean Ford, de 27, e John Knight, cuja idade não foi revelada.

Foram libertados sob caução de 50 rands cada um. Haviam sido presos na segunda-feira, ao saírem do mercado indiano de Durban.

FESTIVAL DE NEWPORT

NOVA YORK — O vigésimo Festival de «Jazz» de Newport efectua-se ainda este ano em Nova York tal como acontecera no ano passado. Decorrerá de 2 de Junho a 8 de Julho.

GIL VICENTE CASCAS

HOJE, às 22 horas
Domingo—Só às 17 horas

AS CRIADAS

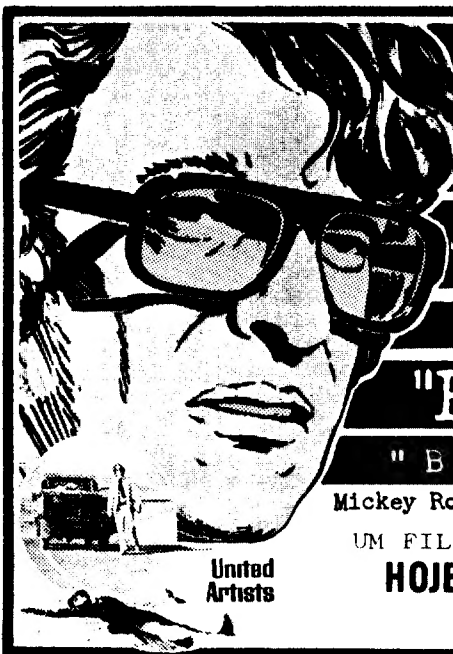
de GENET
ÚLTIMA SEMANA
Telef. 280919 — M/ 18

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Augusto Conceição Correia, R. Alexandre Herculano, 16 ODEMIRA

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO



MICHAEL CAINE

Joga com as mulheres...
Joga com a corrupção...
Joga com a aventura...
Aposta a vida...mas faz...

"BATOTA NO JOGO"

"PULP" grupo D 18 anos

"BATOTA NO JOGO"

Mickey Rooney • Lionel Stander • Lizabeth Scott

UM FILME PARA NÃO PERDER !

HOJE EM ESTREIA NO

ÀS 21,30

SÃO JORGE

DL/NACIONAL

REUNIÃO DA CÂMARA

Mais dinheiro e novas estruturas

O sistema rodoviário principal, a urbanização de zonas residenciais e de actividades terciárias, o saneamento, espaços verdes e zonas a suprimir exigem, nos próximos seis anos, da Câmara Municipal de Lisboa, «investimentos superiores a 9 milhões de contos», informou esta manhã, na habitual reunião camarária o coronel Silva Sebastião.

O presidente do Município frisou depois que só esses sectores (excluindo o Metropolitano e habitações destinadas ao alojamento) implicam a «necessidade de investimentos anuais da ordem de 1 500 000 contos, quando de momento a capacidade de investimento dos meios próprios da Câmara não vai além de duas ou três centenas de milhares de contos», e como consequência de tal situação, disse «Impõem-se pois, revisões apreciáveis de gestão e de estrutura, e não se mostra difícil admitir-se como possível que uma mais realista e adequada política de gestão do patrimonial Municipal possa duplicar aquela capacidade».

Referindo-se à indispensabilidade de recurso ao crédito, o coronel Silva Sebastião salientou ainda a necessidade de outras exigências, além das estruturas capazes.

«Exige que a Câmara coordene a sua acção em numerosos domínios, com o artístico, o cultural, o turístico, o desportivo, quer com os organismos oficiais que deles expressamente se ocupam, quer mesmo com outras instituições públicas e privadas. Os custos de políticas independentes nestes sectores não pagam, de forma alguma, o prestígio transitório que possam acarretar para a Câmara e os meios e estruturas de que carecem são tão vultuosos que dificilmente cabem num Município, por maior que ela seja. Exige também uma consciencialização cada vez mais perfeita dos municípios de real situação do seu Município, cuja delicadeza tanto se fica devendo às desmedidas e inumeráveis solicitações de que é alvo, solicitações que na sua imensa maioria lhe não deveriam respeitar e que só poderão ser satisfeitas atribuindo-lhe prioridade em detrimento dos interesses gerais. Exige finalmente uma cada vez mais crescente e esclarecida participação do lisboeta na tomada de opções que decisivamente influenciarão o futuro da cidade».

OS TRANSPORTES

Falaram ainda os vereadores, brigadeiro Ricardo Horta, dr. Themudo Barata e Leopoldo Nunes. Na sua oportuna exposição aquele primeiro vereador chamou a atenção para o problema dos transportes da cidade salientando que eles não se resolvem somente com dinheiro... «a sua solução está em grande parte, numa orgânica exequível, profícua e de gestão equilibrada e equitativa». Afirmou para o mesmo efeito a necessidade de resolução do problema de horários de trabalho, horários de entrada dos transportes pesados nalgumas zonas da cidade, e ainda a de aproveitamento do rio como via de transporte «não só como interesse directo para Lisboa como inclusivé para o restante país».

Outro importante passo do discurso de Ricardo Horta refere-se à aptidão dos estabelecimentos hospitalares da cidade para enfrentar o número crescente de acidentes de viação.

— E de todos nós conhecida a vertiginosa ascensão do número de mortos e de feridos graves em acidentes. Infelizmente Lisboa não possui instalações e equipamentos e formação de técnicos especializados em número e em nível científico para

ra fazer face às exigências modernas das lesões resultantes de tais traumatismos.

Leopoldo Nunes na sua intervenção propôs o nome do padre Cruz para uma avenida, largo ou praça da cidade, historiando, entretanto a vida daquele pároco.

O dr. Themudo Barata teceu louvores à Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, pelo trabalho efectuado nos seus dez meses de existência.

Matou o genro: 21 anos de prisão

O tribunal de Chaves condenou a 21 anos de prisão maior o homem que, à saída do casamento da filha, matou o genro a tiro de pistola. O caso ocorreu a 10 de Agosto passado.

Bernardina de Aguiar, a noiva, ficou ferida durante o tiroteio, mas conseguiu salvar a vida. Professora primária, de 20 anos, acabara de casar com Celestino de Carvalho Dias, que tinha apenas o 5.º ano do liceu.

razão que, segundo parece, terá determinado a oposição de Domingos José Gonçalves ao casamento. Não conseguindo impô-la aos noivos, perseguiu-os até à igreja onde as celebrou o casamento, alvejando-os depois da cerimónia.

O réu, de 48 anos, foi condenado ainda a pagar uma indemnização de 150 contos aos pais do malogrado noivo e outra, de 60 contos à própria filha.

Demissão no Município de Paços de Ferreira

PORTO, 22 — No decorrer da sessão da Câmara Municipal de Paços de Ferreira, o sr. Cândido Ribeiro de Barros apre-

sentou o pedido de demissão do cargo de vice-presidente da edilidade, que vinha desempenhando há dois anos.

Mulher estrangulada

A Polícia Judiciária ainda não conhecia, esta manhã, as circunstâncias exactas em que teria morrido Maria da Conceição ou Maria Hemengarda de 67 anos que apareceu sem vida no sótão que habitava no largo Martin Moniz em Lisboa. Tudo leva a crer, pelas circunstâncias em que foi detectado o cadáver, que a vítima foi estrangulada, mas só o resultado da autópsia, que decorria esta manhã, poderá revelar, em definitivo, qual foi a causa exacta.

Maria Hemengarda ou Maria da Conceição vivia na mesma casa com o cauteleiro Américo Fernandes de 57 anos que descobriu o cadáver. As investigações estão a cargo do inspector dr. Ribeiro Coelho.

UM LIVRO COM MUITO INTERESSE DIGRESSÕES LITERÁRIAS

por Pedro Mayer Garção

1 Volume de 200 páginas 20\$00
à venda nas principais livrarias e na depositária

LIVRARIA PORTUGAL — R. do Carmo, 70-74 LISBOA-2

MIAMI BEACH...

FÉRIAS AO SOL

Excursão de uma semana por avião, sistema IT grupo

PARTIDAS TODOS OS SÁBADOS NO MÊS DE MARÇO

Agência de Viagens

TURISMO PORTUGAL, LDA.

Rua Alexandre Herculano, 12-A
LISBOA TELEF 59192

Confraternização de maquinistas da Marinha

No restaurante «O Peixe», realiza-se no sábado, às 20 horas, um jantar de confraternização organizado pelo boletim técnico «O Propulsor», do Centro Cultural do Sindicato Nacional dos Oficiais Maquinistas da Marinha Mercante. Durante o jantar serão entregues os prémios relativos ao melhor artigo e tradução inseridos naquela publicação durante o ano de 1972.

Mira de Aire

MIRA DE AIRE — Vai esta vila comemorar o seu 40.º aniversário, com um programa muito variado, que se inicia no dia 7 de Abril, prolongando-se até 9 de Julho. Entre as várias realizações anunciadas, salienta-se a inauguração, a 10 de Abril, de um monumento dedicado a todos os que trabalham em prol do desenvolvimento da vila. Haverá diversas manifestações desportivas, espectáculos folclóricos e variados divertimentos. Em data a anunciar será ainda aberta uma exposição aérea, que compreenderá vários pavilhões, visando oferecer uma panorâmica das actividades industrial e comercial da região.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS EM CADA SÉRIE

4.985 — 2.450.000\$00
33.869 — 245.000\$00
31.357 — 140.000\$00

APROXIMAÇÕES AOS 1.ºs PRÉMIOS

4.984 — 7.507\$50
4.986 — 7.507\$50

123; 1.233; 3.203; 3.725;
4.266; 5.131; 7.266; 10.794;
11.505; 12.628; 14.409; 17.035;
17.122; 17.863; 18.079; 18.565;
23.694; 25.609; 27.227; 27.766;
29.766; 30.938; 31.429; 32.793;
35.316; 39.313; 40.266; 40.648;
41.001; 42.161; 42.595 e 48.027

PRÉMIOS DE 280\$00 (CENTENAS)

4.901 a 5.000; 31.301 a 31.400 e 33.801 a 33.900.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria Fernanda Violante, Casa Violante-CARRERADO

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 985 são contemplados com 735\$, no bilhete de cada série, e os terminados em 288, 328, 363, 374 ou 756, são contemplados com 560\$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 35 têm direito a 525\$00, de prémio, também em cada série, e os terminados em 89 ou 96, são premiados com 350\$00. Todos os restantes números cujo último algarismo seja 5 (terminação), são contemplados com 175\$00, também no bilhete de cada uma das duas séries de bilhetes emitidas para esta lotaria.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 490 contos do 2.º Prémio foram distribuídos aos Balcões da Casa da Sorte.

Os 280 contos do 3.º Prémio foram vendidos aos Balcões do Quiosque Tivoli.

Predomínio de "Stromps" na nova Direcção do Sporting

Confirma-se a indicação do dr. Valadão Chagas para presidente da Direcção do Sporting, conforme tem sido noticiado nos últimos dias. A lista completa dos corpos gerentes é esta noite comunicada ao Conselho Leonino, para posterior eleição em Assembleia Geral e engloba, ainda, outros nomes prestigiosos do clube de Alvalade, com larga predominância de componentes do «Grupo Stromp».

Temos assim o prof. dr. Adelino Palma Carlos (antigo bastonário de Ordem dos Advogados e já, em tempos, presidente da Assembleia Geral do Sporting) como presidente da Assembléia, sendo vice-presidente o dr. Manuel Vinhas. O Conselho Fiscal vai ser presidido por José Silveira Machado, enquanto no Departamento de Futebol se confirma o nome de Octávio Barro-

sa, para chefe.

A juntar à escolha destes nomes, a Comissão delegada do Conselho Leonino conseguiu a cobertura financeira para levar a bom termo a obra de saneamento e expansão desportiva a que o Sporting quer meter ombros. Ainda não está marcada a data da reunião da Assembleia Geral, para apresentação desta lista aos sócios.

AOS DESIGNERS

CONCURSO DE DESIGN DE PAPEL PARA EMBALAGEM

O desenvolvimento e aperfeiçoamento do design bem poderá concorrer entre nós para um maior prestígio e expansão dos sectores industriais que mais se têm dedicado ao comércio externo. Convicto disso mesmo, vai o Fundo de Fomento de Exportação promover mais um Concurso de Design, o segundo dos programados para o corrente ano, consagrado a «papel para embalagem de presentes». As respectivas normas (não certamente exaustivas, dada a urgência com que foram elaboradas) estão sendo remetidas, sem qualquer preocupação selectiva, aos designers portugueses. Os que desejem tomar parte no Concurso deverão remeter ao Fundo até 10 de Março o respectivo boletim de inscrição, o qual poderá ser solicitado de qualquer uma das direcções abaixo indicadas. Além de ter instituído diversos prémios, de apreciável montante pecuniário, o Fundo de Fomento de Exportação estudou a possibilidade de utilização, pela indústria, dos trabalhos premiados, o que não deixará de constituir outro aliciente de interesse.



FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Rua Camilo Castelo Branco, 2-3.º
Telef. 47928/59156 — Lisboa-1

Informações e inscrições:
Av. 5 de Outubro, 101-2.º e 3.º
Telef. 767410/767520/767573 — Lisboa-1

DL/ESPECTACULOS

O baile de finalistas da Escola Patrício Prazeres

A propósito de acontecimentos que teriam ocorrido durante o baile de finalistas da Escola Patrício Prazeres, sobre os quais, na devida altura procurámos informar-nos, recebemos da Comissão que organizou as referidas festas a seguinte carta:

«Verificaram-se alguns desacatos no nosso Baile de Finalistas, realizado na noite do passado sábado, dia 10 de Fevereiro corrente, em prestigioso estabelecimento hoteleiro.

Alguma Imprensa, sensacionalista e voraz, especulou, gratuitamente, com os factos passados, que não desejáramos e nem sequer praticámos.

Acusaram-nos de culpas que não tivémos, num con-

texto de jornalismo de impacto que precisa da «porta aberta» do escândalo, para arranjar compradores, em vez de seguir a saudável orientação de conquistar, por méritos próprios, o seu público.

Fomos denegridos no nosso brio, sem verdade e com injustiça, por alguns jornais.

O «Diário de Lisboa», mais uma vez, se revelou equilibrado e justo, não dando publicidade a desacatos que não praticámos.

Apurou a verdade e silenciou-se.

Teria sido por razões da ética profissional que honra o prestigioso «Diário de Lisboa»? Teria sido, ainda, por razões de generosa compreensão para com a juven-

tude ordeira e responsável?

Não interessa dimensionar quais foram as razões dominantes da digna atitude tomada pelo prestigioso jornal que V. Ex.^a dirige. Interessa, sim, agradecer a V. Ex.^a a compostura que o seu jornal revelou, mandando dois dos seus redactores, contactar com colegas nossos para apurarem a verdade.

E que nós, Senhor Director, não fomos, nem somos desordeiros, como certa imprensa, falsamente, enganando o grande público, propalou.

Dela ressaltamos alguns jornais a cujos Directores acabamos de agradecer a verdade que os seus profissionais de Informação, fugindo a mercantilismos cen-

suráveis, fizeram inserir nas suas colunas.

Pela dignificante posição do «Diário de Lisboa», alheando-se de nos querer conspurcar, por actos que não praticámos, nos permitimos a honra de expressar a V. Ex.^a, Senhor Director, e à Redacção do seu jornal, o nosso Bem Haja.

Por ela, nos permitimos dedicar, como manifestação de apreço, um trabalho caligráfico com texto do sec.^o XVI, do Regimento das Casas das Índias e Mina, que manda tratar o público com Verdade e Justiça.

E que nós, Senhor Director, também somos público e, agora, mais uma vez, conquistados pela honestidade dos honestos processos do seu jornal.»

HABITAÇÕES ECONÓMICAS

Foi criado um novo lugar de vice-presidente na Caixa Nacional de Pensões para que aquela instituição possa gerir as actividades do Fundo de Fomento da Habitação, tal como lhe foi atribuído pelo Decreto-Lei 583/72. E o que se desprende de um despacho do secretário de Estado do Trabalho e Previdência, publicado no Diário do Governo.

No referido despacho afirma-se ainda que a Caixa Nacional de Pensões vai ser incumbida de assegurar não só a conclusão dos empreendimentos a cargo da extinta Habitações Económicas-Federação das Caixas de Previdência, já iniciados à data da entrada em vigor do decreto citado, mas também a conservação do largo património imobiliário constituído pelos 13.000 fogos da categoria de casas de renda económica construídos com capitais das instituições de previdência.

JANINE MATTOS SEQUEIRA EXPOE

NA SÃO MAMEDE

Desejando estimular o aparecimento de novos valores, a Galeria S. Mamede tomou a iniciativa de abrir as suas portas a artistas ainda pouco conhecidas ou em começo de carreira.

Para tanto, a S. Mamede estabeleceu, para o corrente ano, um plano de trabalho que começou a cumprir, há algumas semanas, com a apresentação de trabalhos da pintora Maria Fernanda Carvalho e Silva.

No prosseguimento da sua iniciativa apresenta, a partir de hoje, uma série de trabalhos de uma outra pintora — Janine Mattos Sequeira. E nora do falecido jornalista Gustavo de Mattos Sequeira, que foi redactor e crítico de teatro do nosso coléga «O Século».



A pintora vista por Arpaz Szenes (marido de Vieira da Silva)

CENICER

CENTRO DE INDUSTRIAIS DE CERÂMICA, S. C. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do artigo 17.^o dos Estatutos convoco os senhores associados a reunirem-se em assembleia geral, no próximo dia 9 de Março, pelas 19 horas, na sua sede provisória, em Telheiras de Cima, 144 (Quinta de S. Vicente), Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

a) Apreciação e votação do relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal, relativos ao exercício de 1972;

b) Eleição dos membros da assembleia geral, direcção e conselho fiscal para o triénio de 1973/75.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1973

O SECRETÁRIO DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
por FRIAS, PEDROSO & PESTANA, LDA.

a) António Maria Imaginário Pestana

LABORATÓRIO MEDICAMENTA

Afim do estudar a promoção e o Marketing numa nova especialidade farmacéutica a lançar brevemente no nosso país, reuniram-se em Lisboa, durante três dias, cerca de 50 colaboradores dos Laboratórios Medicamenta e Syntex Corporation.

Vieram expressamente a Portugal para colaborar nesta reunião, os Srs. Dr. Andrial, J. Petermann e J. Goodridge que tiveram oportunidade de transmitir aos participantes, os resultados e a experiência conhecidos do mercado internacional no ramo farmacológico em estudo e a sua necessária adaptação ao nosso país.

Assistiram à reunião os Administradores da Medicamenta, S.A.R.L., Srs. Dr. Miguel Cocco e Eng.^o Chaves Costa, o qual fechou esta reunião com palavras de agradecimento e de confiança numa frutuosa colaboração entre os dois Laboratórios, e das vantagens que dela resulta para a saúde pública.



1.^a classe — c/utilidade turística

R. Pinheiro Chagas, 1-3
Tel. 51501 — LISBOA

Direcção de
RUY CASTELAR

HOJE — GRITO DE CARNAVAL

o autêntico Carnaval Carloca com a
Escola de Samba «OS VAPORES DO RÊGO»
• ALTA - FIDELIDADE «GRUNDIG» mais aquela
«Feijoadá à Brasileira» que você gosta
PREÇOS NORMAIS

CRÍTICA DE CINEMA Lauro António

OS INDIGENTES

TÍTULO: O RELICÁRIO (El Relicario)

REALIZAÇÃO: Rafael Gil, 1970 (Espanha);

INTERPRETES: Carmen Sevilla, Miguel Mateo (Miguelín), Arturo Fernández, Manolo Gómez-Bur, Amparo Martí, etc..

DISTRIBUIÇÃO: Internacional Filme;

ESTREIA: Cinema Odeon (19.2.1973)

TÍTULO: O MESTIÇO

INTERPRETES: Hugo Blanco, Gustavo Rojo, Susana Campos, Luis Prendes, etc..

DISTRIBUIÇÃO: Vitória Filmes; ESTREIA: Cinema Olympia (19.2.1973)

Muito pouco haverá a dizer das primeiras estreias desta semana pré-carnavalesca, quando os ares anunciam já os tradicionais festejos. Não será, por conseguinte, de estranhar que sejam muitas as salas de cinema que resolvam mascarar-se de outra coisa, máscara, aliás, que irão manter depois, durante grande parte dos doze meses do ano. Com um ou outro momento de pausa, durante o qual se podem ver efectivamente «filmes» e «cinema». Entretanto, o público ocorre a digerir mistelas inqualificáveis, cocktails de um mau gosto e de uma indigência mental que nada poupam.

Que dizer, por exemplo, de El Relicario, filme aparentemente de «tours de morte», com Miguelín e Carmen Sevilla e os dramas de uma família de toureiros? Sim, que dizer? Será isto cinema? Será Rafael Gil um realizador? Pela amostra colhida, a resposta só poderá ser negativa. Tratando-se, portanto, de uma coluna de crítica de cinema, quaisquer comentários aqui expressos seriam por demais descabidos.

Até porque, como muito bem se diz nesse programa ora em exibição no Odeon, «pode-se brincar com tudo, com a política, com a sociedade, com o governo, mas não se pode brincar com os touros». Pronto, já está: não brincamos!

O Mestiço também não é para brincadeiras, não senhor! Ainda que acabe de forma um tanto ou quanto decepcionante. A fitazinha parece de origem igualmente espanhola, e pretende ser western à italiana. Para tanto, cria-se uma «acção». A «acção» aqui é esta: um irmão tenta limpar a desonra do nome da família, porque a irmã suicida havia sido indevidamente por um desconhecido. Por isso parte em sua perseguição. Mas, a procura do autor de tão malfadado, quanto apetitoso crime, leva o herói da fita ao encontro dos já proverbiais índios, a cavalaria ianque, fortalezas, etc. E, hélas, quando o vingador descobre o carrasco da virgindade da mana, descobre também que se trata de um oficial do forte que tão galhardamente se batera contra os infames pelles-vermelhas. Enfim, o costume, mas com muito molho.

Aproveitando, portanto, a falta de assunto novo, atrevemo-nos a relembrar ao leitor a existência de cinema, nas salas de Lisboa: Em Nome do Povo Italiano, de Dino Risi; As Noites Loucas do Dr. Jerry, de Jerry Lewis; Eva, de Joseph Losey; O Último a Rir, de Alain Tanner; O Grande Conquistador, de Woody Allen; Cabaret, de Bob Fosse, todos eles a não perder. Mas há mais dois ou três títulos possíveis: Que se Passa Doutor?, de Peter Bogdanovich; Encontro em Bray, de André Delvaux; César e Rosalia, de Claude Sautet. Apesar de tudo, não se pode dizer que não haja cinema...

CINEMA NO MUNDO

BRASIL

RIO DE JANEIRO. — Numa realização de Marcelo Mota, foi estreado no Rio o filme «O Judoca», que, segundo o actor Carlos Aquino, tem como mensagem «A não-violência». O protagonista Pedro Aguinaga e os outros intérpretes são Elichi Iwata, Fernando José e Maria Pompeu.

FRANÇA

PARIS. — Annie Girardot, que interviém na película de André Cayatte «Il n'y a pas Fumée Sans Feu», encara seriamente o projecto de vir a ser produtora, «Não para fazer filmes de que ela seria a vedeta, mas para ajudar realizadores e autores em que acredita».

Já nessa linha de rumo, interessa-lhe o filme de Vahé Katcha «Mon Fils, Mon Fils, Mon Fils».

PARIS. — Daniele Delorme será a protagonista de um filme de Jacques Baraquier, provisoriamente intitulado «Um Ami Viendra Vous Voir», história de uma mulher a quem uma entrevista aparentemente inofensiva para a televisão dá origem

ao grande drama da sua vida. O realizador tenciona convidar igualmente para intérpretes Laurent Terzieff e Pierre Clementi.

ITÁLIA

ROMA. — Considerada por unanimidade como «A actriz dos anos setenta», Mariangela Melato vai interpretar um filme do realizador francês Alex Joffe, que em sua homenagem o intitulou «Toutes Les Femmes S'Appellent Mariangela» e no qual conservará possivelmente o seu nome de baptista. A seu lado estará como protagonista masculino Michel Legrand (autor das partituras para vários filmes) no papel de um músico.

HUNGRIA

BUDAPESTE. — De 7 a 21 de Julho têm lugar em Eger, a Nordeste de Budapeste, os encontros franco-húngaros de cinema, nos quais está integrada uma retrospectiva das melhores produções húngaras, incluindo grande número de filmes inéditos.

em 3 linhas

...a principal de Tempo Novo foi integrado com o antigo, tendo correspondido ao 1.º e 2.º da 1.ª e 2.ª de Evolução e 3.ª de Evolução.

Podem os interessados requerer a sua transferência para as Tesourarias da Fazenda Pública nos concelhos de Moura e Golegã, ambas de 2.ª classe.

///

Na sala das sessões da Junta do Crédito Público procedeu-se, em 15 de Março, às 10 horas, ao sorteio dos títulos de diversos empréstimos, incluindo de renovação e de apetrechamento da indústria da pesca, 4 por cento (Plano Inter-calar de Fomento).

///

Foi determinado que o navio da Armada «Santo André» passe ao estado de armamento, na situação de disponibilidade.

///

Uma portaria do Ministério da Economia no «Diário do Governo» (1.ª série, n.º 44) aprova como normas definitivas os inquéritos I-1060, I-1061 e I-1062.

///

A dr.ª Graça Maria Valente Nunes foi nomeada técnico de 1.ª classe do quadro técnico de formação universitária dos Serviços de Planeamento e Integração Económica de Moçambique.

///

Está aberto concurso de provas públicas para provimento no quadro do pessoal docente da Universidade de Luanda de um lugar de professor catedrático do 3.º Grupo de disciplinas (Anatomia Patológica e Patologia Geral) do curso médico-cirúrgico.

///

Foram nomeados os drs. João Figueira da Silva Júnior, Conselho de orientação profissional e D. Maria Manuela Nascimento Magalhães e D. Olga Correia Lourenço Mendes, técnicos de 1.ª classe dos serviços complementares do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra.

///

Foi constituída uma empresa designada Gertal-Companhia Geral de Restaurantes e Alimentação, S.A.R.L., com sede em Lisboa e o capital de 600 000\$00. Objectivo: exercício da indústria de restaurantes e actividades similares, com excepção dos estabelecimentos ditos de luxo.

///

Foram aprovados, oficialmente, os estatutos da instituição de assistência particular, denominada Centro Paroquial de Bem-Estar Social da Cova da Piedade.

///

Está aberto concurso público para adjudicação da empreitada de construção de um tanque de aprendizagem de natação no Barreiro, na base de licitação de 230 000\$00.

TEIAS METÁLICAS

todos os números e larguras

CASA CHAVES

CAMINHA

Avenida Rio de Janeiro, 19-B—Lisboa
Tel. 725163

EM 2 DE MAIO

Assembleia geral de clero da diocese do Porto

PORTO, 22 — Reuniu o Conselho Presbiteral do Porto, sob a presidência do sr. D. António Ferreira Gomes e com a presença do bispo auxiliar, sr. D. Domingos de Pinho Brandão, que deliberou promover uma assembleia geral do clero, no próximo dia 2 de Maio.

O prelado da diocese teve algumas considerações sobre as respostas a uma sondagem geral ao clero diocesano e religioso, em que se pedia opinião acerca das pessoas mais aptas para determinados cargos eclesiais para a construção de uma junta de reflexão. Ainda dentro de

um espírito democrático de governo da diocese, o sr. D. António apresentou as linhas gerais da administração de bens da diocese e mandou distribuir um breve relatório de contas referentes ao exercício de 1972, fornecido pela tesouraria diocesana.

O vice-reitor do Seminário Maior fez a apresentação de um documento sobre seminários, vocações e Ministérios laicais, seguindo-se debate.

O conselho aprovou um esquema de directório de práticas pastorais, e analisou alguns pontos concernentes à visita pastoral às paróquias da di-

cese e à administração do crisma. Mais uma vez, debateu o estatuto sócio-económico do clero, verificando-se que algumas dificuldades tinham já sido ultrapassadas.

Foi, ainda, estudada a melhor colaboração entre o clero secular e religioso e aprovadas três moções sobre seminários e o Centro de Ordenação vocacional.

Antes de terminar o Conselho, o bispo do Porto, congratulou-se com o bom rendimento dos trabalhos e com o espírito dialogante com que haviam decorrido.

APESAR DE FUMAREM MUITO...

AS JOVENS CONDENAM A PROPAGANDA DO TABACO

Um inquérito aos «hábitos tabágicos em adolescentes do sexo feminino em idade escolar» revela que é muito elevado o número das raparigas que fumam: 58,9% da população inquirida; daquelas, 32,3% são já fumadoras diárias e, destas 23% fumam diariamente dez ou mais cigarros. A frequência de fumadores entre as adolescentes é tripla da encontrada para suas mães (18,9%) e quase idêntica à dos pais (60,9%). Além disso, a maioria das adolescentes (54,2%) começa a fumar por volta dos 13-14 anos, mas um número apreciável inicia-se com 12 anos ou menos (20,2%).

O inquérito em questão foi conduzido pela dr.ª Maria da Conceição Batarda Granate e subsidiado pelo Instituto de Acção Social Escolar (IASSE), tendo as suas conclusões sido objecto duma sessão, ontem realizada, na Sociedade Portuguesa de Higiene e Saúde Escolar. Na introdução aos resultados do inquérito, a autora frisou que

aquele teve como objectivos: conhecer concretamente a expansão do hábito entre as raparigas, obter dados para futuros estudos comparativos e, eventualmente, colher elementos para estruturar uma acção de educação anti-tabágica.

Explorando os dados obtidos, a conferencista esclareceu que o facto de o pai e a mãe fumarem coincide com uma maior frequência de fumadores entre as adolescentes, o mesmo parecendo verificar-se quando os pais têm uma atitude permissiva em relação ao facto das jovens fumarem. Acentuando que, na amostra estudada, não havia praticamente ex-fumadores, a autora afirmou ainda que 72,2% das raparigas tanto fumadoras como não fumadoras, consideram que deveria ser proibida a propaganda do cigarro. A concluir, esboçou as linhas gerais a que poderia obedecer uma acção de educação anti-tabágica: iniciar-se precocemente, obter a cooperação dos pais, actuar dentro do grupo em que

o adolescente se insere; e, naturalmente, a recomendação de que se tomem medidas de controlo sobre a propaganda do cigarro.

Administração-Geral do Açúcar e do Alcool

Decretos-Leis 47 338 e 425/72

Rua Castilho, 14-5.—LISBOA

CONCURSO PARA FORNECIMENTO DE 25 000 TONELADAS DE «RAMAS» DE AÇÚCAR

Está aberto concurso para o fornecimento de 25 000 toneladas de «ramas» de açúcar.

As respectivas condições estão patentes, durante as horas de expediente, na Direcção dos Serviços Técnicos da Administração-Geral do Açúcar e do Alcool.

As propostas deverão ser entregues até às 16 horas do dia 1 de Março próximo, em carta fechada e lacrada, com os seguintes dizeres exteriores:

«Concurso para fornecimento de 25 000 toneladas de «ramas» de açúcar».

Concorrente (nome e morada da firma concorrente).

A abertura das propostas será feita na presença dos concorrentes, na sede da Administração-Geral do Açúcar e do Alcool, pelas 17 horas do mesmo dia.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1973.

ADMINISTRAÇÃO-GERAL DO AÇÚCAR E DO ALCOOL.

O ADMINISTRADOR-GERAL

António Emilio de Tovar Faro (Engenheiro-Agrónomo)

MOVIMENTO DO HOSPITAL DE CASCAIS

Durante o ano de 72 foram assistidos no Banco do Hospital de Cascais 4 650 pessoas, segundo o boletim anual distribuído por aquela entidade hospitalar, o que significa um aumento de 4 518 doentes em relação ao ano anterior.

Durante o mesmo período, efectuaram-se ali 7 920 consultas, 2 538 internamentos e 3 118 análises, tendo-se registado também nestes serviços um grande aumento.

Em 1972, o Hospital de Cascais teve um movimento de 17 mil e 500 internamentos, 45 mil e 500 consultas, 15 mil e 500 análises, 20 mil e 500 operações, 15 mil e 500 partos, 15 mil e 500 cirurgias.

Dentro de 4 meses, será inaugurado um novo edifício, onde passarão a funcionar uma maternidade com capacidade para 50 parturientes, um serviço de pediatria para cerca de 25 crianças, mais dois blocos de operatórios, um novo Banco, outro Corpo de Consultas e 22 quartos particulares.

CONCURSO DE «DESIGN»

Termina no dia 28 de Março, o prazo para entrega dos originais concorrentes ao novo concurso «design» promovido pelo Fundo de Fomento e Exportação, o qual se subordina a temas de mobiliário, cutelaria, madeira, vidros domésticos, cerâmica doméstica e decorativa.

Os trabalhos poderão ser apresentados nas seguintes formas: desenho ou pintura e diapositivo de composição de objectos.

As três primeiras classificações serão atribuídas prémios no valor respectivo de 25, 15, 7 500 mil escudos.

Técnica de projecto das estruturas

No Centro de Documentação e Informação do Laboratório Nacional e Engenharia Civil, o prof. Aderson Moreira da Rocha, director da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, profere amanhã, às 17 horas, uma conferência sobre «Desenvolvimento da técnica de projecto das estruturas, com exemplo de casos práticos de interesse profissional».



D. MARIA JOSÉ GUERRA DE FIGUEIREDO

FALECEU

Maria José Guerra de Figueiredo Janeiro, marido e filhos, Maria Luísa Guerra de Figueiredo, Estêvão António Guerra de Figueiredo esposa e filhos, José Cordeiro Guerra e filha e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença a sua mãe, sogra, avó, irmã, tia e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas da Igreja de S. João de Brito para o cemitério do Lumiar. Pelas 9 horas será rezada Missa de Corpo Presente.

ALFREDO MAGNO & JAIME GOMES, LDA. — Largo Frei Heitor Pinto, 2-B — Tel. 723595

LONDRES

Viagem aérea, estadia em hotel de 1.ª, transfers, visita da cidade.

desde 1.980\$00

Informações e reservas

INTERTUR

Av. da República, 22 A — Telef. 556615 / 556647 / 52713 LISBOA 1

CARIBÉRIA-TRANSPORTES E TURISMO

(Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada)

CAPITAL: ESC. — 2.000.000\$00

Sede: Avenida da Liberdade, 161 — LISBOA

Assembleia Geral Ordinária

Em cumprimento do artigo 18.º dos Estatutos, são convocados os Srs. Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária no próximo dia 10 de Março, pelas 12 horas, na sede Social, sita na Avenida da Liberdade, 161, com a seguinte ordem dos trabalhos:

- Discutir, aprovar ou modificar o relatório, Balanço e contas do exercício de 1972, o parecer do Conselho Fiscal e mais documentos referidos no artigo 189.º do Código Comercial;
- Proceder à eleição de dois membros para o Conselho de Administração;
- Eleição dos membros do Conselho fiscal;
- Tratar de quaisquer outros assuntos de interesse para a Sociedade e tomar consequentes deliberações;

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1973.
O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Dr. Antoninho Ismael do Socorro Monteiro

Português abatido pela guerrilha nos subúrbios de S. Paulo

SÃO PAULO, 22 (R) — Um português, proprietário de um bar, foi ontem morto por uma saravada de balas e panfletos, espalhados sobre o seu corpo, dizem que guerrilheiros da extrema esquerda tinham sido os responsáveis, anunciou a polícia.

Cerca de 15 pessoas, viajando em três automóveis, abriram fogo sobre Manuel Henriques de Oliveira, de 39 anos, quando este abria o seu bar, situado nos subúrbios da cidade.

Testemunhas oculares contaram à polícia que um mi-

nuto depois do tiroteio, um quarto automóvel passou pelo local e um homem espalhou os panfletos, os quais acusavam a vítima de traidor, responsável pelas mortes de três guerrilheiros, abatidos pela polícia que os surpreendeu quando almoçavam no bar, há oito meses.

A morte de ontem, segundo os panfletos, foi levada a cabo por Aurora Nascimento Furtado, comando do Movimento de Acção de Libertação Nacional, uma organização de guerrilheiros da extrema esquerda.



DL/REPORTAGEM

Que se passa em Cascais ?

- 4 -

Pousada para a Boca do Inferno: projecto na gaveta há dois anos

Pois já podia haver aqui, na Boca do Inferno uma pousada moderna, com bar e restaurante e um traçado que viria embelezar o local.

O projecto está aprovado vai para dois anos mas não sei o que se passa que nunca mais tenho ordem para iniciar a construção. E o local bem precisa de um estabelecimento condigno.

— Isto foi feito para remediar há muitos anos, pelo meu pai, que morreu precisamente aqui quando tentava salvar um turista arrastado pelas vagas. Na altura em que o meu pai levantou este barracão não existia aqui coisa nenhuma, e o barracão veio resolver o problema. Mas então ainda a Costa do Sol, embora já muito procurada, não era a atracção turística que é hoje. Nem a boca do Inferno era visitada com tanta insistência e por tantos milhares de pessoas ao ano como acontece de há uns tempos a esta parte. — E Armando Silva, prossegue: — Com o incremento turístico um barracão destes só pode deixar ficar mal o turismo da Costa. Já vê, por mais requinte que a gente ponha nos pratos que apresenta aos clientes eu por melhor serviço de bar que pratiquemos, os visitantes sentem-se incomodados pelo aspecto. Os olhos também comem, não é

verdade? De resto, o nosso barracão nem instalações sanitárias possui, porque não as pode possuir e as pessoas têm de se servir dos recantos aí fora, o que me parece anti-higiénico e nada dignificante.

Mas Armando Silva tem mais para dizer. Frágeis a cair de podres, os «estabelecimentos» da Boca do Inferno não podem resistir à ladroagem, que pela calada da noite facilmente penetra no seu interior, furtando tudo o que apanham.

— Durante muito tempo — declara-nos Armando Silva — o meu barracão foi assaltado dia sim, dia não. A coisa foi de tal ordem que já nenhuma companhia de seguros quer colaborar comigo. Nestas condições é impossível manter o negócio. A parte disso, a Boca do Inferno, pelo movimento que suscita tanto de turistas nacionais, como estrangeiros, bem merece mais do que dois barracões para os acolher.

Quem nos fala deste modo é Armando da Silva, proprietário de um dos «barracos» da Boca do Inferno, onde se fornecem refeições e se servem bebidas aos visitantes, láem de se apresentar um largo mostruário de artigos e doces regionais. E ainda ele que faz o crítica aos actuais «estabelecimentos» da Boca do Inferno e, especialmente, ao que lhe pertence:

Perguntámos a Armando Silva se calcula a quanto monta a construção da pousada com que ele sonha e que viria enriquecer a Linha de estabelecimentos do género na Costa do Sol.

— Sei lá... — diz-nos vacilante. — Mas calculo que a obra deve custar à volta dos cinco ou seis mil contos. Como não tenho esse dinheiro, nem por sombras, estou à espera de uma contribuição oficial. Embora a ideia seja nossa, a obra virá favorecer o turismo que aqui se pratica. Parece-me, pois, justo esperar tal contribuição.

A Boca do Inferno começa a merecer a atenção das entidades que superintendem na zona. Assim, já foi colocada a muitas vezes pedida rede de protecção que obstará a que ocorram ali acidentes como o que vitimou aquele grupo de jovens no mês de Novembro do ano passado. Esta ideia da



Os «estabelecimentos» da Boca do Inferno, barracões autênticos, não abonam em nada a fama do local. E a culpa não é dos proprietários.

pousada valorizaria o local, embelezando-o e permitindo até saborear melhor o magnífico espectáculo que oferece. Se o projecto está aprovado há cerca de dois anos, quer dizer que as entidades a quem o mesmo foi apresentado o consideraram útil e bem delineado. Logo, a pergunta surge naturalmente: quanto tempo ainda terá de aguardar a Boca do Inferno para ter um estabelecimento à altura da sua fama?



Boca do Inferno: a rede de protecção já lá está.

Camões em Itália

Durante uma sessão que decorre hoje, às 18 e 30, no Instituto italiano em Portugal, vai ser apresentada a obra «Camoniana Itálica», que reúne grande número de estudos, traduções, ensaios e artigos publicados na Itália sobre Camões.

O autor do livro, prof. Giacinto Manuppella, director do Instituto Italiano, obteve, em 1968, o título de doutor «honoris causa» pela Universidade de Coimbra pela sua actividade de investigador e docente. Naquela reunião, falará sobre «Camões em Itália».

Missa de sufrágio por um ex-prisioneiro

Um grupo de engenheiros-geógrafos manda celebrar, no próximo dia 23, pelas 13 horas, missa de sufrágio na igreja dos Mártires por alma do engenheiro-geógrafo Artur do Canto

Resende.

O eng. Artur Resende morreu prisioneiro na ilha de Alor em 23 de Fevereiro de 1945, depois de ter sido capturado num combate em Timor durante a II. Guerra Mundial.

estúdio

AMANHÃ ESTREIA

obra completa de JEAN VIGO

O RIMBAUD DO CINEMA, POR UMA OBRA DEMASIADAMENTE BREVE, CHEIA DE CÔLERA E DE AMOR, DE LIRISMO E DE VERDADE. GEORGES SADOUL



GRUPO D/18 ANOS

ATALANTE
(L'ATALANTE)

ZÉRO EM COMPORTAMENTO
(ZÉRO DE CONDUITE)

EM COMPLEMENTO:

A PROPÓSITO DE NICE (A PROPOS DE NICE)

TARIS



AS JÓIAS E AS PRATAS DA

Curiosaria da
GUIA
SÃO DIFERENTES



RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

LEIA



motor

Marcello Caetano em livro de bolso

Em formato de bolso, a Secretaria de Estado da Informação publicou, com o título «Razões da Presença de Portugal no Ultramar», um livro em que se incluem excertos de discursos proferidos pelo Chefe do Governo, prof. Marcello Caetano.

A abrir o volume, esta frase proferida no Instituto de Altos Estudos Militares: «A política que tem de ser firme não é apenas a ultramarina: é a metropolitana, também. As batalhas perdem-se, muitas vezes, mais por falta de coesão das retaguardas que por desfalecimento das frentes».

Provimento de lugares por funcionários públicos

O provimento de um funcionário do Estado em serviço ou organismo de diferente Ministério, ainda que em lugar fora dos quadros, fica sujeito, salvo nos casos em que haja sido precedido de concurso documental

ou de prestação de provas, a autorização do ministro de que o funcionário dependa, segundo determina o Decreto-Lei n.º 51/73, hoje publicado no Diário do Governo».

Subsídio mensal a professores e regentes

Um despacho conjunto dos ministros da Educação e das Finanças determina, nos termos do Decreto-Lei n.º 162/71, que o subsídio mensal de residência ou transporte é atribuído aos regentes colocados em postos escolares.

O subsídio mensal de residência não será concedido se o

cônjuge do professor ou regente tiver residência pertencente ao Estado, corpos administrativos ou pessoas colectivas de utilidade pública administrativa local. Será atribuído a um dos cônjuges subsídio de residência e ao outro cônjuge subsídio de transporte, quando a eles tenham direito.

Sem grandes complicações (salvo um diálogo prolongado entre os deputados José Manuel Alves, no caso porta-voz da comissão parlamentar, e Teixeira Canedo, proponente de algumas alterações) foi ontem debatida e votada na capacidade a proposta de lei do Ministério da Justiça sobre a defesa da intimidade da vida privada. Vingaram, intactas, quatro Bases da proposta governamental, e três propostas de alteração e aditamento da comissão, encabeçada pelo prof. Gonçalves de Proença. Esta comissão fez vingar, também, a proposta de uma nova Base - a VII - com vista à regulamentação, fabrico, importação, transacção ou simples detenção de instrumentos que possam servir para devassar a vida privada dos cidadãos. Um único deputado se opôs a esta Base: o almirante Roboredo e Silva, que considerou prejudicial para a indústria e comércio do país a inserção de semelhante determinação. E manteve-se coerente até ao fim, sendo o único que se levantou quando a proposta foi à votação. Aliás, o almirante Roboredo e Silva já se havia oposto a que do texto legal ontem aprovado constasse a referência à defesa da intimidade dos «bens» dos cidadãos. «Trata-se de uma lei com fins exclusivamente humanos», afirmou. E pediu esclarecimentos sobre as intenções de tal inserção. Respondeu o dr. José Manuel Alves:

«A divulgação de bens pessoais pode constituir devassa mais grave do que a da imagem da própria pessoa. Exemplos: a biblioteca, que pode mostrar tendências ideológicas diversas

Regras de defesa da vida privada

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Armando Pereira da Silva

daquelas que a sociedade admite; armário de medicamentos, que pode revelar doenças e vícios; e até a roupa íntima...

O TEXTO APROVADO

Mais vírgula, menos vírgula, portanto, o texto aprovado pela Assembleia Nacional sobre a defesa da intimidade da vida privada é o seguinte:

BASE I

1. Será punido com prisão até um ano e multa correspondente àquele que, sem justa causa e com o propósito de devassar a intimidade da vida privada de outrem:

a) Intercepte, escute, registre, utilize, transmita ou divulge, sem consentimento de quem nela participe, qualquer conversa ou comunicação particular;

b) Capte, registre ou divulge a imagem de pessoas ou de seus bens, sem o consentimento delas;

c) Observe, às ocultas, as pessoas que se encontrem em lugar privado.

2. Quando o agente utilizar instrumento especialmente

BASE III

1. Será punido com prisão até seis meses e multa correspondente àquele que, sem justa causa e com o propósito de importunar alguém, se lhe dirija pelo telefone, através de mensagens ou se apresente diante do seu domicílio ou de outro lugar privado.

BASE IV

1. A tentativa das infracções previstas nas bases anteriores será sempre punida.

BASE V

O procedimento criminal pelas infracções previstas nas referidas bases depende de participação do ofendido ou, no caso de morte, do cônjuge sobrevivente ou de qualquer descendente, ascendente, irmão, sobrinho ou herdeiro do falecido.

BASE VI

1. Aos agentes das infracções previstas nesta lei não é permitido fazer prova sobre a verdade dos factos da vida privada em relação aos quais se verificou a intromissão.

2. Não é admissível a produção da prova obtida nas condições descritas nas bases I e II, excepto em processos contra os agentes das infracções aí previstas.

BASE VII

Por forma a prevenir o perigo que, nos termos da presente lei, pode resultar da utilização ilícita dos instrumentos a que se refere o N.º 2 da Base I, deverá o Governo proceder à regulamentação do seu fabrico, importação, transacção ou simples detenção.

OUTROS ORADORES

Antes da ordem do dia, usaram da palavra os deputados Lopes da Cruz (Moçambique) para pedir a regulamentação do comércio de diversos produtos agrícolas naquele Estado, como o amendoim, a castanha de caju e a copra. E o deputado Henrique Tenreiro fez o elogio da obra já feita no campo da marinha mercante, tanto quanto ao aumento da frota como ao desenvolvimento da construção naval; e salientou ser necessário continuar.

Os trabalhos prosseguem hoje, estando na ordem do dia o início da discussão da proposta de lei sobre agrupamento complementar de empresas.

REGULAMENTO DA EMIGRAÇÃO EM PROPOSTA DE LEI

A emigração portuguesa é o tema de uma proposta de lei da Presidência do Conselho agora submetida a discussão na Assembleia Nacional, «atendendo à importância fundamental que o fenómeno emigratório assume para o País». Segundo se diz no preâmbulo desta proposta de lei não estão nela contidos «princípios que se possam considerar verdadeiramente inovadores em relação à política emigratória que vem sendo executada», tal como foi definida em anteriores diplomas, motivo porque os objectivos agora propostos correspondem ao desejo de concretização da revisão legislativa preconizada pelo Conselho de Ministros, «como ainda a possibilidade de melhor enquadramento jurídico das novas linhas de rumo da política emigratória».

«Consagra-se na presente lei a liberdade de emigração, princípio, aliás, tradicional no nosso direito positivo e que um ou outro procedimento administrativo (...) não pode invalidar»; «em matéria de assistência estabelecem-se amplos princípios tendentes a possibilitar, cada vez mais, uma eficaz acção de protecção e assistência aos emigrantes e seus familiares. Esta acção desenvolve-se desde os actos do processo emigratório até à assistência social, jurídica, económica e cultural...». No respeitante a transportes de emigrantes, tendo em conta a legislação em vigor apenas contem-

pla o transporte por via marítima, quando actualmente são predominantemente utilizadas as vias terrestre e aérea, «alarga-se a regulamentação de forma a abranger todos os meios de transporte e estabelece-se o princípio da fixação de preços máximos para bilhetes de emigrantes»; «Salvo os casos previstos em lei especial, mantém-se para a emigração clandestina a natureza jurídica de contravenção punível com multa», diz-se no preâmbulo do diploma, apresentando de forma resumida o seu conteúdo e objectivos.

Esta proposta de lei agora presente ao órgão legislativo, por decisão tomada durante a última reunião do Conselho de Ministros, encontra a sua justificação na dimensão do fenómeno migratório, bastando referir que o Brasil, «no meio século que decorreu de 1890 a 1940, terá absorvido 83 por cento do total de um milhão e duzentos mil portugueses que se calcula ter emigrado durante aquele período».

Além disso, «a partir de 1964, como reflexo do surto de desenvolvimento registado nos países da Europa Central, verifica-se a deslocação de enormes contingentes de mão-de-obra dos países da Europa Meridional...». «É assim que, enquanto que nos 14 anos que decorrem de 1950 a 1963 a média anual dos portugueses (trabalhadores e familiares) que emigram é de 34 milhares, nos 8 anos compreendidos de 1964 a 1971, aquela média anual sobe para 117 milhares».

Diz-se ainda, justificando a necessidade de tomar medidas

legislativas, que «a emigração não é em si um factor autónomo que se desenvolva espontaneamente, antes é um efeito induzido pela conjunção de fenómenos de diversa natureza, com predominância para os sócio-económicos. Apresenta-se como sintoma de uma situação de instabilidade e desfasamento, no mercado de mão-de-obra». Um dos desfasamentos, será, nas categorias de trabalhadores menos qualificados, a «grande diferença de remunerações em relação às praticadas nos países de destino para tarefas da mesma índole».

Os reflexos da emigração sobre a vida do País serão os mais diversos. Mas, «um dos aspectos mais negativos, é, sem dúvida, o seu reflexo na evolução demográfica do País. Com efeito, sabe-se que emigram na grande maioria, indivíduos dos grupos etários abaixo dos 45 (a percentagem de emigrantes e familiares saídos com mais de 45 anos não chega a 9 por cento) pelo que se vai distorcendo a composição da pirâmide de idades».

Quanto ao futuro, afirma-se: «É difícil prever o comportamento da emigração portuguesa durante os próximos anos, dadas as muitas variáveis de que depende. No plano externo, não parece que se atenuem de forma significativa as necessidades dos países industrializados em matéria de mão-de-obra estrangeira, pelo que continuará mais ou menos viva a pressão sobre a mão-de-obra portuguesa. Portanto, o maior ou menor caudal emigratório dependerá, em última análise, da evolução das condições sócio-económicas do País».

PROPOSTA DO GOVERNO

Diploma regulador da Assistência Particular

A assistência particular vai ser objecto de nova regulamentação. Uma proposta de lei ontem submetida pelo Governo à Assembleia Nacional estabelece as bases gerais do regime a que essa matéria deverá submeter-se, revendo algumas das disposições existentes, revogando outras, criando disposições inovadoras e compilando num único texto toda a normas dispersas por legislação avulsa.

No preâmbulo da proposta assinala-se a contribuição que a assistência particular tem prestado para a «melhoria de vida da sociedade portuguesa». Por outro lado, o valor dos bens afectos a estas instituições, estimado em cerca de quatro milhões de contos, «tem expressão muito significativa».

A proposta governamental visa manter o regime de autonomia das instituições particulares de assistência, «sem prejuízo dos limites impostos pela tutela administrativa». Consagra, no entanto, a continuação do apoio quer por parte do Estado, quer de outras entidades públicas. Esse apoio, traduzido em subsídios que, nos últimos anos, têm registado valor apreciável, não deverá levar, de forma alguma, à sua dependência, porque a isso se opõe, por um lado, o próprio espírito das instituições e, por outro, «o indispensável progresso de gestão financeira e mobilização de recursos».

res ajustáveis a todos os tempos». Sendo assim, «há que favorecer e auxiliá-la, mas importa igualmente orientá-la, coordená-la e fiscalizá-la».

Entre as disposições inovadoras, contam-se a da Base II que, depois de preceituar que «as instituições particulares de assistência desempenham a sua actividade em coordenação com os institutos, estabelecimentos e serviços oficiais da Previdência», pretende estabelecer a sua participação na elaboração dos planos e programas de acção social, tendo em vista «garantir progressivamente um esquema completo de segurança social».

Encontra-se praticamente concluída a instrução do processo sobre o caso do crime de Santo Tirso em que foi morta à facada D. Maria Luísa Martins Machado, de 33 anos, que vivia no lugar de Sobregião, naquela vila.

Conforme o «Diário de Lisboa» já referiu encontra-se deti-

Sugere-se também (Base III) que as organizações religiosas que se proponham fins de saúde e assistência, passarão a exercer as suas actividades em conformidade com a presente lei. Quanto às Misericórdias, não estão abrangidas pelas disposições da proposta, deixando-se para diploma próprio a definição do seu regime jurídico.

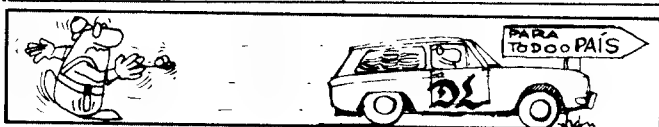
Inovação na presente proposta de lei é ainda a disposição que possibilita a concessão de subsídios reembolsáveis.

As instituições particulares de assistência passam a gozar das isenções fiscais e tributárias de que beneficiam as pessoas colectivas de utilidade pública administrativa e ainda de outras.

O caso do crime de Santo Tirso

do na subdirectoria do Porto da P.J. o marido da vítima, Augusto Dias da Costa, acusado de ser o autor do crime.

A fim de ser ouvida em declarações, esteve hoje, novamente, na sede daquele departamento policial a amante do Augusto Costa, Rosa Andrade Carneiro.



Cairo: o incidente no Sinai não provocará nova guerra

CAIRO, 22 (R) — As autoridades egípcias vão hoje apresentar numa conferência de imprensa a gravação das mensagens trocadas entre o piloto francês do avião líbio e o aeroporto do Cairo em apoio da sua versão do incidente segundo a qual o avião teria sido alvejado sem aviso prévio.

Enquanto no mundo árabe aumentam os clamores pedindo vingança para as 92 vítimas

do ataque, as autoridades locais dizem que a gravação completa da conversa entre o piloto e a torre de controlo revela, em toda a sua extensão, os intuitos traiçoeiros e criminosos dos israelitas.

Os informadores disseram que a gravação permite refutar a versão israelita de que o piloto foi primeiro intimado a aterrar mas não respondeu.

O jornal «Al Akhbar» publica

as últimas palavras transmitidas pelo piloto antes de ser cortada a comunicação. «Eles estão a disparar contra nós. Perdi a direcção».

Não se sabe ainda quais as medidas que o Egipto tomará em resposta a este incidente, mas um comunicado oficial distribuído ontem no Cairo dizia que Israel pagaria caro por este «crime premeditado».

Os observadores não acreditam porém que o ataque ao avião dê origem a um recomeço imediato da luta na frente egípcia pois o presidente Sadat tem afirmado repetidas vezes que o Agito não se deixará provocar e não entrará em guerra enquanto não estiver completamente preparado.

Entretanto, o Cairo desenvolve várias diligências diplomáticas e contacta com os seus embaixadores procurando mobilizar a opinião pública mundial contra Israel a propósito do ataque ao avião de passageiros.

Os observadores políticos pensam que os ataques israelitas, iniciados na semana passada com um combate aéreo no Suez, prosseguindo na terça-feira com o bombardeamento dos campos de refugiados palestinos no Líbano e culminando ontem com o ataque ao avião líbio, constituem tentativas para intimidar os

árabes no momento em que se esboçam novas tentativas de solução pacífica do conflito.

Na realidade, estes incidentes deram-se depois do secretário de Estado americano ter repetido que os Estados Unidos continuam interessados em promover negociações entre árabes e israelitas e no momento em que o conselheiro presidencial egípcio Ismail Hafez inicia sondagens em Londres e Washington.

NERVOSISMO

TEL-AVIV, 22 — (FP e R) — As autoridades israelitas iniciaram hoje um inquérito pormenorizado sobre o incidente de ontem com o avião de passageiros líbio abatido no Sinai em que perderam a vida 92 pessoas.

O primeiro ministro Golda Meir e outros membros do Governo manifestaram o seu pesar pela perda de vidas inocentes, mas sublinharam que consideram o piloto francês responsável por não ter acatado as intimações que lhe foram dirigidas para aterrar.

Um comunicado oficial aqui distribuído após a queda do avião afirmava que o piloto tinha sido avisado mais do que uma vez, conforme é habitual fazer-se no caso de aviões civis que penetram inadvertidamente no espaço aéreo de outros países.

Alguns observadores pensam, no entanto, que os pilotos dos caças israelitas agiram com nervosismo em face de ameaças feitas anteriormente pelos guerrilheiros palestinos de assaltar um avião e fazê-lo despenhar-se sobre Tel-Aviv num «raid» suicida.

Mas, embora os israelitas estejam convencidos que os seus pilotos obedeceram aos regulamentos internacionais e fizeram todas as intimações usuais, nem por isso deixam de perguntar a si próprios se a ordem de disparar sobre o avião foi dada no mais alto nível e se foram tomadas em consideração todas as consequências eventuais, nos planos humano e político.

Dois partidos da extrema esquerda pediram debate urgente no Parlamento. Um deles, o Rakah, comunista, pretende que seja constituída uma comissão neutra para se debruçar atentamente sobre o caso. De qualquer modo, já está em curso um inquérito oficial mas é duvidoso que revele rapidamente ao público o nome de quem deu ordem de atirar sobre o avião e a que motivos obedeceu.

Ex-ministro líbio a bordo do Boeing

CAIRO, 22 (R) — O ex-ministro líbio da aviação, que se encontrava a bordo do Boeing-727 abatido no Sinai, aumentado assim para 92 o número de vítimas.

Uma das mulheres agora falecida era uma jovem hospedeira da Air France, mademoiselle Jimoux, que trabalhava temporariamente para a companhia de aviação da Líbia. A outra mulher não foi identificada, desconhecendo-se a sua identidade.

Restam apenas sete sobreviventes, todos homens, alguns dos quais estão ainda em perigo de vida.

Entretanto em Beirute, soube-se que Saleh Masoud Bousseir, antigo ministro dos Estrangeiros líbio e conselheiro

do ex-ministro da aviação líbio, abatido ontem no Sinai, estava a bordo do Tripoli.

A emissão da rádio captada nesta cidade acrescenta que os 104 passageiros consistem em 48 líbios, 23 egípcios, 15 libaneses, cinco sírios, quatro jordanos, dois palestinos, dois sudaneses e dois alemães.

A tripulação de nove membros era constituída por quatro franceses, uma hospedeira francesa, dois líbios e duas hospedeiras libanesas.

A emissora disse ainda que o avião perdeu a sua direcção e entrou no espaço aéreo do Sinai devido ao nevoeiro

Constitui um mistério a mudança de rota

CAIRO, 22 (F. P.) — O fim do Boeing-727 de Libyan Arab Airlines, abatido por cima do Sinai, no próprio momento em que devia pousar no Cairo, continua rodeado do mais profundo mistério.

O aparelho saíra de Trípoli às 10 e 30 locais e fez escala em Benghazi, de onde descolou às 12 e 30. O rumo normal deste voo regular é ao longo da costa até alturas de Al Alamein, obliquando depois francamente para sul, na direcção do Lago Fayum, um cento de quilómetros a sudoeste do Cairo.

O estado de guerra que prevalece no Egipto obriga, com efeito, os aviões a abordarem o Cairo pelo sul a fim de não voarem sobre o delta. Na vertical de Fayum o aparelho virou para nordeste a fim de alcançar o Cairo. Na realidade, pelas 14 horas locais, momento em que era aguardado no aeroporto desta cidade, anunciou que estava a 11000 pés, ou seja, que se preparava para pousar. Mas, minutos depois, o co-

mandante informava que tinha problemas com os seus meios de comunicação radiofónicos. Depois, comunicou à torre de vigilância que ia tentar uma descida de emergência em Al Arich, no nordeste do Sinai. O avião teria, portanto, penetrado quase 100 quilómetros para leste do Canal de Suez.

Ora, observa-se no aeroporto do Cairo, todas as tripulações da Libyan Arab Airlines são constituídas por franceses experientes. Mesmo com muito mau tempo e era o caso na quarta-feira à tarde no norte do Egipto — é incompreensível que o avião tenha ido parar a 200 quilómetros a nordeste do Cairo quando, minutos antes, voara sobre a capital egípcia para aí descer.

Nestas condições nas esferas do aeroporto do Cairo pergunta-se se o drama não terá sido causado por deficiência dos instrumentos de navegação ou se o comandante, por razões ainda totalmente desconhecidas, não se terá desviado da rota normal contra sua vontade.

Sondagem em França: recuo dos "grandes"

PARIS, 22 — (R) — A última sondagem ao eleitorado realizada pelo instituto francês de opinião pública indica que tanto os gaullistas como a frente unida dos socialistas e comunistas perderam uma ligeira percentagem dos seus votos em benefício de pequenos agrupamentos das extremas esquerda e das direitas.

A sondagem indica que a

coligação oposicionista passou de 46 para 45 por cento ao passo que os degaullistas e seus aliados desceram de 39 para 38 por cento em relação à sondagem anterior.

Segundo os resultados publicados pelo «France Soir» os reformistas do centro mantiveram a sua posição com 13 por cento dos votos.

A eutanásia e a lei

LEEWARDEN, (Holanda), 22 (R) — A médica holandesa, dra. Geertrude Van Boven, de 45 anos, foi condenada a uma semana de cadeia, com pena suspensa, e a um ano de liberdade vigiada por ter morto, por misericórdia, sua mãe, doente, de 78 anos.

Fontes judiciais disseram que a sentença, como se aguardava, fora extremamente suave em virtude do facto da pena máxima por mortes por misericórdia na Holanda ser de 12 anos de cadeia.

O acusador público pedira um mês de cadeia, com a pena suspensa, e dois anos de liberdade vigiada para a ré.

A dra. Van Boven, cujo marido é, também, médico, confessou ao tribunal que em 1971 injectara 200 miligramas de morfina, uma dose fatal, a pedido urgente da mãe, Margine

Greveling, que se achava parcialmente paralisada.

Disse ao tribunal que dera a injeção após despedir-se da mãe, que falecera decorridos alguns minutos.

O caso de eutanásia foi revelado pela recusa do director da clínica onde a idosa senhora estava internada em assinar a certidão de óbito.

A história da dra. Van Boven provocou tremenda discussão na imprensa acerca das leis holandesas sobre eutanásia.

A dra. Van Boven declarou ainda ao tribunal durante o julgamento que, clinicamente, sua mãe era um caso desesperado. O director da clínica, dr. Van Van Göl, de 68 anos, discordou dessa opinião. Na fotografia, a dra. Van Boven, acompanhada do marido, médico também (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

CALEIDOSCÓPIO

FIM DE GREVE — Os chefes de manutenção terminaram a noite passada uma greve que durou três dias, a qual desorganizou por completo os serviços da companhia de aviação israelita El Al. A companhia recomeçou imediatamente a operar com a partida das suas carreiras regulares para Teerão e Joanesburgo. Os homens, cuja paralização obrigou a companhia a alugar aviões estrangeiros para transportar os seus passageiros e carga, obedeceram a uma ordem de um tribunal do trabalho local para regressarem ao trabalho dentro de uma hora. (R.)

QUEDA DO DÓLAR — Soube-se de fonte segura que o banco nacional suíço interveio no mercado de câmbios de Zurique pela primeira vez depois de 23 de Janeiro. A sua intervenção refreou de certo modo

a queda do dólar registada ontem. (FP.)

MINISTRO PRESO NO CONGO — O ministro da Informação do Congo, Sylvain Bemba, foi preso em relação com uma conspiração para derrubar o Governo — anunciou ontem o presidente Marien Ngouabi. O presidente, falando numa reunião militar em Brazzaville disse que muitos «pseudo-revolucionários» membros do partido governante e da sua comissão central haviam sido também aprisionados. Ngouabi afirmou que a conspiração havia sido descoberta recentemente. (R.)

PRÓXIMA CIMEIRA NIXON-BREJNEV — Estão em curso negociações para o estabelecimento da data exacta da reunião cimeira, a efectuar em Washington, entre o presidente Nixon e o chefe do Partido Comunista soviético Leonid Brejnev — ao que se afirma nos círculos diplomáticos de Londres. Uma das hipóteses que está a ser encarada é de a reunião se realizar no mês de Junho, embora não se ponha de parte a possibilidade de ela se efectuar mais cedo. (UPI-ANI).

TENSÃO NA ARGENTINA

O ambiente pré-eleitoral na Argentina continua tenso depois do antigo presidente Juan Peron ter acusado o governo de provocação e de forças militares terem passado uma busca à sede do movimento peronista em Córdoba procurando armas roubadas no domínio por guerrilheiros. Esse assalto a um quartel de Córdoba parece ter sido obra de militantes marxistas do chamado «exército Revolucionário Popular»; os quais levaram consigo um camião carregado com metralhadoras, espingardas, capacetes e uniformes (FP)

LEVI-STRAUSS PREMIADO

A Fundação Erasmo anunciou a atribuição do seu prémio para 1973, no valor de cem mil florins (912.500 escudos) a Claude Levi-Strauss, professor de Antropologia social do Liceu da França, em Paris. O prémio foi criado em 1958 e é atribuído anualmente a indivíduos ou instituições que tenham feito contribuições notáveis para a cultura e ciência europeias. O príncipe Bernard, que é o governador do fundo, fará a entrega do prémio em Maio. (UPI-ANI)



Ouro: nova alta

LONDRES, 22 — (FP) — O ouro bateu novo recorde, atingindo 83 dólares por onça, no primeiro «fixing» de hoje (contra 79,30 dólares no «fixing» de ontem).

DIVULGADO

FIM DE CERCA DE 20 ANOS DE GUERRA NO LAOS

VIENTIANE, 22 — (R) — Um cessar-fogo terminando cerca de 20 anos de guerra no reino do Laos, cercado por terra, entrou hoje oficialmente em vigor, mas exteriormente poucos indícios havia de regozijo nesta capital.

A guerra foi sempre um tanto remota para a maioria dos habitantes de Vientiane, pois nunca ocorreram combates perto desta capital administrativa.

Contudo, o momento histórico do cessar-fogo — meio-dia local (6 horas de Lisboa) de acordo com o estabelecido no acordo da trégua, assinado ontem entre o Governo e o Pathet Lao pró-comunista — não passou completamente despercebido.

Cerca de mil estudantes dos liceus locais desfilarão pelas ruas principais, entoando a palavra «paz». Empunhavam, também, cartazes onde se lia

«este é o último cessar-fogo no Laos» e «a paz será duradoura».

A não ser isso, a cidade esteve geralmente calma. Alguns taxis estavam ornamentados com flâmulas e serpentinas e missas de acção de graças foram organizadas em templos e igrejas locais.

«Talvez as pessoas que figuram dos seus lares com medo da guerra possam regressar agora» — observou um motorista de taxi.

«Quero voltar ao meu antigo trabalho como carpinteiro na minha aldeia, perto da planície dos Jarros».

Grande parte da luta no Laos tem sido travada por soldados voluntários irregulares e uma mulher afirmou com razão: «A maior parte de nós tem homens no exército. Contudo, como se encontram estacionados à volta de Vientiane e não

vão combater, poucas preocupações temos».

O cessar-fogo significará que as pessoas podem agora circular de novo livremente por todo o país, desde que a trégua seja observada.

O Pathet Lao domina actualmente cerca de dois terços do reino, enquanto que o Governo ocupa a maior parte dos centros densamente habitados.

O acordo de paz estabelece uma trégua, permanecendo as tropas adversárias nas suas posições, o fim dos combates americanos no Laos e a retirada de todas as forças estrangeiras dentro de 90 dias. Cerca de 50 000 soldados norte-vietnamitas, segundo se anunciou, estiveram envolvidos no conflito ao lado do Pathet Lao, enquanto o Governo goi apoiado por 20 000 irregulares tailandeses.

O pacto prevê ainda um no-

vo Governo de coligação e um conselho de união nacional, ambos formados igualmente por membros do gabinete de Vientiane e do Pathet Lao.

O novo Governo, a ser constituído dentro de 30 dias após o cessar-fogo entrar em vigor, será chefiado por um primeiro ministro escolhido por uma comissão conjunta do Governo e do Pathet Lao.

Nos termos do acordo, o cargo de primeiro ministro será entregue a um neutral, embora se pense que o príncipe Souvanna phouma poderá manter o posto.

Nada se sabia ainda sobre o papel que o chefe do Pathet Lao, príncipe Souphanouvong, desempenhará no novo Governo. No Governo formado em 1962, o príncipe, que é meio-irmão do príncipe Souvanna, foi nomeado vice-primeiro ministro, mas isso não foi mencionado em qualquer acordo.

Sismo na Califórnia



Um grande abalo sísmico, com a intensidade de 7,75 na escala Richter, foi sentido ontem no litoral da Califórnia. O tremor de terra, que estilhaçou os vidros das janelas, foi o mais forte abalo registado na zona desde Fevereiro de 1971. (UPI/Telimprensa/DL)

Acusações mútuas no Vietname de violação do cessar-fogo

SAIGÃO, 22 (R) — O Vietname do Sul e o governo revolucionário provisório do Vietcong suspenderam hoje investigações sobre violações do cessar-fogo, após trocarem novas acusações de quebra da paz.

O representante de Saigão junto da comissão militar conjunta, formada para organizar a trégua no Vietname, vetou a noite passada um pedido do Vietcong para se investigar o bombardeamento de Duc Co, uma cidade ocupada pelos comunistas nas montanhas centrais indicada na segunda-feira como um ponto oficial de reabastecimento militar, nos termos do acordo de Paris.

Em Danang, um grupo de 12 oficiais da CMC, constituída por representantes dos Estados Unidos, Vietname do Norte, Vietname do Sul e do GRP, não conseguiu, pelo segundo dia consecutivo, seguir para a cidade disputada de Sa Huynh, na costa central, por causa das demoras dos comunistas.

Fontes afectas à comissão disseram que os delegados norte-vietnamitas e do Vietcong continuavam a exigir mais informações, antes de partirem de Danang para Sa Huynh, a 128 quilómetros de distância. Julgava-se que Sa Huynh fora escolhida pelo Vietcong como centro de reabastecimento.

A cidade foi ocupada durante as primeiras horas do cessar-fogo, mas foi retomada por forças governamentais no fim da semana, após 21 dias de renhida luta.

Oficiais americanos disseram duvidar imenso que os comunistas, que apresentaram o pedido para inspecionar a área de Sa Huynh, quisessem realmente seguir para lá agora.

O general Tran Van Tra, chefe do Vietcong junto da comissão, apresentou um protesto contra o bombardeamento de Duc Co apenas horas depois do local ter sido formalmente indicado como um dos três pontos de reabastecimento co-

munista.

Os outros pontos eram Xa Mat, na província de Tay Ninh, perto da fronteira cambojana, a noroeste de Saigão, e Gio Linh, abaixo da zona desmilitarizada dividindo o Vietname.

O tenente-general sul-vietnamita Duc Quoc Dong, o representante de Saigão, declarou na comissão que Duc Co era uma área disputada e que as forças governamentais tinham reagido em defesa própria ao serem atacadas.

Segundo fontes afectas à comissão, o general não negou

a acusação comunista de que aviões sul-vietnamitas atacaram na segunda-feira o aeródromo de Duc Co, matando e ferindo muitos operários preparando acomodações para uma equipa de fiscalização do cessar-fogo, formada por representantes do Canadá, Hungria, Indonésia e Polónia.

Essas fontes disseram ainda que o general Dong afirmara na sessão da CMC que o governo de Saigão não estava disposto a fazer a investigação exigida pelos comunistas.

O comando sul-vietnamita

anunciou hoje um declínio no número de alegadas violações da trégua por parte dos comunistas, afirmando que tinham descido de 200 para 133 durante as últimas 24 horas.

APROVADO EM HANOI O ACORDO DE PAZ

HONG KONG, 22 (R) — A assembleia nacional do Vietname do Norte aprovou, por unanimidade, o acordo de paz assinado, no mês passado, entre Hanoi e Washington, segundo anunciou hoje a agência noticiosa norte vietnamita

BREJNEV NA CAPITAL CHECA NO 25.º ANIVERSÁRIO DA SUBIDA DOS COMUNISTAS AO PODER

PRAGA, 22 (R.) — O chefe do Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev chegou às primeiras horas de hoje de comboio à Checoslováquia, vindo de Moscovo, a fim de participar nas comemorações assinalando o 25.º aniversário da subida dos comunistas ao poder neste país.

Foi recebido pelo membro do presidium Checoslovaco, Vasil Bilak, que embarcou, também, no comboio para a última fase da viagem até Praga.

O comboio era aguardado ainda esta manhã na capital.

Um monumento em honra do falecido Klement Gottwald, o presidente do partido que levou os comunistas ao poder em 1948, deveria ser descerrado nesta cidade às 10 horas de hoje. Uma hora depois, deverá, também, ser inaugurada uma grande ponte rodoviária no subúrbio de Nusle, na capital, a que foi dada o nome de Gottwald.

Ignorava-se, porém, se Brejnev assistiria a essas cerimónias.

As principais comemorações até agora divulgadas incluem um comício maciço na sexta-feira, à tarde, na velha praça

do município de Praga, onde Gottwald discursou aos operários e à milícia comunista durante os dias de crise de Fevereiro de 1948.

Nessa altura, ministros conservadores e centristas do Governo de coligação demitiram-se na esperança de obrigarem a uma eleição. Contudo, o presidente Eduard Benes curvou-se finalmente à pressão comunista, apoiada pela milícia popular armada, e aceitou um Governo dominado pelos comunistas.

Espera-se que Brejnev passe cerca de dois dias em Praga e observadores acreditam que outros chefes de partidos comunistas europeus orientais chegarão, também, provavelmente para assistir às comemorações, embora a sua vinda não fosse confirmada oficialmente.

O chefe do Partido Comunista soviético esteve pela última vez na Checoslováquia em Janeiro do ano passado, a fim de assistir a uma cimeira do Pacto de Varsóvia. Em 1971 veio a Praga durante o 14.º Congresso do Partido Comunista checoslovaco e deu o selo da aprovação oficial à política

de «normalização» do actual chefe do partido, dr. Gustav Usak.

No domingo regista-se o 25.º aniversário da subida dos comunistas ao poder, mas, segundo o programa anunciado até agora, as comemorações principais ocorrerão durante o dia de amanhã.

Observadores julgam que Brejnev poderá aproveitar a oportunidade para se inteirar

das opiniões dos dirigentes de Praga acerca da questão da presidência do país. O general Ludvik Svoboda, de 77 anos, termina em 30 de Março, o seu mandato de cinco anos como chefe de Estado.

Quem será o próximo presidente tem sido tema de grande especulação em Praga durante as últimas semanas. Até agora não apareceu qualquer favorito para o elevado cargo.

Discípulos de Manson considerados culpados

SAN FRANCISCO, 22 (R.) — Dois homens e duas mulheres, discípulos do chefe «hippie» Charles Manson, condenado por causa do massacre na residência de Sharon Tate, foram considerados culpados por um tribunal desta cidade de tentarem roubar armas de fogo numa conspiração destinada a libertar Manson.

Um júri de sete senhoras e cinco homens considerou a noite passada culpados das acusações Catharine Share, de 30 anos, Mary Brunner, de 29,

Kenneth como, de 32 e Lawrence Bailey, de 23. As armas roubadas foram recuperadas pela polícia a seguir ao tiroteio no armazém.

Os quatro réus declararam-se inocentes do roubo, alegando inocência. Nos termos das leis da Califórnia, os jurados devem decidir durante a segunda fase do julgamento se os acusados se encontravam no seu juízo perfeito na altura do crime.

Advogados de defesa afirmaram que pretendem chamar Manson como testemunha.

PETERSON NA EUROPA

A maturidade da CEE inquieta os EUA

PARIS, 22 (F. P.) — Peter Peterson partiu ontem à noite de Paris para Londres.

Do seu percurso europeu até agora, podemos fazer duas etapas:

1 — Em Roma e em Bonn, a sua linguagem foi dura, porque queria concessões unilaterais que facilitassem as exportações americanas na Itália e na Alemanha. O argumento foi:

o auxílio económico do pós-guerra e a protecção militar que os Estados Unidos dão aos seus aliados, obrigam estes a auxiliá-los na resolução dos seus problemas económicos, aumentando as exportações americanas para a Europa, sem o que Washington pensará, muito seriamente, em limitar a protecção militar.

2 — Em Paris, o ministro da Defesa Michel Debré não apreciou as teses do enviado de Nixon. Assim ao segundo encontro «francês» (com o ministro dos Negócios Estrangeiros Maurice Schuman) o tom de Peterson era já outro. Limitou-se a pôr em evidência as dificuldades de Nixon face ao Senado, aos Sindicatos, à opinião pública americana, que o forçaram a lutar contra os obstáculos aduaneiros mais graves.

Posto por ora o problema, Peterson ultrapassa largamente o quadro estreito das trocas comerciais entre os EUA e a Europa. A C. E. E. inquieta os Estados Unidos que vêem nela não apenas um sério rival a nível económico mas também o perigo que pode constituir a sua maturidade. Dentro em pouco talvez seja já demasiado tarde.

Por isso a missão de Peterson parece ter uma importância muito maior que a que lhe era inicialmente atribuída.

Desminagem

WASHINGTON, 22 (FP) — Nove dos 30 navios estrangeiros que se encontravam bloqueados em Haiphong pelas minas americanas deixaram este porto norte vietnamita, revela fonte militar americana. Entretanto, a «Task-Force 78» da marinha dos Estados Unidos, prossegue a desminagem.

DEFENDA-SE DO PERIGO

LEMBRE-SE

O AMORTECEDOR KONI DARÁ

MELHOR ESTABILIDADE

MELHOR DIRECÇÃO

MELHOR COMODIDADE

CARREGÁVEIS * REGULÁVEIS * REPARÁVEIS

UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO

Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 560156/7/8 — LISBOA

RECEBA

1900\$00

Pelo seu TELEVISOR usado na troca do novo PHILIPS a pronto ou em 24 mensalidades.

CASA M. L. FERREIRA — Rua de D. Estefânia, 48-A

SENSACIONAL...

Sofás cama - Tipo Belga	1800\$00
Balanças - Casa de banho	150\$00
Torradeiras	180\$00
Frigoríficos 140, L.	1790\$00
T. V. 2 canais	3390\$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

Dizem os leitores

FALTA DE ASSISTÊNCIA NUM POSTO MÉDICO

Do sr. José Maria Simões da Encarnação, nosso leitor de Castanheira do Ribatejo, recebemos a seguinte carta:

O posto médico da localidade onde vivo, Castanheira do

Ribatejo, que por sinal possui, entre beneficiários e familiares, alguns milhares de pessoas, não tem assistência médica à altura das circunstâncias, embora se paguem os 5\$00 das senhas para consul-

tas ou se fazem passado oito dias ou nem chegam a fazer-se, porque entretanto o doente recorreu a médico particular ou então ao hospital.

No meu caso, que vou citar como exemplo dos «bons» serviços daquele posto, foi-me marcada, em Novembro/72, uma radiografia ao estômago, que fiz no dia 4 de Janeiro deste ano, a qual só chegou ao posto médico decorridas três semanas. No dia 26 do

mês atrás referido (Janeiro), marquei consulta a fim de que o médico, após a observação, me pudesse medicar convenientemente, consulta essa para que só obtive vaga para 1 de Fevereiro corrente. Chegando o desejado dia, fui informado que não haveria consultas por falta de médico. No dia seguinte, dia 2, tornaram-me a dar a mesma resposta.

Já saturado, não só pelo mal que me aflige, como por todas estas anomalias, solicitei à funcionária em serviço naquele posto pelas 14 horas, que me fossem cedidas as radiografias de modo a eu poder consultar um médico particular. Então, informaram-me de que deveria apresentar-me ainda e mais uma vez à hora da próxima consulta e, no caso de não haver médico, ser-me-iam confiadas as radiografias. À hora da consulta (17 e 30, desse dia) lá fui e, como se esperava, não havia médico. Solicitei de novo as radiografias, agora a uma outra funcionária que, com cara de poucos amigos e com termos que não primaram pela correcção, me disse que só com documento assinado pelo médico eu poderia levantar as radiografias.

Francamente, quem cuidará de nos acudir?

Pasta Medicinal Couto

Evita e trata doenças da boca **PORQUE É MEDICINAL**

DINHEIRO

empresta-se

Sobre propriedades 20,30,50,100 contos e quantias superiores, ao juro da lei

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

LISBOA - RUA DO OURO 292 (Esquina com o Rossio) Telf. 369384/5/6

PORTO - RUA PASSOS MANUEL 14 Telf. 20344/5/6

tonicha



de 'MENINA'

a

DISCOS **orfeu**

duarte mendes



VOCÊ É "GENTE"

DI/GERAL

MANTÉM-SE A QUESTÃO FLORESTAL NO CONCELHO DE ÁGUEDA

ÁGUEDA, 22 — Depois de prometida pelos Serviços Florestais a restituição dos baldios pelos mesmos ocupados, o povo da freguesia de Préstimo deparou com um outro problema não menos grave que se tinha levantado judicialmente já lá vão alguns anos: a questão de saber se esses terrenos seriam municipais (propriedade da Câmara Municipal) ou paroquiais (propriedade da freguesia).

O conflito reavivou-se com a entrega à Câmara Municipal de Águeda da percentagem de 25 por cento do rendimento líquido das matas ocupadas pelos Serviços Florestais.

O presidente da Câmara Municipal de Águeda, dr. Horácio Marçal viu-se obrigado a ir «até junto do povo» propondo uma solução que assenta na municipalidade dos terrenos florestais de logradouro comum (baldio) e na administração

efectiva desses terrenos pela Junta de Freguesia, recebendo a Câmara grande parte do rendimento das matas dos Serviços Florestais com a promessa de ser aplicado em melhoramentos para a freguesia. Isto evitaria uma atitude «deselegante» da Junta de Préstimo em recorrer novamente para tribunal.

O certo, porém, é que reinava uma certa confusão no espírito dos lavradores de Préstimo, e a Junta de Freguesia, ponderando a proposta (aparentemente aceite) entregou a questão a dois advogados que em breve formularam a sua opinião sobre o problema.

Lembre-mos, entretanto, que os Serviços Florestais ainda não restituíram quaisquer terrenos, tendo a própria Junta de Préstimo solicitado em ofício de 6 do corrente a demarcação dos mesmos com a presença dos representantes do povo.

Em suma e para termos

uma ideia de conjunto sobre a questão florestal neste momento, o conflito Povo-Junta-Serviços Florestais está aparentemente resolvido com uma promessa dos baldios.

O conflito Junta de Freguesia-Câmara ainda não foi solucionado. Há, no entanto, um terceiro problema potencial para aqueles que optam pela restituição dos terrenos do logradouro comum ao povo e não à Junta ou à Câmara Municipal. Para estes, pois, a questão da municipalidade ou paroquialidade dos baldios seria superada pela divisão desses terrenos pelos proprietários da freguesia, cedendo como é necessário e evidente alguns deles à Junta de Freguesia para cobertura das despesas locais juntamente com as receitas (percentagens) advindas da mata dos Serviços Florestais. Por enquanto, continua-se à espera.

Brasil- os índios do perímetro norte

Continuação da pag. 2

floresta por pastagens não poderia afastar os riscos evocados pelos peritos. Em Belém, os dirigentes de um instituto de pesquisas recordaram que imensas extensões plantadas de essências raras já haviam sido destruídas no Estado do Pará e «devido à precipitação dos construtores da Transamazônica» e «devido à ausência de estudos científicos preliminares e sérios».

Os etnólogos preocupam-se com a sorte que está reservada aos índios que serão afectados pela construção do perímetro Norte. O que aconteceu no Parque Nacional de Xingu não é encorajante. Neste último sector, a Sul da Amazônia, uma modificação do traçado da estrada (modificação decidida para permitir a poderosas sociedades de São Paulo explorar excelentes terras) condenou, na opinião dos peritos, praticamente à morte uma notável parte dos índios de um parque que, no entanto, está protegido pela lei. Outras re-

servas índias estão ameaçadas pelos construtores dotados de meios militares consideráveis. É o caso do Parque de Aripuanã, das «Cinturas Largas», da Reserva Nambikuara e da de Waimeri-Atroari, atravessada pela estrada de Manaus à Boa-Vista.

Segundo o general Bandeira de Melo, presidente do Fundo Nacional dos Índios (FUNAI), que substituiu o Serviço de Protecção (SPI) tão desacreditado, o perímetro Norte atravessará territórios aonde vivem perto de trinta mil índios.

num relatório apresentado em meados de Janeiro, em Londres, pela Sociedade Britânica para a Protecção dos Aborígenes, o dr. Edwin Brooks, da Universidade de Liverpool minimizou, sem dúvida, as acusações de «genocídio» levantada, na oportunidade, contra as autoridades brasileiras. Mas pôs igualmente estas últimas de sobressano contra uma «pressão excessiva».

«É imperativo — diz ele — que os índios façam, eles próprios, o ritmo em que estão prontos a fazer evoluir o seu género de vida primitiva. Cada nação índia deveria ser considerada como um caso especial, com a sua cultura, a sua história, e os seus problemas distintos. Os índios têm necessidade de parques e de reservas que deveriam ser invioláveis. Os seus territórios não devem ser amputados em nome do progresso».

A Igreja do Brasil não diz outra coisa quando proclama, por intermédio da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (C.N.B.B.) que «o homem não deve estar ao serviço do desenvolvimento».

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA EDITAL

FEBO VARGAS DE MATOS, Ten. Cor. Pil. Av. e Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira:

FAZ SABER, de harmonia com o deliberado na reunião ordinária de 6/2/73, a todos os interessados, que deverão, no prazo de 30 dias a contar da data da publicação do presente Edital, retirar o veículo marca NSU-TT, com o número de matrícula IL-30-53, que se encontra presentemente estacionado no Campo do Cevadeiro em Vila Franca de Xira, e foi abandonado há cerca de um ano na Rua Palha Branco, frente ao número 86 de polícia, também desta Vila.

Findo este prazo o referido veículo entrará na posse deste Município, para arrematação.

Para geral conhecimento se publica este Edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo.

E eu, Luís Afonso, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal o subscrevi.

Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, 19 de Fevereiro de 1973.

O Presidente
Febo Vargas de Matos
Ten. Cor. Pil. Av.



ENTREGA DE MAIS UM AUTOMÓVEL DOS SORTEIOS QUINZENAIS

Teve lugar em 8 de Fevereiro de 1973 no Salão de Exposição da Fiat Portuguesa, S.A.R.L., a entrega das chaves de mais um automóvel ligeiro modelo 600-D desta marca ao Exm.º Snr. Valdemar Quaresma, residente em Papanata-Lousã, com que este sr. foi

contemplado no sorteio do referido Concurso realizado em 15 de Janeiro de 1973 pela compra de um artigo com garantia OCL. O artigo comprado que lhe proporcionou este valioso prémio foi um Aquecimento Rili com Garantia OCL.

É oportuno lembrar que, além dos sorteios já efectuados, outros idênticos se repetirão de 15 em 15 dias com prémios

sempre constituídos por Automóveis Fiat, entre os compradores que dêem a sua preferência aos artigos cobertos pela Garantia OCL das marcas: Schaub-Lorenz, Indesit, Rili, Odacla, Siera, Remington, Severin, Roller Grill, Graetz, Necchi, Starmix, Zurco, Vesuvius-Sanier Duval, Radar e Jolly Express desde que exijam os respectivos certificados de garantia.

NOVAS NOTAS PARA A GUINÉ

Foram aprovadas pelo secretário de Estado do Fomento Ultramarino as características das notas de cinquenta e cem escudos a lançar em circulação na Guiné através do Banco Nacional Ultramarino.

Junta de Investigação Científica

Foram nomeados o general Ernesto Machado Soares de Oliveira e Sousa e o brigadeiro Hildo de Faria Queirós vogais do Conselho Geral da Junta nacional de Investigação Científica e Tecnológica, como representantes, respectivamente, do ministério do Exército e do secretário de Estado da Aeronáutica.

PRÉMIO RICARDO MALHEIROS

HORA

3ª edição

BAI

de
MANUEL FERREIRA

CABO VERDE: A SECA E A EMIGRAÇÃO

MAIS ACTUAL DO QUE NUNCA!

COLECÇÃO POLIEDRO N.º 3 preço 60\$00

GRANDE CARNAVAL NO ALGARVE

PRIMEIRO CARNAVAL EM QUARTEIRA

HOTEL QUARTEIRASOL

DINNER DANCING QUARTEIRASOL

4 NOITES — 3 — 4 — 5 — 6 MARÇO

2 AMBIENTES À SUA ESCOLHA

2 CONJUNTOS — «MOZAMBEATS»

«QUARTEIRASOL SHOW»

GRANDES ATRACÇÕES

SABADO — JANTAR DE GALA

DOMINGO — NOITE ALGARVIA

SEGUNDA — JANTAR TRAPALHÃO

TERÇA — CHURRASCADA À BRASILEIRA

— DIVIRTA-SE E DANCE ATÉ DE MADRUGADA —
SURPRESAS ATÉ ÀS 6 DA MANHÃ

— PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO —

★ Reservas nas Agências de Viagem
★ ou pelos Tels. n.º 65421 - 65316

DL/DESPORTOS

Andebol: o busilis da regra seis

A arbitragem é um problema de momento, em todas as modalidades e em todas as nações onde se pratica desporto competitivo, mesmo nas de maior índice de civismo. Nos países de Leste, as dificuldades são menores, dado o dirigismo desportivo estadual. No Ocidente, alguns países têm experimentado integrar a arbitragem nas respectivas federações e os resultados não têm sido brilhantes, a não ser a progressiva instauração de um sistema ditatorial, por parte das federações que se julgam infalíveis.

Em Portugal, está a ser tentada essa integração, e os resultados são os piores possíveis. As dificuldades, aliás, apresentam-se insuperáveis, dado o clima doentio que se respira no andebol, a desconfiança entre dirigentes e dirigidos e a impreparação da grande maioria de dirigentes, árbitros, treinadores e público. Ciclo vicioso, portanto, com a consequência da decisão do actual presidente federativo estar votada ao malogro. Na sua ânsia de evidência pessoal, esquece este dirigente pormenores relacionados com alguns árbitros, coisas antigas, que os levam a não tomar muito a sério as intenções do presidente.

O andebol é um jogo de fácil assimilação, quer para praticantes quer para árbitros. As suas regras estão bem definidas e explicadas pelos competentes homens da Comissão Técnica Internacional, aditando (inclusive) esclarecimentos às regras de mais difícil julgamento.

to. A regra 6, por exemplo e sob a epígrafe «Conduta para com o adversário», diz:

«E PERMITIDO: Utilizar os braços e as mãos para se apoiar da bola, arrebatá-la da mão do adversário, com a mão aberta e não importa por que lado. Obstruir o caminho do adversário com o corpo. NOTA: E também permitido fazê-lo quando o adversário não está de posse da bola.

Por MATOS MOURA

Esta regra é o calcanhar de Aquiles da nossa arbitragem; e aquela em que encontram maiores dificuldades de aplicação. Porquê?

Impõe-se reprimir o jogo violento (maldoso) a todo o custo, pois ele só prejudica o progresso da modalidade. Mas o jogo viril é permitido pelas regras e a n.º 6 é disso claro exemplo. Ora o que fez a Comissão de Arbitros integrada na Federação? Vejamos:

Há três semanas (aproximadamente), em vésperas de um jogo que poderia ter decidido o campeonato metropolitano (e de outros encontros «quase igualmente» importantes) enviou uma circular aos árbitros com recomendações especiais sobre a regra 6. Julgamos que esta regra é bem explícita e, sendo assim, porquê as recomendações? E porquê nesta altura da época? Mistérios...

Não seria mais fácil instruir os árbitros, no sentido de se conseguirem deles um maior discernimento na aplicação dessa

regra?

Há equipas que jogam duro dentro do que as regras lhe permitem; outras são violentas, porque julgam intimidar assim os adversários. Há que castigar estas com toda a severidade e deixar as primeiras praticar o jogo que se perfila além-fronteiras.

Brevemente desloca-se ao estrangeiro a nossa selecção de «esperanças», que vai en-

contrar arbitragens de lá, a concederem uma liberdade de choque que por cá não é habitual. Este é um dos resultados da integração: a juntar ao afastamento de bons árbitros pedido de dispensa de outros e chamamento de alguns já reformados e que no tempo de efectividade já eram de baixo nível técnico...

Liga-nos ao actual presidente da Comissão Central de Arbitros (Palma da Veiga) uma sã amizade que foi alicerçada nos bancos da escola. Salvo erro, foi pela nossa mão que ele se tornou praticante da modalidade. Muito sinceramente acreditamos na sua honestidade e competência. E um estudioso da arbitragem, um idealista. Como tal, cerro às vezes os olhos, por acreditar no idealismo dos outros. Mas, Palma da Veiga tem de se acautelar porque existem alguns vendilhões do templo que procuram a promoção pessoal e só um olhar atento lhes descobre as artimanhas e lhes topa as intenções.

A selecção treinou com o Barreirense

A selecção nacional de futebol, que esta manhã treinou com o Barreirense, numa das últimas sessões antes do França-Portugal, parte na quinta-feira, pelas 15 horas, para Paris, regressando no domingo, às 13 e 25. A comitiva lusitana ficará instalada no Victória Palace Hotel, devendo o jogo particular com os franceses realizar-se na noite de sábado (dia 3), no Parc des Princes.

Os juvenis do Benfica são campeões regionais de Lisboa, por terem derrotado o Sporting (2-1) na finalíssima, disputada ontem à tarde, no campo do Casa Pia. No encontro anterior as equipas tinham empatado, o que obrigou à repetição. Entretanto, sob a orientação do treinador Ângelo, outra turma do Benfica partiu para um certame internacional. Trata-se de um misto de juniores e ex-juniores que participa, a partir do dia 24, no torneio de Viareggio. Seguiram viagem os jogadores Fidalgo, Bastos Lopes, Sheu, Pedroto, Rui Lopes, Norton, Calado, Mesquita, Maia da Silva, David, José Maria, Amaral, Durand, Almeida, e Real. Ficaram em Lisboa N'habola e Sarmiento, lesionados.

Esta noite, no Funchal, o Vitória de Setúbal defronta o Marítimo em jogo-exibição. Pode noticiar-se também a transmissão directa pela TV do jogo do Vitória em Londres, contra

o Tottenham, dia 7 de Março, a contar para a «Taça UEFA».

Nos jogos de reservas da Associação de Futebol de Lisboa, verificaram-se os seguintes resultados: Alverca, 1-Sporting, 2; Vilafranquense, 1-Santa Iria, 1; Sintrense, 5-Pero Pinheiro-0; campeonato de juniores da AFL também se aproxima do fim. Ontem, efectuaram-se dois jogos em atraso: Olivais, 1-Sporting, 2 e Primeiro de Dezembro, 0-Belenenses, 2. A final vai ser disputada entre Sporting e Benfica.

A Espanha derrotou (de novo) a Grécia, por 3-1, em jogo a contar para as eliminatórias do campeonato do mundo, grupo 7. Pela Espanha marcaram Claramunt, Sol e Martinez, sendo o golo grego apontado por Antoniadis. Com este resultado, a Espanha dificilmente se classificará para o mundial, a não ser que uma hipotética vitória em Belgrado, sobre a Jugoslávia, não obrigue a desempate por golos.

Antecedendo o jogo principal do campeonato, as escolas do Benfica e Belenenses exibiram-se no estádio do Restelo, no próximo domingo a partir das 13 e 45. O árbitro é Ilídio Cacho.

As exigências do Farense postas à agência de viagens Mercury, para antecipar o jogo com o Benfica, no campeonato,

obrigou a modificações no plano de actuação dos «encarnados» em Paris, por altura da Páscoa. Assim, o jogo para os emigrantes já não será contra o Ajax, no sábado de Páscoa, mas sim contra o F.C. do Porto e na tarde de segunda-feira, 23 de Abril. O Farense exigia o pagamento de 450 contos, como receita total do jogo com o Benfica, além de um contrato para actuar em Paris, em data oportuna. Manuel Barbosa, proprietário da empresa organizadora, não aceitou: e o Benfica vai a Faro na data marcada, voando directamente para Paris.

Peres ainda não jogou no canadá, por não ter chegado a acordo quanto à verba a receber por cada exibição.

Yazalde regressou aos treinos, devendo já defrontar o Montijo no próximo domingo. Mourinho, que estava em dúvida no Belenenses, também dará o seu contributo aos «azuis».

A Comissão Disciplinar da Federação de Futebol aplicou o castigo de três jogos de suspensão ao brasileiro Gijo, do Montijo.

O Caldas pôs na rua o treinador que contratara três meses, o brasileiro Juthes da Silva. Para o substituir foi convidado Carapinha.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 25 DA 12.ª ÉPOCA 25 FEV./73

O Algarve - xix xii xii 122; Beira Baixa - xii 211 xii 122; Boa Nova - xii 211 xix xix; Cardeal Saraiva - 211 211 xii 1x2x; Colina Sagrada - 12x x22 xii 11x2; Comércio de Portimão - xii 211 xix Coimbra - 111 211 111 x22;

A Defesa - xii 21x xix 122; Desportivo das Beiras - 2xx xxi xii xix; Diário do Minho - 111 211 xii x22; O Distrito de Setúbal - xxi 211 21x xx2; Ecos de Estremoz - xxi 211 xxx 222; Ecos do Desporto - 111 211 xix 1xx; Estrela da Manhã - 1x1 xxi x12 122; Folha do Domingo - xii 211 xii 1x2; Gazeta das Caldas - xix 2x1 xix 1x2x; Jornal do Barreiro - 1x1 211 21x 1x2x; O Jornal de Felgueiras - 111 xii 111 1xx; Jornal do Fundão - 11x xii 111 111; Jornal de Santo Tirso - xix 211 111 111; Jornal de Viseu - 111 211 x12 2xx; Linhas de Elvas - xxx 211 11x 12x; Mosaico - 2x1 xii 211 112; Notícias de Chaves - 1x1 211 211 111; Notícias de Felgueiras - 1x1 xii xix 122; Povo Algarvio - 1x1 211 111 122; Emissor Regional da Guiné - xxi 211 xix 222; A Rabeca - xxi 211 111 122; Rádio Alentejo - 111 xii 11x 122; Açores - 111 211 xii xxx; Cavalegada do Ritmo - 1x1 xii 1xx 2x; A Comarca de Arganil - x 211 x2 122x; O Comércio de Leixões - x21 211 111 xx21; Comércio do Porto - xxx 211 xix x2; Correio do Alentejo - xx xii 2x x22; Cor-

reio do Vouga - 111 211 xii 122; As 10 espere por nós - xix xxi xix xx2x; Diário dos Açores - xxi 211 xx 2x2; Diário de Coimbra - 111 211 xii 122; Ecos de Cacia - 111 xii 111 122; Epoca - 2x1 21x 21x xxx; Dos Fracos Não Reza a História - 2x1 121 212 22x2; A Ilha - 111 xii 111 122; Imagens Piedenses - 221 2x 211 xii 111; Jornal da Beira - 111 211 x12 2xx; Jornal da Graça - 111 111 111 111; Jornal da Lixa - 221 211 221 111; Jornal do Sul - 211 211 xx2 xxx; O Mensageiro - xx 211 111 xix; Litoral - xii 211 21x 11x; Manchete Desportiva - 111 xii xii 222; O Mensageiro de Bragança - 111 211 11x 122; Maria da Fonte - 111 211 xii 122; Mundo Desportivo - xxi xii 211 211 11x 1x2; A Ordem - 111 211 xix 111; Peça que não Maça - 112 2x1 xii 111; Penalti - 2x1 111 11x 2x2; Póvoa de Lanhoso - xii 211 111 111; Rádio Desporto - 212 xii 121 211; Canal 18 - 111 211 21x 211; Notícias do Fotobola - 1x1 211 xii x2x; O Domingo e o Desporto - xii xii xii 111; Diário de Lisboa - 1xx 211 xx2 x22;

Reconquista - xxx 211 111 122; Renovação - 11x 211 xii 122; Repórter do Dia Angola - 1x1 211 21x 2x2; Revista de Som - xii 211 x12 2xx; O Sorriso da hora do almoço - 1x2 xii xii 112; O Telégrafo - xii xii xii x22x; Terra Alta - 111 211 121 x12; Voz do Casa Pia - xxi 211 xix 1x2; A Voz Desportiva - 111 211 xii x12x; A Voz do Domingo - 1xx 211 111 x12x; Voz de Lamego - 112 211 211 222; A Voz dos Rídiculos - 111 211 111 12x; Notícias de Évora - 11x 211 xix 1x2; Auto Rádio - 2x1 211 111 12x; Estúdio 64 - xxi 211 111 1x2; Placard Desportivo - 2x1 211 11x 1xx; O Primeiro de Janeiro - 111 xii xix 122x; Programa sem Nome - 2x1 xii 111 21x; Quadrante Desportivo - xxi 211 2x1 122x; Quadrante Norte - 111 x12 11x 111; Rádio Placard - 111 111 111 111; Rádio Sports - 111 xii xii xx22; Placard Desportivo Açores - xii 211 111 122; Clube do Ar - 112 211 x12 x11; Resenha Desportiva - 1x1 211 xix 1x2; Diário do Porto - 2x 211 xix x21; Ritmo e Amizade - 11x 211 x12 1xx; República - xii 211 xix 222;

	R E S U M O			B O L A S			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. BEIRA MAR-BOAVISTA	49	30	14	6	4	2	
2. UNIAO COIMBRA-LEIXOES	54	35	4	7	4	1	
3. BARREIRENSE-ATLETICO	72	17	4	9	2	1	
4. BELENENSES-BENFICA	5	24	64	1	3	8	
5. SETUBAL-GUIMARAES	85	6	2	10	1	1	
6. PORTO-FARENSE	89	2	2	10	1	1	
7. UNIAO TOMAR-CUF	30	47	16	4	6	2	
8. GIL VICENTE-FAFE	84	6	3	10	1	1	
9. VILANOVENSE-VARZIM	47	34	12	6	4	2	
10. TIRSENSE-SALGUEIROS	55	25	13	7	3	2	
11. NAZARENOS-ORIENTAL	24	37	32	3	5	4	
12. TORRES NOVAS-OLHANENSE	12	26	55	2	3	7	
13. MARINHENSE-PORTIMONENSE	72	16	5	9	2	1	

(a) - Nos termos do art.º 102, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

E a chave lógica será:
111 211 x11 1x21

"Metropolitano" de Basquetebol: A accidentada viagem do campeão

Com o jogo de ontem à noite (contra um Algés recheado de jovens, com imensas qualidades a garantirem ao popular clube dos nadadores um futuro radioso no basquetebol, se não forem aliciados para outras paragens), o Benfica conquistou o título metropolitano, classificando-se para discutir, com os representantes de Angola e Moçambique, o campeonato nacional.

Mas a viagem benfiquista até ao título não foi tão fácil e isenta de acidentes, como chegou a parecer a partir do momento em que bateu o F.C. do Porto na própria cidade invicta. Este «metropolitano» foi caracterizado por metamorfoses que estiveram na essência do seu interesse. Os descarriamentos estão na moda e o Benfica «descarriou» em Coimbra (o que não foi absolutamente uma surpresa), falhou ante o seu rival (segundo a análise do nosso camarada Daniel Reis a derrota da soberania frente à humildade) e deixou-se bater no Barreiro; aqui, alquebrado pelos esforços que teve que despendar na véspera contra os «leões» mas incorrendo nos mesmos erros defensivos, que têm sido característica dos seus jogadores por demasiada confiança no seu enorme poder realizador, o que é um facto, aliás...

Depois, foram a Académica e o Sporting a baquear no terreno do B.P.M. (com pouca sorte dos «leões» que se apresentaram sem Kit, doente) e mais «suspense» resultou para o campeonato. Mas, desta feita, já com os «leões» praticamente fora da corrida para o título em que se conservaram a Académica e o Benfica. Sucedeu a jornada de Sábado em que os estudantes foram batidos pelos «leões» e o campeonato «terminou» para estes dois aspirantes ao título.

Nesta partida, os «estudantes» alimentaram esperanças até ao intervalo. As suas aspirações mantiveram-se em longo período do segundo tempo,

quando elevaram a diferença para uma dezena de pontos. O treinador «leonino» jogou na devida altura o trunfo que escondia na manga do fato de treino. Era Kit Jones. Chamado ao jogo e operada uma mutação no sistema defensivo dos lisboetas para o «homem-a-homem» bem cingido, o ataque ganhou outra estrutura, mais agressividade. Resultou superior aproveitamento pontual: e os «leões» recuperaram lentamente, passando de vencidos a vencedores. Concluíram nessa posição e «vingaram» a derrota de Coimbra.

Previmos este êxito do Sporting, como também algo nos segredava que a Académica venceria no Barreiro (escrevemo-lo aqui em crónica anterior). Assim o Benfica saltou para o primeiro lugar (isolado) com o Sporting e a Académica a um ponto. No segundo lugar, colocamos os «leões» à frente pelo melhor «goal-average» entre os dois).

BENFICA TREMEU... ...NÃO SÓ DE FRIO

As vitórias do Benfica (no Porto) ante o Vasco da Gama e o Académico, não ofereciam dúvidas. Mas, muito se engana quem pensa que basta mandar as camisolas para vencer jogos. A viagem não foi (própria)mente um passeio em classe turística...

Contra o Vasco da Gama, o Benfica «tremeu», não só de frio que se fez sentir, mas também de medo: porque uma equipa com o título praticamente no «papo», que ao intervalo vencera por dois pontos (51-49) e pela mesma diferença (81-79) a pouco mais de 4 minutos do fim, tem que estar receosa quanto ao desfecho, por muito que acredite nas suas potencialidades. Os jogadores «encarnados» subestimaram inicialmente os amadores «vascaínos». Depois quiseram esmagar, e os briosos rapazes da cruz de Cristo não deixaram. O Benfica, a jogar em jeito exibicional, mas com soberania. O Vasco da Gama, a responder no mesmo tom e a contribuir para o excelente nível técnico da partida, aliando à habilidade natural de alguns jogadores um vontade indomita. Só assim se compreende (na diferença de apego à luta) que os «cruzmalinos» tenham sido capazes de sustentar o resultado, de o discutir até ao fim.

O experimentado e categorizado técnico do Benfica (prof. Teotónio Lima) cedo se apercebeu da perigosa resistência do Vasco da Gama. Junto às suas costas, a um metro do seu lugar no «banco» dos «sofredores», ouvimo-lo clamar: «Marca bem, ajuda à retaguarda, passa rápido. A serenidade dos jogos fáceis dera lugar à preocupação...

Logo no reinício, o Benfica surgiu a defender «colado» no «homem-a-homem». Mas, Hill (por exemplo) a defender individualmente é um fracasso, ele que durante o jogo denunciara vinda apatia. E os «vascaínos», quando libertos de oposição, não perdoavam. E inegável que os portugueses, devido à enorme desvantagem nos ressaltos, à sua constante actividade para fugirem à marcação adversária e ainda à luta das tabelas, não puderam furtar-se a abalos de resistência física. Então, o Benfica, melhor preparado fisicamente, com necessidade absoluta do êxito, entregou-se a uma tarefa de conseguir vantagem pontual. O pequeno Pombo (este e Aniceto sustentaram uma espécie de

duelo em adornos individuais) e Paulo de Carvalho começaram, então, por ser os sustentáculos da vantagem dos lisboetas, já que Pratas se encarregava de marcar Aniceto (o melhor marcador, com 32 pontos). Hill continuava apático e José Alberto marcava presença na tabela defensiva. Pombo e Paulo movimentaram os números em percentagem superior aos portugueses e com cerca de doze minutos da 2.ª parte o Benfica chegou à diferença de 15 pontos (74-59). Parecia que o Vasco da Gama tinha «acabado» e iríamos assistir à habitual centena com muitas dezenas dos «encarnados», de mais a mais depois do lobo ter sido molestado pelo cordeiro.

Houve uma chamada mais dos «vascaínos» às suas energias, e a fé não morria em certos jogadores. Meia dúzia de lances de pundonor e acontecia o inesperado: 79-81. Foi altura de vir ao de cima a «classe» do Benfica. Faltavam cerca de 4 minutos, o que poderia ocasionar o descontrolo. Pratas cedia o lugar a Leonel: o objectivo do Benfica foi denunciadamente de ataque para colocar a bola na tabela «vascaína». E, quando não entrasse, lá estavam Hill, Paulo, José Alberto e Leonel para as recargas de circunstância. Positivamente hirtos, sem mais poder dar luta os «vascaínos» olhavam só a trajetória da bola. Já não podiam saltar, tão grande havia sido o derradeiro esforço para chegar aos 79-81. Assim, no tempo restante o Benfica consolidou o êxito e avolumou-o para catorze pontos.

Os «encarnados» (não restam dúvidas) apanharam um «susto». O modesto Vasco da Gama (com um dos mais ricos «palmares» na modalidade) obrigou o Benfica a rabates de brio, sem os quais (provavelmente) estaria agora a lamentar mais uma derrota: que seria comprometedora para as aspirações do titular do continente.

ANTÓNIO ABEL

O SPORTING NO BARREIRO

Para além do Benfica-Algés e do B.P.M.-CDUP (antecipados) a 22.ª e última jornada, a realizar no sábado, comporta os seguintes jogos: Barreirense-Sporting, Galitos-F.C. Porto, Académico-Vasco da Gama e Ginásio-Académica. No sábado, também se efectua o jogo em atraso Algés-CDUP.

O SELECIONADOR LOUVADO

Em relação aos dois primeiros jogos de basquetebol da selecção nacional feminina (vitória e derrota com a Inglaterra), a Federação da modalidade resolveu louvar o seleccionador-treinador, Vitor Hugo Fernandes, «pela dedicação posta no desempenho do cargo». Igualmente foi louvada toda a equipa pelo seu «elevado apuro, compostura e desportivismo, manifestado durante o estágio e no desenrolar dos dois encontros».

Entretanto, para fecho deste apontamento fica confirmada a improcedência do protesto do Benfica no jogo que perdeu no Barreiro, «por nenhum dos árbitros ter confirmado os factos como o Benfica os apresentou e por se considerar que o Benfica interpretou erradamente o que está determinado nas regras». O Conselho Técnico decidiu, (por unanimidade), considerar o recurso improcedente.



Rãguebi: à vista o Portugal-Itália

Continua a preparação da equipa nacional de rãguebi que no domingo (pelas 16 e 30) no Estádio Universitário de Coimbra disputará o V Portugal-Itália. Esta imagem, obtida noutro Estádio Universitário (o de Lisboa) dá ideia do empenho posto no treino por alguns dos seleccionados portugueses. Silvestre, Duane, Armando, Ramos, Raul, Lynce, Gonçalo, Gaspar, Trindade, Ferreira, Minhoto, Nobre, Pedro, Cardoso Pinto, Ramos Pinto, Spínola, Neto, Costa e Rafachinho constituem o lote onde sairá o «quinze» da camisola das quinas.

ATLETISMO

A Federação descentraliza

A Federação Portuguesa de Atletismo está a tentar alargar a prática da modalidade a núcleos populacionais da província e, para isso, decidiu efectuar fora de Lisboa grande parte das competições mais importantes, que podem servir de estímulo à abertura de novas frentes.

Temos assim (e já no próximo domingo) os campeonatos nacionais de corta-mato (femininos), marcados para Coimbra e dotados com o troféu «Cergal». As provas iniciam-se às 10 horas e destinam-se a iniciados, juvenis, juniores, seniores e infantis. Os cinco primeiros classificados recebem medalhas e a equipa que obtiver melhor pontuação fica dona do troféu da firma patrocinadora. Incluído neste programa realizam-se algumas provas masculinas: em iniciados, juvenis e infantis.

Também a Maratona Nacional foi marcada para fora de Lisboa. A data prevista é o dia 1 de Abril, e o local (a determinar) na cidade do Porto, em organização da Associação Portuguesa de Atletismo.

Por fim, um fundista espanhol de categoria (Mariano Haro) estará presente nos dias 10 e 14 de Abril, em Lourenço

Marques e Luanda, respectivamente, para participar em reuniões atléticas.

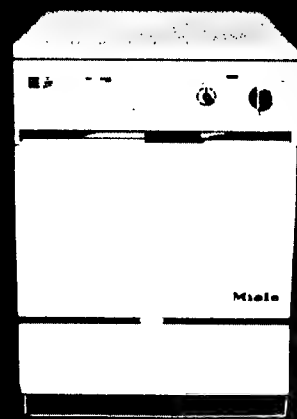
ESTAFETA CASCAIS-LISBOA

A tradicional estafeta pedestre Cascais-Lisboa efectua-se na manhã do próximo domingo e não dia 4, como a princípio foi comunicado. A partida será dada às 10 horas, junto do Cinema S. José, em Cascais, sendo a prova dividida pelos seguintes percursos, a correr por cada um dos atletas das equipas concorrentes: 1.º Cascais-Estoril; 2.º Estoril-Parede;

3.º Parede-Paço de Arcos; 4.º Paço de Arcos-Algés e 5.º Algés-Lisboa. Este ano, a chegada faz-se no estádio do Restelo, devido às alterações topográficas da zona de Alcântara onde habitualmente se instalava a meta.

A Associação de Lisboa promove, também no domingo 25 (a partir das 16 e 30) no pavilhão do estádio universitário, um torneio de pista coberta para infantis, masculinos e femininos. A primeira prova é o Salto à Vara (fasquia colocada a 3,20 m) e a última uma corrida de 500 metros.

Máquina de lavar louça G 500 de luxo



Só MIELE pôde ultrapassar-se a si própria com a sua máquina de lavar louça - a mais vendida na Europa.

Miele

Agente oficial:

M. L. FERREIRA

Rua D. Estefânia, 48 A

Telef. 58958

LISBOA

Sociedade «ESTORIL»

SERVIÇO ESPECIAL

PARA

O ESTÁDIO NACIONAL

«Sporting-Montijo»

25 de Fevereiro de 1973

Partidas de Taça do Sodré das 13-25 às 14-39 h. e da estação do Estádio desde o fim do encontro.

Os comboios n.ºs 2224, 2226 e 2228, que partem de Cascais, respectivamente, às 13-28, 13-58 e 14-28 h têm paragem em Cruz Quebrada para desembarque de passageiros.



Batendo o Algés por 120-62, o Benfica apossou-se do título de campeão metropolitano de basquetebol

● cinemas ●

■ LISBOA

TURNO F-1
— Até às 22 horas —

AJUDA
Lidia Calçada da Ajuda, 170 (Tele. 637318)

ALCANTARA
Proibida Rua de Alcântara, 15-A (Tele. 638589)

ALTO DO PINA
Eusil R. Barão de Sabrosa, 104 (Tele. 841912)

ALVALADE
Rainha Santa R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (Tele. 765262)
Belo Av. de Roma, 53-A (Tele. 776314)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tele. 790969)

ANJOS
Guerra Rua Andrade, 32 (Tele. 845513)

AREIRO
Central Avenida Paris, 2 (Tele. 720820)

AVENIDA DA LIBERDADE
Galénica Rua das Pretas, 12 (Tele. 322588)

AVENIDAS NOVAS
Saldanha Av. Praia da Vitória, 53 (Tele. 43938)
Santa Maria Av. 5 de Outubro 283-A (Tele. 763016)

BAIRRO ALTO
Oliveira Rua D. Pedro V, 123 (Tele. 327880)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso Praça do Norte, 11 (Tele. 311216)

BENFICA
São João Estrada da Luz, 124-A (Tele. 783179)
Manques Estrada de Benfca, 648 (Tele. 700096)

CAMPOLIDE
Rualto R. Alto de Carvalhinho, 5-A (Tele. 651721)

CAMPO DE OURIQUE
Condestavel Rua Coelho da Rocha, 119 (Tele. 666206)

ESTRELA
Aurelio Rego Calçada da Estrela, 139 (Tele. 661758)

GRAÇA
Alves de Carvalho Rua Vale de St. António, 7 (Tele. 840125)
Anunciada R. do Vigário, 74 (Tele. 866360)

GRILLO
Grijó Rua do Grilo, 25 (Tele. 385264)

OLIVAIS
Fernandes Borges R. Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivaissul) (Tele. 315539)

PENHA DE FRANÇA
Dimar R. Conde de Monsaraz, 17-B (Tele. 842533)

■ LISBOA

TURNO F-2
— Toda a noite —

ALCANTARA
Infante Santo Rua do Olival, 290 (Tele. 661003)

ALVALADE
Alentejo Av. da Igreja, 28-B (Tele. 712682)
Estados Unidos Av. dos Est. Unidos da América, 16-B (Tele. 725859)

AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges Rua Alexandre Herculano, 28 (Tele. 40536)

AVENIDAS NOVAS
Cardote Av. Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da República) (Tele. 772291)

BAIXA
Internacional Rua Aurea, 228 (Tele. 322017)

BENFICA
Vilex Estrada de Benfca, 373-B (Tele. 780548)

■ LISBOA

CAMPOLIDE
Imparcial Rua General Taborda, 28 (Tele. 680931)

CAMPO DE OURIQUE
Almeida Rua Silva Carvalhinho, 1 (Tele. 681726)

CONDE REDONDO
Contemporânea Rua Conde Redondo, 26-30 (Tele. 45048)

GRAÇA
Monte Rua da Senhora do Monte, 30-A (Tele. 867842)

LUMIAR
Patuleia Rua do Lumiar, 120 (Tele. 790332)

OLIVAIS
Central dos Olivais Rua Alfereis Barrilano Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Tele. 315539)

PEDROUSCOS
Restelo R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tele. 610741)

PICHELEIRA
Marluz Calçada da Picheleira, 140-B (Tele. 720703-728395)

RESTELO
Restelo Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tele. 610741)

SANTO AMARO
Santo Amaro Rua Filinto Elísio, 29-A (Tele. 637070)

S. BENTO
Valentim R. Poço dos Negros, 88-90 (Tele. 679453)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Latina Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (Tele. 42312)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Tele. 212048)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tele. 2432034)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tele. 2430485)

PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Tele. 2471785)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tele. 263052)

ESTORIL
Oatende, R. de Espinho, 1 (Tele. 260391)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tele. 280170).
Nova, Est. de Alvide, Fontainhas (Tele. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, Lote 146, B.º Janeiro (Tele. 932756).
Jardim, Av. Conde de Oeiras, Loja X-1, Reboreira (Tele. 938424).
Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tele. 932210).
Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tele. 937740)

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tele. 970461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tele. 972530)

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Tele. 950045).
Correia, L. do Mercado, 3 (Tele. 950906).

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tele. 2942181)

■ LISBOA

MEM MARTINS
Quimica, Est. de Mem Martins, 285 (Tele. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tele. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Rainha D. Amélia, 20 (Tele. 980155)

COLARES
Abreia, (Tele. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOHETE
GAMEIRO, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tele. 224100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tele. 224250)

ALMADA
Galeno, R. Capitão Leão, 85-B (Tele. 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tele. 2760565)

BARREIRO
Picarra, Av. do Bocage, 65-A (Tele. 2274771)

COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança (Tele. 274356)

MOITA
União Molitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tele. 239025)

MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tele. 230156)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tele. 229028)

SETÚBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tele. 22408).
Portugal, R. Camilo Castelo Branco (Tele. 22052)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tele. 2218580)

PORTO

9.º TURNO

SUB-TURNO A
Barreiros, Rua de Serpa Pinto, 8. Martino, Sucr., Praça Marq. de Pombal, 122. Pombal, C. Mártires da Pátria, 152. Pretada (da) R. Central de Francos, 316. S. Roque da Lameira, R. S. Roque Lameira, 1111. S. da Bandeira, R. S. da Bandeira, 236

SUB-TURNO B
Ameal, R. do Ameal, 1227. Campo Alegre, R. do Campo Alegre, 723. Ferreira da Silva, R. dos M. da Liberdade, 150. Peninsular, R. Chã 100-102. S. Lázaro, Av. Rodrigues de Freitas, 297

COIMBRA

TURNO I
Olivais, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (tel. 22804).
Universal, Pr.ª 8 de Maio, 35 (Tel. 23744).
Adriana, Pr.ª DA República, 20-22 (Tel. 23609)

■ LISBOA

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
3.ª semana
Technicolor Barba Str. send e Ryan O'Neal em QUESE PASSA DOUTOR Rua Castilho Metro Rotunda Estacionamento Parque Castil

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª semana
«EM NOME DO POVO ITALIANO» de Dino Risì com Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi. Eastmancolor

SATELITE (Tel. 555131)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
«O ULTIMO A RIR» um filme de Alain Tanner

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
Grupo B 10 anos
2.ª semana
Moscolor A vida e o génio do grande compositor TCHAIKOVSKY Realização de Igor Talankine (Metro: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
4.ª semana
Um filme de Andre Delvaux «ENCONTRO EM BRAY» (Rendez-vous à Bray) com Anna Karina, Mathieu Carrière (Metro: Alameda)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
6.ª semana
Uma adolescente, os sonhos, a imaginação... o amor! «DESEJO DE AMAR» Isabelle Adjani, Muriel Catala Technicolor. Amanhã e sábado às 0.30 H. «Cinema fora de horas»
Grupo D (18 anos)
ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS.

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª semana de êxito
Jacqueline Bisset, Stella Stevens e Lee Prcell na comédia colorida sobre o desejado movimento de libertação feminino «QUANDO AS MULHERES QUEREM» Um filme a frente com todas as possíveis vantagens para elas! Só à noite no «oyer» novo - Jorge Fontes e sua guitarra

■ LISBOA

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
«OS JUSTICEIROS», William Holden. Ernest Borgnine, Susan Hayward. Panavision-Color.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
«ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS» Massimo Ranieri e Florinda Bolkan Eastmancolor

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana
Um filme de Joseph Losey «EVA» Jeanne Moreau - Stanley Baker

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos) 6.ª Semana
Por amor a César por amor a David. Entre dois amores Rosalie CESAR ET ROSALIE com Yves Montand e Romy Schneider.

S. JORGE (Tel. 5453/4)
21.30
Grupo D (18 anos)
ESTREIA
Michael Caine aposta a vida, mas faz «PULP» BATOTA NO JOGO.
15.15 e 18.15
Últimas exhibções
«O GOSTO DA VINGANÇA»

CASINO (Tel. 2642/264949)
17.00 e 21.30
Grupo C (14 anos)
«O CANDIDATO»

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Colorido
A grande Carmen Sevilla na história de dois amores
«RELICARIO» A famosa canção gpa-dilla. A Festa de tourds com corridas de gala.

LONDRES (Tel. 731313)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
14.ª semana colorido «Aestrea do ano Liza Minnelli «CABARET» (a-deus Berlin) «SNACK-BAR» The Fiaz-o melhor encontro gastronómico

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
Grupo D (14 anos) 2.ª semana
Richard Harrison e Donald O'Brien no filme «2 IRMÃOS NUM LUGAR CHAMADO TRINITA». Riso e acção explosiva

■ LISBOA

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
Continuação de estreia - 2.ª Semana
«O ESQUADRÃO DA MORTE» e em complemento «ENGANEI-ME NO NÚMERO»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
«GOLPE DE MESTRE AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE BRITÂNICA» em complemento «ADORÁVEIS CONSPIRADORAS»

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
2.ª semana
Jerry Lewis «AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYLL»
Sábado às 00.30
O Cowboy à meia noite
Grupo D (18 anos)
«ACONTECEU NO OESTE» de Sérgio Leone

APOLLO 70 (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D z918 anos)
10.ª semana
Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Wood Allen
Hoje às 24.00 horas
Clássicos à meia-noite
Grupo D (18 anos)
«BALADA DO DESERTO» com Jason Robards.

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Trish Van Devere, Monte Markham, Janet Leigh, Melvyn Douglas «MULHERES SEM MARIDO» Ela mudou de vida... quando o marido mudou de ideias.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
5.ª Semana
Colorido Nem tudo na estatura vsta certo... «A ESTATUA» com Liza Lisi e David Niven

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
Technicolor - Grupo D (18 anos)
Um convite do terror! «O TUMULO DO TERROR» com Peter Cushing e Joan Collins

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
56.ª Semana Record de exibição em Portugal! «TRINITA COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer Color-Scope

BARS BOITES

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades Maria Helena Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h às 21h e das 22.30h às 05.00h.

TAMILA Marao e s/conjunto «Matinees» todos os dias Encerra aos domingos Avenida Duque de Loule 69. Telef. 534117.

LUSO Grande elenco de folcloristas de Lisboa por Augusta Ermininda e Jose Luis Tomar fado de Coimbra por Americo Silva. Em fado castiço Cristina Maria Travesa da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.

HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384

PRINCEPE NEGRO Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 369897.

EL CIDE Dancing com o conjunto «X-4» Rua Bernardo Lima, 18-A (Ao conde Redondo) Telef. 560538 Com variedades

SAN-PAYO Bar-boite c/musica constante Aberto até às 5h da madrugada Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422. (Ar condicionado)

CASEBRE Rua da Barroca 133 Telef. 369760. Encerrado aos domingos Cantam Carlos Barra Drolinda Rodrigues e Nazare A 100h convidado special em tempo-show Folcloristas cinco tipicos de Vila Franca de Xira To cam Carvalho e Julio Gomes

FRAGATA REAL Maria Valio Maria João Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa João Queiroz em Fado de Coimbra acompanhados de António Parreira, Francisco Gonçalves Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desjouis e João Cabral Trav. S. Miguel, 22-Altama-Telef. 968552

JACO Dancing c/musica ambiente com singular quarteto Rua Camilo Castelo Branco, 23-A

FORCADO Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins Folcloristas pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telef. 368579.

SOLAR DA HERMÍNIA Hermínia Silva, hoje e sempre Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos domingos Telef. 320164

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais Telefones 26461, 26456, 264596, 264621 e 264946

NINA Dancing com atrac s Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167

LISBOA/Teatros

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«As criadas»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Grande circo de Madrid»

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mulheres é Comigo»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 z914 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«O Mestizo»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«A nave dos loucos»

PARIS
21.00 (14 anos)
«Os Centauros»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Concerto para uma pistola Solista»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«Missão na China Vermelha» e «O Amante»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Essa Mulher»

MAYER
21.00 (14 anos)
«Mortadela»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Aventura é aventura»

PAREDE
Royal-cine
21.15 (10 anos)
«Com os olhos vendados»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (14 anos)
«O Candidato»

Palácio
21.30 (10 anos)
«A Conquista do Oeste»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Um gato na ratoeira»

LINHA DE SINTRA

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«O Pequeno grande homem» e «A Noiva do gorila»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (17 anos)
«Este difícil amor»

SINTRA
Carlos Manuel
(14 anos)
«Nossa Senhora de Paris»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (18 anos)
«A Rapariga dos olhos verdes»

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Quimera»

Academia
21.15 (18 anos)
«Malpertuis»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Um muro em Jerusalém»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«A Cama dos Comuns»

PORTO/Cinemas

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Só as borboletas são livres»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Um homem na solidão»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«A Mansão do terror»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Catedrático» e «Viagem para o Inferno»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Desejo de amar»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«O Mecânico»

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«O gato das sete vidas»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O que se pode fazer com 7 mulheres»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Cabaret»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Amor de mãe»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Noites sem fim»

S. JOÃO
21.30 (14 anos)
«A Gaviota»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Tentação»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Cabaret»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«5 selvagens»

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-1 2.º, 9.º e 4.º
TELÉF. 654531/234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

COLISÃO E AFUNDAMENTO: MAIS DE 200 MORTOS

RANGUM, 22 (R) Recebe-se hoje que tenham morrido mais de 200 pessoas em consequência de uma colisão no rio Rangum entre um «ferry boat» cheio de passageiros e um cargueiro japonês.

O «ferry», que transportava 280 pessoas, afundou-se a seguir à colisão, ocorrida na noite passada.

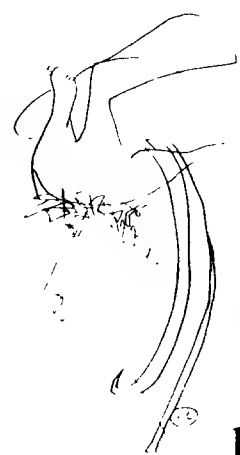
Segundo testemunhas oculares, apenas havia conhecimento de 40 sobreviventes.

O outro barco envolvido foi o «Bombay Maru», de 6 369 toneladas.

Apenas cinco cadáveres foram até agora recolhidos das águas do rio.

Dezenas de embarcações estão a participar na operação de salvamento e o «Bombay Maru» lançou à água cintos de salvamento, na esperança de que estes pudessem ser utilizados pelos passageiros que se debatiam contra a corrente do rio.

Todavia, testemunhas oculares afirmaram ter sido muito reduzido o número de passageiros do «ferry» que conseguiram salvar-se.



a mulher antologia poética

coordenada e prefaciada por

NATÁLIA CORREIA

com 22 ilustrações
em extratexto de

MARTINS CORREIA

volume com a apresentação
característica da colecção RONDA

editorial estudos cor
Rua João Pereira da Rosa 20A Tel. 324889

ACÇÕES

Pretende-se investir consideráveis quantias em títulos, aceitar-se-ia a colaboração de pessoa, profundamente conhecedora do assunto, para orientar esses investimentos. Condições a combinar. Resposta a este jornal ao n.º 736.

ESTANTES METÁLICAS

— POR ENCAIXE — SEM PARAFUSOS — PLASTIFICADAS
— MONTAGEM FÁCIL E RÁPIDA — SEM FERRAMENTAS
— CANTONEIRA PERFURADA
— MOVEIS METÁLICOS

CORTAL

COMÉRCIO METÁLICO DE ÁGUEDA, LDA.

STAND EM LISBOA:

Avenida Júlio Dinis, 4-A — Tels. 777344 - 777406 — LISBOA

A RELAÇÃO JULGA O CASO DAS DROGAS

Catorze absolvições e penas mais leves

Os quarenta e três jovens condenados em Agosto passado por tráfico e consumo de haxixe e de marijuana viram a sua punição consideravelmente reduzida pelo acórdão publicado ontem pelo Tribunal da Relação e que resolve o recurso interposto da sentença do 2.º Juízo Criminal de Lisboa.

A Relação absolveu 14 dos réus, condenou 25 deles e penas correcionais e quatro a penas de prisão maior. No entanto suspendeu por três anos a execução da pena em relação a 12 dos jovens e converteu em multa o tempo de prisão em que alguns outros foram condenados. O tribunal da 1.ª instância aplicara cinco penas maiores, 36 correcionais (doze delas suspensas) e não absolvera nenhum dos réus.

As penas de prisão foram muito reduzidas pelo tribunal superior. Os desembargadores levaram sobre o caso um extenso documento jurídico, em que as atenuantes em especial a de menoridade alegadas pelos réus são mais favoravelmente acolhidas. Na sua maioria, os arguidos são jovens estudantes, de muito boa condição económica e social.

AS PENAS

Foram absolvidos os seguintes arguidos: Fernando Vitori-

no, Miguel Lucena, Julia Ferreira, José Carlos, Jorge Manuel, Álvaro Ilídio, João Paulo, Luís Manuel, Ilídio Manuel, Phillips Pierre, John Paul Bryden, William James, João Nuno, José Henrique e Diná Guimarães.

Foram condenados a penas de prisão correcional por vezes suspensa, e multa: Francisco Neto Guimarães, cinco meses (na 1.ª instância dez meses) e cinco contos de multa, pena suspensa por três anos; Leonaldo Manuel da Conceição Almeida, doze meses (dezóito meses), suspensa; Eduardo Nuno Buzaglo, doze meses (vinte e quatro meses) e dez contos de multa; António Rebocho da Nataividade, treze meses (vinte e dois) dez contos; José Manuel Leal Fernandes, seis meses (oito), seis contos, pena suspensa; Eduardo Pires, doze meses (vinte), dez contos, pena suspensa; João Farinha Antunes, treze meses (igual); Nuno Maria dos Santos, doze meses (treze), dez contos; António Paulo de Sousa, doze meses (catorze), dez contos, pena suspensa; António Avila de Melo, seis meses (treze) seis contos, pena suspensa; Carlos Miguel (com pena suspensa), Florinda Maria Luis Vicente Dias, Maria Filipe da Rocha, cada um em cinco meses (antes tinham tido nove e dez meses)

e cinco de multa; José Luis Crespo (com pena suspensa) e Anibal José, cada um com seis meses (igual) e cinco contos; Luís Filipe Nunes, sete meses (igual), cinco contos; José Armando, António Pedro e Manuel António Paulino, quatro meses cada um (igual), cinco contos de multa, todos com pena suspensa; António Barreiros das Neves, oito meses (treze), cinco contos; José Manuel Cepeda Bruto da Costa, sete meses (tivera dois anos e três meses de prisão maior) e cinco contos de multa, ficando com a pena suspensa.

Foram condenados em pena maior e multa: Ffren Rosado, dois anos e oito meses (tivera quatro anos) e onze contos de multa; Velma Soares, dois anos (três anos e sete meses) e onze contos; Patrick Reogh, dois anos (quatro anos e cinco meses) e dez contos; Royer Jean Claude, dois anos e um mês (três anos e meio) e onze contos.

A Relação mantém a medida de expulsão dos estrangeiros condenados, dois dos quais andam fugidos.

Assinam o acórdão os desembargadores drs. Gonçalves Salvador, Garcia da Fonseca e Vasconcelos e Horta.

COOPERAÇÃO NOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

Realizou-se na sede do Grémio dos Industriais de Transportes Automóveis uma reunião internacional de Formação Profissional para a Indústria de Transportes Rodoviários, na qual participaram doze países europeus. Este grupo internacional, de que faz parte como membro activo o G.I.T.A., integra-se no âmbito das actividades da International Road Transport Union.

Chuva e neve

Na antevisão das condições meteorológicas médias no Continente, o Serviço Meteorológico Nacional prevê, até ao dia 26, céu pouco nublado ou limpo, vento fraco ou moderado do quadrante leste e acentuado arrefecimento nocturno. De 27 de Fevereiro a 5 de Março, o céu apresentar-se-á por vezes muito nublado ou encoberto com períodos de chuva e aguaceiros, mais frequentes a norte do Tejo. Queda de neve nas terras altas e ocorrência de nevoeiro ou neblina matinais.

Agostinho: 4.º lugar no Mónaco

Joaquim Agostinho ficou em quarto lugar no «Grande Prémio Ciclista de Mónaco», atrás de Vlaeminck, Delisle e Harrison, e à frente de Eddy Merckx, Poulidor, Ovion, Brack, e outras vedetas que chegaram ao pelotão a 1 m. 05 s. dos quatro primeiros.

Na reunião foram debatidos e estudados problemas relacionados com a indústria de transportes rodoviários europeia, no domínio da formação de pessoal, como seja a formação profissional acelerada de motoristas, o seu aperfeiçoamento contínuo, bem como o aperfeiçoamento permanente de empresários e seus colaboradores e os programas de formação exigidos para o acesso à profissão. Foram ainda objecto de estudo outros problemas, como o finan-

ciamento da formação, o seu equipamento e programas e a selecção e formação de monitores.

Deste modo, o G.I.T.A., que possui já em pleno funcionamento um Centro de Formação e Selecção Profissional, procura, de acordo com as associações congéneres estrangeiras, sintonizar os esforços no sentido de uma progressiva uniformização de programas e métodos pedagógicos a graus de preparação ao nível europeu.

CONFERÊNCIA NO CHARLES LEPIERRE

No âmbito das manifestações culturais do Instituto Francês de Lisboa, realiza-se hoje às 21 e 30, no salão de festas do Liceu Charles Lepierre, uma conferência proferida pelo dr. Jac-

ques Drouglazet, agregado na Universidade e professor daquele estabelecimento de ensino, sobre «A nova pedagogia das matemáticas».

CARNAVAL NA CHAMUSCA

CHAMUSCA — Mais uma vez, uma comissão constituída por chamusquenses, em estreita colaboração com a Santa Casa da Misericórdia local, vai levar a efeito nesta vila os festejos carnavalescos, nos dias 4, 5 e 6, com um programa muito animado. A receita dos festejos re-

verte para o asilo local, que é mantido por aquela instituição.

CASA DO ALGARVE

A assembleia geral da Casa do Algarve reúne-se no dia 27, às 20 e 30, na sede desta colectividade, a fim de proceder à apreciação e votação e contas de 1972, e à eleição de novos corpos gerentes.

Forças policiais em Alcântara

Contingentes policiais e de segurança montaram ontem ao fim da tarde e ao princípio da noite um forte dispositivo de manutenção da Or-

dem, no centro de Alcântara e suas imediações.

A razão que determinou a referida acção da polícia foi a de terem aparecido, em vários locais de Lisboa, tarjetas

Mini-JORNAL

CÂMBIOS

As cotações das moedas mantinham-se estacionárias em Lisboa, na manhã de hoje, verificando-se apenas uma ligeira alteração no xelim austríaco, que aumentou de um centavo ficando cotado aos preços de 1\$20 e 1\$26.

A tabela das paridades ontem verificada em Bruxelas em relação ao dólar americano, no que se refere às principais moedas, era a seguinte: Marco, 3,15,29656, menos 5,86%; franco belga, 43,81125, 40,74, menos 6,9%; franco francês, 4,151, 3,919, menos 5,59%; libra, 2,38 2,4430, menos 6%; escudo, 26,75, 25,926, menos 3,1%; franco suíço, 3,565, 3,3445, menos 6,18%.

CINECLUBE DO PORTO

No próximo sábado, pelas 16 horas, realiza-se na sede do Cineclube do Porto mais uma sessão infantil dedicada aos filhos dos associados com idade compreendida entre os 6 e os 12 anos.

No domingo, às 10 e 45 e na segunda-feira, às 18 e 20, o Cineclube do Porto promove mais duas sessões de cultura cinematográfica, que se efectuarão no cinema Batalha. Será exibido o filme de Carlos Saura, «Em Três Um é Demais».

LUSÍADAS

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda promove no dia 26, pelas 18 horas, uma cerimónia para lançamento da edição completa da «História de Portugal nos séculos XVII e XVIII» de Rebelo da Silva.

Na mesma altura, será posto à venda o «Ensaio sobre Latinismos dos Lusíadas» de Carlos Eugénio Corrêa da Silva (Paço d'Arcos), obra que se integra nas comemorações do IV Centenário de «Os Lusíadas».

FEIRA DE AVICULTURA

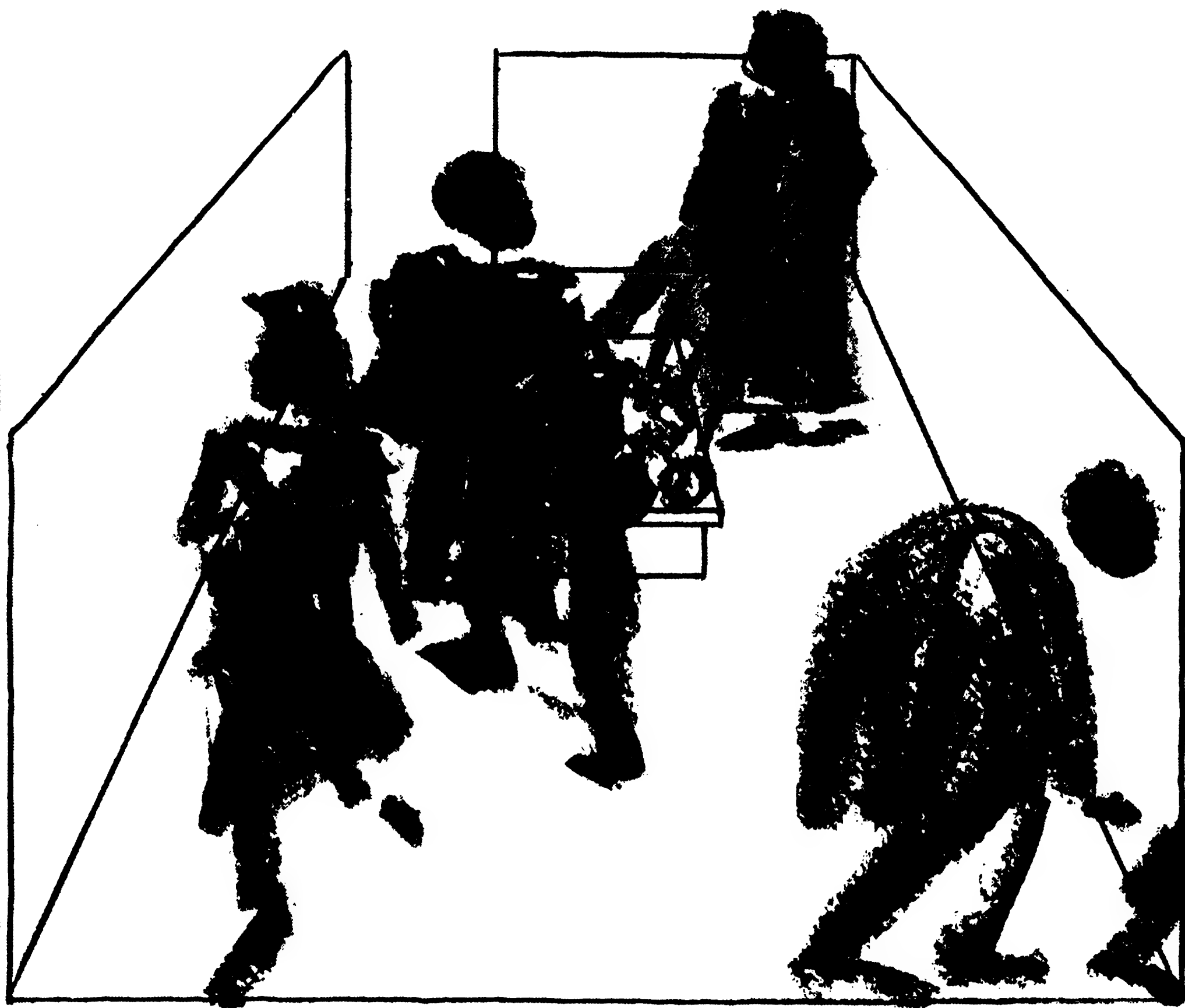
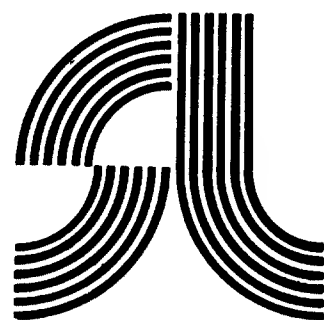
A II Feira de Avicultura Industrial realiza-se em Tomar, de 5 a 13 de Maio. Este ano faz parte da Comissão de Honra, o secretário de Estado da Agricultura e Comércio, o governador civil de Santarém, o director-geral dos Serviços Pecuários e os presidentes das Juntas Nacionais dos Produtos Pecuários, Distrital de Santarém e Câmara Municipal de Tomar.

MISSA LEIGA

A peça de Chico de Assis, «Missa Leiga», estreia-se esta noite no Teatro Rivoli, apresentada por Ruth Escobar.

Nota humanitária: 50 por cento da receita da representação de hoje reverte-á a favor do Hospital de Crianças Maria Pia.

SUPLEMENTO LITERÁRIO



OS CAMINHOS DA CRIAÇÃO TEATRAL

LIVROS RECEBIDOS

COMISSÃO EXECUTIVA DO IV CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE «OS LUSÍADAS»

SIGNIFICADO E ESTRUTURA DE «OS LUSÍADAS» — 2.ª edição
Vitor Manuel de Aguiar e Silva
COMEMORAÇÕES DO IV CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE «OS LUSÍADAS»
Manuel Lopes de Almeida
INÊS DE CASTRO
Episódio de «Os Lusíadas» com tradução em versos italianos de Ricardo Averini
VISÃO SÓCIO-POLÍTICA DOS SÉCULOS XV E XVI NA EUROPA
Luís Forjaz Trigueiros

EDITORIAL ESTAMPA — SEARA NOVA

O MISANTROPO
Molière
Tradução de Luís Miguel Cintra
Colecção Teatro — n.º 1
6 ENTREMEZES DE CORDEL
José Daniel Rodrigues da Costa
Colecção Teatro — n.º 2

EDITORIAL INOVA

ESTUDOS DE HISTÓRIA SÓCIO-ECONÓMICA DE PORTUGAL
Armando Castro
Colecção Civilização Portuguesa — n.º 15
O PENSAMENTO DE ABEL SALAZAR
Seleção e Introdução de Jofre Amaral Nogueira
Colecção Biblioteca do Pensamento Português — n.º 2
LINGUAGEM E IDEOLOGIA
Fernando Guimarães
Colecção Civilização Portuguesa — n.º 14
FRONTEIRAS
Assis Esperança
Colecção Obras de Assis Esperança — n.º 1

LIVROS DO BRASIL

ESTRADA DA GLÓRIA (2)
Robert Heinlein
Tradução de Eurico da Fonseca
Colecção Argonauta — n.º 183
OS MERCADORES DO ESPAÇO
Frederik Pohl e C. M. Kornbluth
Tradução de Eurico da Fonseca
Colecção Argonauta — n.º 188
O CASO DO ADMINISTRADOR ATRAPALHADO
Erle Stanley Gardner
Tradução de Maria do Carmo Pizarro
Colecção Vampiro — n.º 308

MORAES EDITORES

63 TISANAS
Ana Hatherly
Colecção Círculo de Poesia

PLÁTANO EDITORA

HORA DI BAI — 3.ª edição, emendada
Manuel Ferreira
Colecção Poliedro — n.º 3

PORTUGÁLIA EDITORA

TEATRO GIL VICENTE — 5.ª edição
Prefácio de António José Saraiva
Colecção Antologias Universais

A MENTE DA CRIANÇA
Maria Montessori
Tradução de Pedro da Silveira
Colecção Psicologia e Pedagogia — n.º 9

BRIGITTE MULHER MODERNA
Berthe Bernage
Tradução de Maria Alegria
Colecção Brigitte — n.º 5

BRIGITTE E OS CORAÇÕES FELIZES
Berthe Bernage
Tradução de Maria Manuel
Colecção Brigitte — n.º 26

PRELO EDITORA

ENSINO DA ECONOMIA
Claude Toulon e outros
Colecção PE-EP (Estudos) — n.º 3

PUBLICAÇÕES EUROPA AMÉRICA

O ENSINO PROGRAMADO NA ESCOLA
Jean Guglielmi
Tradução de Jorge de Sampaio
Colecção Saber (Série Especial) — n.º 28

DEUSES E DEMÓNIOS DA MEDICINA — I/II — 5ª edição
Fernando Namora
Prólogo de J. López Ibor
Colecção Obras de Fernando Namora

LIVRARIA BERTRAND

... Sucedem-se as reedições das obras de mestre Aquilino Ribeiro, nome grande das letras portuguesas deste século e saudosa figura de cidadão cujas atitudes perante a vida e os homens seus irmãos ainda hoje nos devem servir de exemplo. Desta feita, a Bertrand lançou «O Homem que Matou o Diabo» e «A Batalha sem Fim».

... «Reparo agora que me guiou a sombra de Quevedo e acordei, sem intenção maldosa, o eco da sua voz desvoluta» — diz o autor na abertura de «O Homem que Matou o Diabo», romance escrito em fins da década de vinte e em que Aquilino deixa expressa a «devota simpatia e admiração» que lhe mereciam os intelectuais e artistas de Espanha «um dos povos mais extraordinários da terra».

... Por sua vez, em «A Batalha sem Fim», mestre Aquilino descobre o mar. A sua capacidade para construir grandes quadros, em que as personagens constituem um todo solidário com a paisagem que as rodeia, encontrou nos pescadores da «triste praia de Pedrógão» a matéria-prima para a desvairada epopeia dum povo que corre, sofrendo privações sem conta, atrás duma fortuna ilusória.

LIVROS DO BRASIL

... Na colecção «Vampiro» foi publicado mais um romance policial de Erle Stanley Gardner, desta vez «O Caso do Administrador Atrapalhado».

... De Frederik Pohl e C. M. Kornbluth foi publicado na colecção «Argonauta», de ficção científica, o livro «Os Mercadores do Espaço», que a crítica do «New York Times» considerou «um romance do futuro que o presente considerará forçosamente como clássico. Com muita imaginação e alguma sátira, os autores defendem a tese de que serão os comerciantes que, um dia, fomentarão as grandes expedições através do espaço».

PORTUGÁLIA EDITORA

... Quando exilado na Dinamarca, Bertolt Brecht escreveu um romance (género literário

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Secretaria de Estado da Instrução e Cultura

DIRECÇÃO-GERAL DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

Concurso público para adjudicação do «Fornecimento e montagem de pavilhões recuperáveis para Estabelecimentos de Ensino»

Faz-se público que até às 15 horas do dia 26 de Março de 1973 se receberão propostas, para o concurso acima designado, na sede desta Direcção-Geral, Avenida Elias Garcia n.º 101 em Lisboa, procedendo-se em seguida ao acto público do concurso.

Caução provisória 1 000 000\$00
Caução definitiva 5% do valor da adjudicação.

O processo do concurso poderá ser examinado todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Direcção dos Serviços de Programação e Instalações, Av. Elias Garcia n.º 101-3.º, em Lisboa.

Direcção-Geral da Administração Escolar, 22 de Fevereiro de 1973.

O DIRECTOR-GERAL

Noticiário editorial

que o notável dramaturgo igualmente cultivou) intitulado «Os Negócios do Senhor Júlio César». Trata-se de uma obra que não enjeita a característica comum a todas as que produziu aquele que viria a ser considerado um dos grandes espíritos criadores do nosso século: uma crítica social agressiva, elaborada da perspectiva do homem vulgar. «Os Negócios do Senhor Júlio César» vai aparecer brevemente nas livrarias, lançada pela Portugália, a mesma editora que deu à estampa os volumes de teatro brechtiano que tão caloroso acolhimento tiveram entre nós.

... O volume «Teatro de Gil Vicente» constitui uma antologia do teatro vicentino, criteriosamente elaborada, e abre com um magnífico prefácio em que António José Saraiva assinala os aspectos mais importantes da vida e obra do iniciador do Teatro em Portugal. Pelo seu valor e utilidade responde o número de edições que sucessivamente se têm esgotado. Constituem o seu índice os seguintes autos: **O Velho da Horta, Exortação da Guerra, Quem Tem Farelos?, Auto da Barca do Inferno, Auto da Barca do Purgatório, Auto da Alma, Auto de Inês Pereira, Diálogo Infantil, Auto da Fama, Breve Sumário da História de Deus, Auto Pastoril da Serra da Estrela, Auto da Feira, Triunfo do Inferno, Todo o Mundo e Ninguém, Romagem de Agravados, Auto de Cananea, Auto de Mofina Mendes.**

... No seu estudo de introdução ao presente volume conclui o prefaciador e organizador com o seguinte voto: «Oxalá que esta colectânea contribua para o conhecimento do único homem de teatro que até hoje conta a literatura portuguesa, o qual

não perdeu, antes reforça a sua actualidade nesta época em que o teatro está passando por uma renovação de estrutura».

... «A Mente da Criança», de Maria Montessori completa e aprofunda as propostas pedagógicas da genial investigadora, iniciadas com o célebre livro «A Criança». Maria Montessori define o carácter, os limites e as insuspeitadas possibilidades da mente da criança na sua primeira forma. Mente absorvente que tudo recebe e retém, de tudo se alimenta sem esforço, por instintiva adesão e que tem, por isso, necessidade absoluta de alimento. Este livro ensina-nos, através do texto, de gráficos e de gravuras, a melhor conhecer essa necessidade. Com ele pais e educadores poderão penetrar mais facilmente no universo tão misterioso dos mais pequenos.

... Trata-se duma tese assente em bases científicas e convalidada também pelas experiências de quem ajudou em todo o mundo a natureza infantil a manifestar-se e pode dar testemunho da grandeza men-

tal e espiritual dessas manifestações, em singular contraste com o panorama oferecido pela humanidade, a qual, abandonada durante o período formativo, se torna na mais grave ameaça à sua própria sobrevivência.

... É lícito exprimir um certo regozijo perante um acontecimento que pode ser reputado de relevante significado no panorama editorial português e ao qual se encontra ligado o nome da Portugália Editora: em menos de dois meses, a edição portuguesa de «O Casal a Nu», de Desmond Morris, atingiu três edições. Um facto sem dúvida invulgar no nosso meio editorial e que merece por isso ser assinalado.

... «O Casal a Nu» é um exaustivo estudo sobre todas as formas de contacto físico que caracterizam o comportamento humano e a que o autor não hesita em atribuir o seu justo valor. Num mundo cada vez mais impessoal e em que a intimidade entre os indivíduos sofre grandes restrições, os seres humanos vêem-se forçados a procurar derivativos dessa necessidade de contacto frequentemente insatisfeita. Todos esses importantes problemas que se impõem no mundo de hoje são neste livro postos a nu em toda a sua amplitude.

COPYWRITER

Agência de Publicidade com ligações internacionais precisa de copywriter.

Damos preferência a indivíduos com experiência, cultura universitária e com a situação militar regularizada.

Enviar o curriculum vitae e os motivos da sua candidatura, numa folha dactilografada.

Resp. a este jornal ao n.º 734.



o defensor da sua saúde e do seu lar!...

prótege o seu mobiliário, as suas paredes, os seus pertences, e... a sua saúde!

Air King mercê da sua linha elegante, é também uma peça decorativa.

Representantes:

FRIAL Rua José Lins do Rego, 7-1º — Lisboa 5

COMO TRABALHAM OS NOSSOS ESCRITORES ?

Manuel Ferreira : "SOU UM ESCRITOR COMPROMETIDO"

Entrevista
conduzida por
JOSUÉ DA SILVA



Manuel Ferreira

Manuel Ferreira: desde «A Grei» seu livro de estreia publicado em 1944, até à «Hora di Bai» e «Voz de Prisão», todo um longo caminho percorrido. Um caminho árduo, como será o de todos os criadores que, no meio de limitações de mais variada ordem, lutam pela sobrevivência duma literatura. Porque é incómodo escutar testemunhos como os de Manuel Ferreira. Testemunhos de um tempo que, se não fosse bem nosso bem desejaríamos esquecer.

Como é Manuel Ferreira na intimidade? Como cria, que métodos usa, quais os rituais que o acompanham nesse outro ritual que é o momento de escrever, de edificar um romance ou um livro de contos?

Não tenho propriamente um método de trabalho — diz-nos.

Conversamos. O autor de «Voz de prisão» não se incomoda nada com o gravador que nos acompanha e que regista o nosso diálogo. Tem um tom de homem simples, incapaz de se rebuscar, este Manuel Ferreira. Há, nele, qualquer coisa de ingénuo que o torna ainda mais comunicável.

Um método, o que se chame um verdadeiro método de trabalho não tenho. Aproveito todo o meu tempo disponível e nem você sabe como. — Sorri, perturba-se com a nossa atenção e acrescenta quase tímido: — Trabalho em cima da cabeça de um tinholo: nos autocarros, nos comboios, no café, em casa, onde calha. Não quero dizer com isto que escreva em todo o lado, não é bem assim. Mas mesmo num transporte público, sou capaz de rever provas, de corrigir um original, de reter o que estou a escrever ou acabei de escrever. Ora, como vê, não tenho um método.

Tem o hábito de escrever no café?

Sim, é verdade. Um verdadeiro hábito, adquirido de longos anos. Creio que não há um único escrito meu cuja primeira redacção, manuscrita, claro, não fosse feita no café.

Provavelmente, também «Hora di Bai», porventura um dos mais admiráveis romances da saga ultramarina, escrito por um europeu, terá sido redigido, criado, na mesa de um café. Onde, segundo Manuel Ferreira, «o próprio ambiente me excitava, fazendo com que as coisas me saíam de jacto».

E então um impulsivo quando cria?

Sim, de certo modo. Na primeira redacção raras vezes vacilo. Quando vou para o papel já levo a história elaborada na cabeça, embora, naturalmente, no acto de escrever, essa história acabe por me parecer bastante diferente do que havia pensado. Mas de-

pois... vem todo um trabalho de elaboração, em que medito sobre o que lancei no papel, reescrevo, rasuro, emendo e volto a reescrever. Os meus últimos livros foram reescritos três, quatro, cinco vezes. Este último trabalho, porém, o trabalho de artesanato, digamos assim, já não o faço no café. É em casa que eu o realizo. E como, felizmente para mim, desde há uns anos, consegui ter as manhãs livres dos meus que fazeres profissionais, posso fazê-lo duma forma que sempre me agradou embora nem sempre me tivesse sido possível: trabalhando de noite, até às quatro, cinco da madrugada. Então passo à máquina os meus manuscritos, emendo páginas inteiras reescrevendo-as à mão e, logo em seguida, metendo-as na máquina.

Se bem o entendemos, escreve todos os dias...

Manuel Ferreira faz uma pausa. Para acender pela quarta ou quinta vez o seu inseparável cachimbo. Um cachimbo pode tornar-se um ritual, ou não? Mas não era a esta pergunta que Manuel Ferreira iria responder, após puxar uma longa e satisfatória fumaça:

Na realidade, escrevo todos os dias. Mas não com horários fixos. E de maneira nenhuma, em pura actividade de criação. Por exemplo: de há quatro anos a esta parte, ando com várias coisas entre mãos, que estão ligadas à literatura, que talvez sejam ainda criação, embora as considere diferentes de escrever um romance ou um livro de contos. Uma dessas tarefas a que me entrego actualmente é a «Antologia de Poesia Africana», e que vai ser publicada este ano. Simultaneamente, trabalho numa bibliografia de literatura ultramarina, colaborando com o professor norte-americano Gerald Moser. Tarefa, apaixonante, esta. E extenuante. Uma tarefa que eu gostaria de julgar tanto quanto possível capaz de cobrir toda a extensão bibliográfica ultramarina destes últimos trinta ou quarenta anos. A parte disto, revii a terceira edição de «Hora di Bai», refundi «Aventura Creoulle» e mexi em dois livros meus anteriores, que certamente reescreverei. Além da meia

dúzia de livros para criações que publiquei nestes últimos anos.

O cachimbo. Tenho a impressão que o cachimbo é já parte integrante do autor de «Voz de prisão».

Porque é que você fuma cachimbo e não cigarro? Encolhe os ombros, o sorriso sempre a acompanhar os gestos e a palavra:

Olhe, por uma questão de «snobismo», também afirma sem reboço — mas sobretudo porque a partir do momento em que a minha mulher, num certo dia de anos, me ofereceu um, eu não quis perder a oportunidade de deixar o cigarro, que dizem que faz muito pior. E eu quando trabalho preciso de fumar muito. Muito mais do que quando não escrevo. O cachimbo e a música, são os meus grandes companheiros das longas noites criativas.

Encontra uma profunda diferença valorativa entre o primeiro livro que escreveu e o último?

Claro, homem, claro que encontro. Entre a minha «Grei» e o meu «Voz de prisão», vai uma distância enorme. Uma distância que se pode medir não só em tempo, como em pertinácia, em apuramento de possibilidades, em capacidade de autocritica. Mas essa é uma pergunta danada. Uma pergunta que nos obriga a falar de nós mesmos, deixa-me sempre em dificuldades. E se ficássemos por aqui?

Pois sim, talvez não fosse mau ficarmos por aqui. Até

porque tínhamos outra pergunta danada a fazer a Manuel Ferreira:

Considera-se um escritor comprometido?

Nem ponta de hesitação:

Sem dúvida. Parece que é uma coisa que muita gente tem medo de afirmar e demonstrar, não é verdade? Mas eu sou um escritor comprometido. Comprometido com o meu tempo, com as razões que me levam a discordar, com os problemas do espaço em que vivo. Em certas ocasiões ponho-me a pensar como é que se pode ser escritor e não se ser comprometido. Sinceramente não sei. A única coisa que sei é que há uma fidelidade a mim próprio que eu não traio por coisa nenhuma deste mundo.

Que é, para si, o público?

Que é para mim o público... Pois, creio que o público é a razão da minha obra. Quando escrevo, escrevo para alguém que está ali, não exactamente à espera do Manuel Ferreira, mas à espera do diálogo, nesta forma de estarmos juntos, mesmo quando discordamos. Isto, este aproximação que eu desejo e concibo ao escrever cada um dos meus livros, diz da minha forma de amar esse público, não um público abstracto, mas algo de concreto, com quem eu contacto diariamente. Também eles, os que formam esse público, ao adquirirem um livro, ao lerem livros, procuram estar aten-

tos, encontrar uma maneira de participação mais consciente...

E acha que a literatura lhes dá essa consciência?

A pergunta esconde sofisma. Por momentos, Manuel Ferreira como que se deixou surpreender. Olhou-nos longamente e respondeu:

Eu acho que sim. Aliás, não tenho dúvidas acerca disso. A literatura, quando dirigida a, permite duas coisas importantes — que eu considero importantes — à verticalidade do homem: é o alimento da ideologia e da cultura. Pelo menos em parte. Eu próprio, na minha juventude, quando queria entrar na vida e reconhecer um caminho e compreender o que se passava à minha volta, recorri à literatura. Ainda hoje o faço. E acredito que o que me aconteceu a mim, acontece a todos os homens. A literatura tem um peso específico na formação do carácter de

um povo. Consoante lhe permitam ser ou não ser autêntica, sem evasão ou com, assim o carácter desse povo aglomerará os defeitos ou a virtude que ela lhe traga. Porque eu não conheço como grande forma de «educar» os homens senão a que se faz através dos livros. Ou existe outra forma? Existe e não existe. Mas bem pode acontecer que alguém pense de maneira diferente. No entanto, Manuel Ferreira ainda queriadizer-nos mais alguma coisa:

Tenho em projecto dois livros: um volume de contos e um romance que versará a vida dos cabo-verdianos emigrados na Metrópole, essas dramáticas figuras da «Hora di Bai». Contudo, por agora vai ser difícil debruçar-me definitivamente sobre eles. A «Antologia de Poesia Africana» e a tal bibliografia da literatura ultramarina, preocupam-me nesta altura.



OBRAS
COMPLETAS
DE
AQUILINO
RIBEIRO

A BATALHA SEM FIM

O drama de um povo primitivo, arqueológico, mas, por isso mesmo, soberbo de humanidade

EDIÇÃO NORMAL 70\$00

EDIÇÃO ESPECIAL 115\$00

(Ilustrada por Eduardo Cruzelo)

uma edição
**LIVRARIA
BERTRAND**
APARTADO 37 AMADORA

no seu

INTERESSE

não deixe de ler o 1º volume da

BIBLIOTECA DO ANO 2000

os laboratórios do futuro

editorial estúdios COR s.a. Rua João Pereira da Rosa 20 A
LISBOA Tel 328889

ESCRITO DE MEMÓRIA

PEDRO TAMEN

«Já não há estações, mas a tua pele» — diz Pedro Tamen, a páginas 23 do seu novo livro, intitulado «Escrito de Memória», que é, todo ele, um longo e bem conseguido poema de amor. Embora não profundamente original (detecta-se, um pouco por todo o volume, a influência — e quem pode fugir-lhe, hoje em dia? — desse grande poeta do amor chamado Eugénio de Andrade), o tratamento do tema por Pedro Tamen reveste formas, veste imagens, busca processos, consegue, enfim, a criação de todo um clima que lhe confere o direito a uma citação quando se fizer a história do lirismo português, numa época em que, segundo parece, a poesia de raiz intimista é em geral tida como definitivamente ultrapassada.

Para não continuar o que já está acabado, a poesia terá de ser, cada vez mais, uma atitude perante a história, o mundo que nos rodeia, e não o luxo cultural para consumo dos neutrais. A poesia tem de tomar partido, diz o cantor espanhol. Mas, pergunta-se, que forma há-de assumir esse partido? Como se transmite a tal «visão pética da história»? Quem nos diz que, quando Pedro Tamen afirma «Nasceste tu onde os

caballos bebem, onde os rios se viram para o vento», não está a reformular toda uma poética do amor e, através dele das relações humanas?

Para além disso, há em «Escrito de Memória», alguns poemas de incontestável beleza formal. E isto é particularmente verdade quanto a certos sonetos (composição muito cara ao autor, mas sobre a qual, infelizmente, não exerce qualquer trabalho de renovação).

«Escrito de Memória» é o sexto livro de Tamen e o quinto do mesmo autor que se publica na colecção «Círculo de Poesia» da Moraes Editores — o que não é de estranhar, por razões óbvias. Realmente, está bem: Tamen ganha a Jorge de Sena por um título; ao padre João Maia por três; ao padre Vasco Miranda por quatro; a Sophia de Mello Breyner por dois; a Salette Tavares por três; a José Blanc de Portugal e a Nuno de Sampaio por quatro; a Ana Hatherly por não sei quantos. Ninguém resiste à força editora de Tamen (que também bate Isabel Ary dos Santos Jardim e Olga Gonçalves por quatro). Tamen é um ganhador. Bem feio! Para ele e para a Moraes.

TORQUATO DA LUZ

OPINIÕES CRÍTICAS

LIMITES DA HONRA

J. BAPTISTA NUNES

Júlio Baptista Nunes chamou a este seu «texto», **romance dramático**. Possodizer desde já: nem romance, nem teatro, antes pelo contrário. Trata-se de uma obra impressa em forma de diálogo em que o autor procurou esplanar as **duas atitudes que correspondem a uma realidade transitiva do nosso tempo**, de acordo com o que diz no prefácio. Acrescenta com óbvia originalidade: «**Duas linhas paralelas de conduta humana a que poderíamos chamar racional e efectiva conforme o predomínio da inteligência ou do sentimento**». O prefácio seria suficiente para exprimir as ideias do autor sobre a sociedade, melhor as boas intenções que o autor confunde com ideias, poupando-nos assim tempo com a leitura da peça.

Nem sequer vale a pena falar das inverosimilhanças «humanas» e dramáticas das situações, da indigência de imaginação, das arbitrariedades de ordem social e psicológica,

da incapacidade na criação de personagens vivas, que o autor revela. Bastará dizer que se trata de um equívoco a qualquer nível em que se queira interpretar. O autor, visivelmente, não foi capaz de se aperceber da inaptidão que nesta peça revela para a criação literária ou dramática. Este amontoado de lugares-comuns escritos numa linguagem **inexistente**. Mas hoje orgulho-me de ter tido essa madrastra — a orfandade! Foi ela que me ensinou a manejar a espada contra o cinismo, com que a sociedade preparava o meu caminho. (pag. 16); **Durval, porque fizeste isto?! Nunca beijei assim na minha vida!... Sou muito tua amiga, mas peço-te nunca voltas a fazer isto...** (pag. 23) — prova que se a honra tem limites, também a ausência de autocritica devia tê-los.

CARLOS PORTO

BARCELONA CIDADE NA CATALUNHA

ANTÓNIO AUGUSTO SALES

Fruto do amor lúcido de António Augusto Sales por Barcelona, esta crónica é menos um livro de viagens do que um livro de reflexões sobre várias coisas: o próprio conceito de viagem; as várias maneiras de conhecer uma cidade; os factores de aproximação dos povos; a história que se insere nas imagens do quotidiano que se vive ao longo das visitas sucessivas a um determinado sítio. Por isso, «Barcelona Cidade na Catalunha» é um livro sobre Barcelona — com as suas Ramblas e os seus bairros de lata, com Gaudi e com Picasso, com «brites» e teatros — mas é também um livro sobre o catalão, sendo, ao mesmo tempo, uma crónica sobre a maneira de ser português posta em confronto com maneiras de ser de outros povos.

Não se procure nesta crónica rápida, nervosa, que nos deixa um tanto esfomeados, o postal em technicolor que faria de Barcelona uma cidade igual

a outra cidade. António A. Sales não é o turista de máquina ao tiracolo que caça imagens como o caçador caça coelhos fáceis. O autor parte do facto da capital da Catalunha ser uma cidade de trabalho e esse ponto de partida constitui a principal motivação do seu livro.

Sales interessa-se pela literatura catalã, interroga o grande dramaturgo Manuel de Pedrola, fala-nos dos grandes artistas de Barcelona. Embora sem ultrapassar o nível da crónica, o seu livro é, antes de mais nada, um exemplo de como penetrar nas vivências dos outros povos para melhor os conhecer, como ultrapassar o nível epidérmico do viajante que se interessa unicamente pelas «pedras mortas» esquecendo as pedras vivas que hoje, como ontem, fervilham de desespero e de esperança.

CARLOS PORTO

PÉ DA VINHA

º MAGNÍFICO
ROSÉ, ROSADO OU BRANCO
um vinho para todas as refeições.



PUBLINTER

ponto final

uma vírgula!

Estamos resolvidos em 1973, a oferecer ainda melhores preços e facilidades que em 1972

Por isso lhe aconselhamos que

TENHA MÃO FIRME NO SEU DINHEIRO!

Venha admirar as novas linhas e a qualidade das nossas máquinas de lavar roupa e loiça

Dardo
ELECTRODOMÉSTICOS · MOBÍLIAS



Av. da Liberdade, 131
Av. Almirante Reis, 124-B
Rua de S. Bento, 53 a 57

Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1.º de Maio, 146-A

PECHINCHA DA SEMANA

Gira-discos automático,
oito discos, estereofónico
com amplificação — 1 490\$00

para a Império marketing quer dizer segurança



formamos
homens para uma
profissão
de vanguarda:
consultores
de segurança

A Companhia de Seguros Império é hoje uma grande organização que estuda e oferece formas cada vez mais evoluídas de seguro no espaço português.

Para isso investiu durante anos em modernização; inova e amplia a sua dimensão.

Se os gabinetes de estudo criam novas modalidades de seguro e a publicidade torna mais conscientes certas necessidades do consumidor, só humanizando o estudo dos problemas e personalizando os contactos, podemos chegar onde estamos hoje.

Desde há muito que o **homem da Império** é alvo de uma atenção especial.

Temos **Serviços de Apoio e Centros de Formação** em actuação permanente.

Sabemos que a **segurança se tornou um dever social** e trabalhamos para nos integrarmos na nossa sociedade do futuro. Por isso aperfeiçoamos ainda mais a formação dos nossos colaboradores, transformando-os em verdadeiros

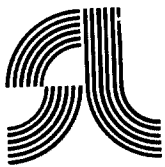
• **Consultores de segurança.** A sua missão: estudar, conhecer o seu problema, aconselhar.

AO SEU SERVIÇO



IMPÉRIO

a sua seguradora



A MORTE DE JORGE DIAS CORTOU UMA FECUNDA ACTIVIDADE CIENTÍFICA

Há seres cuja existência se assemelha a um desses fogaréus que, vindos não se sabe donde, atravessam os espaços siderais, deixando no seu rasto uma perdurável cintilância. No entanto, tais seres só vêm a penetrar no conhecimento público, quando alguém muito atento chama a atenção sobre a ordem de grandeza da sua figura e da sua obra, que doutra maneira talvez jazesse esquecida, oculta na sombra. E quantas vezes vai essa obra servir ilegitimamente as ânsias de fácil glória de outros que não o verdadeiro criador.

Falecido no passado dia 5 deste mês, o prof. Jorge Dias sagrou-se como uma das grandes figuras de cientista do nosso tempo. E, contudo, à data da sua morte, Jorge Dias era quase ignorado do grande público. Porquê? Por muitas e variadas razões que neste momento não interessam ser apontadas e, sobretudo, porque ele repudiava sistematicamente quaisquer fórmulas de publicidade à volta do homem de ciência humilde que sempre quis ser. Dizer isto e, sem dúvida, fazer-lhe uma justiça menor. Porque Jorge Dias merece muito mais do que um simples apontamento acerca da sua integridade.

Para delinear-mos com um pouco de autenticidade e de harmonia a figura do prof. Jorge Dias, tornava-se necessário recorrer a fontes fidedignas e, se possível, às pessoas que com ele conviveram de perto e de perto acompanharam toda a elaboração do seu trabalho de grande etnólogo, como tal reconhecido universalmente. Nessa tentativa de recurso às fontes, foi-nos dado conhecer um livro publicado em 1968 pelo Instituto de Alta Cultura, intitulado «Vinte Anos de Investigação Etnológica do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular», da autoria de um seu discípulo, o etnólogo dr. Ernesto Veiga de Oliveira. Pelo que no referido livro se havia escrito acerca do prof. Jorge Dias e da sua actividade, chegámos à conclusão de que certamente o dr. Veiga de Oliveira estava bem a par de tudo o que constituiria a vida desse homem. Procurámos o dr. Veiga de Oliveira e vimos que não nos havíamos enganado. Ele não fora apenas testemunha constante da luta

travada por Jorge Dias pela maioridade e consagração da etnografia em Portugal.

Sim — diz-nos o dr. Veiga de Oliveira — fomos mais do que dois simples participantes de um ideal comum, porque fomos grandes, grandes amigos, de mais de quarenta anos amigos, companheiros, camaradas, de andanças e de trabalho, a quem devo o melhor que fui e que fiz na vida. De resto acrescenta o dr. Veiga de Oliveira bastante comovido o prof. Jorge Dias tinha o dom de fazer um grande amigo em cada pessoa com quem contactava.

E ainda do livro do dr. Veiga de Oliveira que retiramos algumas passagens que nos podem dar uma ideia da estatura do grande etnólogo: Jorge Dias, que desde 1938 era bolseiro do Instituto de Alta Cultura, como leitor de Português, encontrava-se então em Portugal, após uma carreira brilhante no leitorado, no decurso da qual tinha feito, em 1944, o seu doutoramento na Universidade de Munique, com uma tese de carácter etnológico sobre uma aldeia da serra minhota — «Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária». Primeiro nas Universidades alemãs de Rostock (1938-1939), Munique (1939-1942), cujo leitorado de português, aliás inaugurou, e Berlim (1942-1944), onde foi escolhido para o cargo de director português do Instituto para Portugal e Brasil; e seguidamente nas espanholas de Santiago de Compostela (1944-1946), cujo leitorado de Português também inaugurou (e onde conseguiu que, na Faculdade de Letras, se incluisse, com carácter obrigatório, uma cadeira de Cultura Portuguesa, de que assumiu a regência), e finalmente Madrid (1946-1947), por toda a parte a sua notável actuação e sim-

patia humana impõem-no, nos meios científicos que frequenta, como uma figura de prestígio.

Ele tinha a vocação nata temperamental que a Etnologia requer — uma visão do mundo especial, o gosto, a aceitação, a compreensão da variedade das paisagens humanas e naturais, o sentido universalista do homem no caleidoscópio dos seus comportamentos. Após ter terminado a sua licenciatura em Filologia Germânica, em Coimbra, que lhe abriu a porta

aos leitorados que mencionámos, situa-se a sua ida para a Alemanha, que foi um passo decisivo para a sua vida e a sua carreira. E aí que ele aprende que o seu gosto juvenil por correr o País e contactar com as gentes do povo tinha um nome e uma dimensão científica. De regresso a Portugal, é criado no Porto, em 1947, por iniciativa do Instituto de Alta Cultura, o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, cuja secção de Etnologia fica, por convite do seu director, prof. Mendes Correia, a cargo de Jorge Dias, que era então detentor e único detentor em Portugal — de um grau universitário dentro dessa ciência. Com todo o vigor das suas faculdades, ele entrega-se então a essa nova actividade de investigação e reflexão, e lança-se num intenso labor de pesquisa de campo, em que, com um pequeno grupo de colaboradores que reunira à sua volta — Fernando Galhano, Ernesto Veiga de Oliveira, Benjamim Pereira e, sobretudo, sua mulher, Margot Dias — e a quem com o seu exemplo e os seus ensinamentos insuflou o mesmo entusiasmo que ele possuía, o País é palmilhado por todos os meios possíveis, sem quaisquer preocupações de conforto e comodidade, e com dotações e remunerações irrisórias, recolhendo elementos, fotografando, estudando, convivendo com o povo das aldeias, empapando-se da experiência da sua cultura, publicando trabalhos descritivos e interpretativos fundamentais sobre os vários elementos da nossa cultura, que marcam uma nova fase destes estudos em Portugal, e ao mesmo tempo procurando bases teóricas sólidas para esse trabalho. Jorge Dias, com um verdadeiro sentido criador, estabelece uma sistemática original das ciências etnológicas, em que a concepção de Adolfo Coelho e José Leite de Vasconcelos é depurada de certos ilogismos e indecisões, e estruturada em novas e sólidas bases. Essa revisão de significados e conceitos, e a sistemática dela decorrente, tiveram consequências do maior alcance teórico e efectivo, e exerceram uma profunda influência não apenas entre nós: ultrapassando os limites nacionais, elas dão o tom fundamental das discussões dos princípios directivos e na acção da Comissão Internacio-



O prof. Jorge Dias em Stanford, 1967

nal para estas ciências, em Paris, em 1947, e no Congresso de Viena de 1952; no Congresso de Arnhem, em 1955, Jorge Dias acaba por fazer triunfar a sua tese; e finalmente, ela estabelece a orientação fundamental do grupo da «Etnologia Europaea», do qual fazem parte os maiores especialistas destas disciplinas.

Deste modo, seriam dados à estampa mais de 260 trabalhos, entre os quais 17 livros, alguns deles com canção. A sua parte, além da enorme actividade que desenvolvia no Centro, de conferências — muitas das quais ficariam a pertencer à antologia da investigação etnológica portuguesa e estrangeira, Jorge Dias já publicara, entre outras coisas, uns quantos títulos de capital importância: *Vilarinho da Furna e Rio de Onor*, aldeias do Norte serrano e transmontano, em que perduram remotos regimes comunitários, e que constituem dois estudos de comunidades que causam a maior sensação, espanto e admiração nos círculos mundiais da especialidade; os estudos sobre *Os arados portugueses* e outras alfaias em que Jorge Dias alarga a área do arado germânico até aos confins do Noroeste português e, a seu respeito, formula a lei «da afinidade», que estabelece um princípio ecológico fundamental na etnologia; os *Aparelhos de elevar água de rega*, em que revela a existência, no nosso País, da quase totalidade dos sistemas conhecidos no mundo; os *Moinhos, os Espigueiros*, etc. Muitos destes elementos seriam utilizados na elaboração do Atlas Etnológico de Portugal, que se integra no movimento geral da cartografia etnológica, como nova metodologia de que Jorge Dias foi também um pioneiro. E por outro lado, estudos sobre conceptualização, que já mencionámos — *Volkskunde und Völkerkunde, Etnologia, Etnografia, Volkskunde e Folclore, Ambiente Cultural e História, Ensaios Etnológicos, Etnografia como ciência*, etc. — e sobre o carácter nacional e outros temas especulativos de grande alcance.

Em 1956 Jorge Dias que já é então universalmente consi-

derado um dos maiores etnólogos actuais, vem para Lisboa e, como professor do ISCSPU, inicia com Margot Dias uma nova fase da sua investigação etnológica, com missões de estudo em África, nomeadamente entre os Macondes de Moçambique, de cuja monografia, da sua autoria e em colaboração com sua mulher publicou, até agora, 3 volumes.

Para além disto, desta actividade criativa e de pesquisa que levou a termo com paixão inigualável, o mestre de Etnologia deixou ainda outras heranças. Com os materiais reunidos em duas campanhas no Norte de Moçambique, realizou uma exposição etnográfica intitulada *Vida e Arte do Povo Maconde*. Entusiasmado com o resultado resolveu ir mais longe: organizou um pequeno museu no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. Isto deu em resultado que, mais tarde, com o apoio das entidades oficiais, viesse a levar a cabo o seu velho sonho: o da organização em Portugal de um museu do Homem, em que coubesse a representação de todas as culturas do mundo — e que viria a ter o nome de Museu de Etnologia do Ultramar, em que tomou corpo a sua conceptualização fundamental das ciências etnológicas.

Para terminar, há ainda que apontar a sua acção como professor notabilíssimo que foi nas Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa, e sobretudo no ISCSPU. Não conhecemos um único dos que foram seus alunos que não se refira a ele como tendo sido um mestre excepcional, de um saber profundo e de uma invulgar capacidade de criar dentro do espírito de cada um o interesse e o entusiasmo que o habitava. O prof. Jorge Dias trabalhava agora no último volume da sua grande obra, *Os Macondes de Moçambique*, também em colaboração com Margot Dias. Humanista de larga visão, amando profundamente tudo o que o rodeava, o prof. Jorge Dias deixa uma lacuna difícil de preencher no mundo da ciência portuguesa e especialmente no campo da antropologia.

JOSUE DA SILVA

JORGE DI

Um depoimento sobre Jorge Dias apresenta-se como uma tarefa extremamente difícil: pela vastidão da obra científica realizada, embora nem toda publicada; pela profundidade da análise do real, no seu domínio específico; pela honestidade na colheita e tratamento dos dados de observação.

Igualmente se apresenta como tarefa extremamente fácil. Para além da obra científica e da atitude de investigação, houve uma relação de aluno a professor, breve como início, mas que se prolongou durante largos anos, em busca duma mesma realidade, ainda que por vias diferentes: a personalidade. Da geografia humana, ponto de encontro, para a etnografia e antropologia cultural, seu caminho, e o aprendizado em ciências psicológicas, subseqüentemente o meu caminho.

E certo: a amizade deforma a observação do real. Ao menos pode deformar. O que acontecerá neste depoimento sobre o homem de ciência de craveira internacional que foi Jorge Dias?

Em tempo de férias, ainda aluno em Coimbra, aconteceu conversar com pessoas da aldeia, principalmente as mais idosas, onde passava algumas férias com familiares. Fui recolhendo coisas. Tomei conhecimento de manufacturas curiosas. Em Coimbra comuniquei ao sr. dr. Jorge Dias. Convidou-me, e impôs-me posteriormente, que sobre esse assunto das manufacturas apresentasse duas comunicações num Congresso que se ia realizar no ano seguinte. Pouco convencido do interesse, preparei-me.

Ao apresentá-las ao dito Congresso, comecei: estou aqui intimamente convencido de que o tema que vou apresentar, dada a sua pouca relevância e diminuto interesse não mereceria ser apresentado numa reunião deste nível científico. Se o faço é apenas porque o sr.



AS, UM CIENTISTA EMINENTE

ÁLVARO MIRANDA-SANTOS

prof. dr. Jorge Dias insistiu fortemente para que o fizesse. Sem tal intervenção não me teria atrevido, nem sequer pensado em aqui aparecer.

Acabada a exposição, Jorge Dias pede a palavra para dizer: colocaram-me no banco dos réus a atribuir-me a responsabilidade da apresentação das comunicações cuja leitura acabam de ouvir. Não é por achar incómoda a situação que me levanto para defesa. A minha defesa... está feita. No facto mesmo do interesse que as comunicações possuem. Por isso, longe de me sentir culpado, sinto-me até satisfeito.

«Quem nos dera que sobre cada aldeia, cada conjunto de aldeias numa área cultural se fizesse um inventário preciso, escrupulosamente fiel aos dados concretos por uma observação rigorosa e, o mais apossível, objectiva. A partir daí, poder-se-ia, então e só então, tentar uma síntese etnográfica de Portugal, falar de etnografia portuguesa?»

Este episódio que foi real e cuja apresentação aqui é discutível, introduz-nos na temática que me foi proposta: Jorge Dias e a sua metodologia ou a sua perspectiva científica: rigorosamente, observação rigorosa dos dados: positividade.

O mesmo Jorge Dias já havia escrito em *Elementos fundamentais da cultura portuguesa*, trabalho apresentado em Washington no Colóquio internacional de Estudos luso-brasileiros: «Só um método de integrações sucessivas a partir da comunidade e passando pela região ou pela área e pela província, permitirá chegar ao conhecimento científico da cultura nacional». Científico, sublinhe-se. E não «folclórico» ou por realce propositado do exótico. Ainda mais claramente noutra passagem: «Se definir os elementos culturais

duma sociedade tribal demanda já um longo trabalho de análise e boas qualidades de observação, interpretação e síntese, o que não será estabelecer as bases culturais dum povo, estratificado e com oito séculos de história?»

Tal rigor e tais exigências de objectividade são realçados uma vez mais noutra passagem, num outro tom, um pouco amargo a que não se pode deixar de reconhecer razões plausíveis: «São de molde a assustar qualquer um, os juízos precipitados ou superficiais, de sobejo conhecidos, emitidos por vários *jongleurs* do espírito que pretendem classificar um povo salientando só algumas características, muitas vezes bem pouco típicas que mais se poderiam classificar de anedóticas, quando não malevolentes». Principalmente quando alguém pretende exaltar-se individualmente a expensas do conjunto em que vive e de que vive. Em geral, por ignorância das realidades.

Estas ideias são ainda reforçadas e postas em aplicação no trabalho recente *Os macondes de Moçambique*, T.I., quando escreve: «As chamadas «missões do cacimbo» como costumam ser irónicamente apelidades essas fugazes expedições, são na realidade uma coisa deplorável e ninguém sente mais as consequências do que o investigador responsável que reconhece a dificuldade de estar à altura da tarefa que se impôs». Mais adiante foca um aspecto mais directamente metodológico a insistir no rigor da observação: «Não basta observar um facto social num único local. É indispensável o estudo comparativo, repetindo a observação em diferentes lugares do mesmo povo, pois só assim compreendemos o que é essencial e o que não passa de variações locais». Perante

uma tal atitude que se nos oferece pensar das observações que se pretendem científicas e não passam de «casinhos» isolados ou de pura projecção da sua experiência experiencial?

E Jorge Dias de quase se desculpar: «Em muitas outras disciplinas, permanências curtas permitem fazer um inquérito, mas o etnólogo devia viver entre o povo que estuda um mínimo de dois anos». E quantos não viveu Jorge Dias na busca directa de elementos autênticos, na hoje tão decantada e nem sempre bem entendida e muito menos praticada «observação participante». Foi assim que pôde encontrar elementos para escrever: Rio d'Onor, uma comunidade agro-pastoril, A Aldeia de Vilarinho da Furna, Os sistemas de regadio e tantos, tantos outros...

Outros realçarão a vastidão da obra de investigação. Outros, a riqueza dos dados recolhidos. Outros ainda, as «aventuras científicas» a percorrer Portugal de lés a lés, até se espraia por outras partes do Globo. Sempre em busca do contacto directo com os modos de viver e de se relacionar do povo português, em convivência profunda com «as gentes» que tanto apreciava. Aqui, uma vez mais se realça, interessa o valor do cientista como evidênciação que é e concretização que foi da atitude de rigor na observação. E bem preciso é insistir.

Com efeito, as pobres «ciências humanas», que tanto «os filósofos da exactidão» como os «exactos da filosofia» desprezam ou pretendem reduzir aos respectivos sectores de conhecimento, essas ciências humanas bem precisam de quem, por adesão directa, despida de atitude reducionista e capaz de caminhar para algo diferente, realce e evidência e especificidade desses sectores.

Continua na pág. nove



prof. Jorge Dias no norte de Moçambique, entre os Macondes, 1957

Folhetim-artístico

O CASO DO PINTOR JOSÉ FORTUNATO

No Verão passado conheci num hotel do Algarve um homem simpático e bem educado que «fazia negócios». Não sei quais, como muita gente bem vestida que anda por aí, mas certamente frutuosa, a atentar na sua pessoa. Palavra fácil, gestos de alguma elegância, uma calma risonha — mas, por detrás dela, uns olhos firmes e duros, sem piedade, e ávidos. Olhos de «souteneur», como se diria num romance dos anos 30. Aliás com muita razão como adiante veremos.

Na preguiça do Verão, um terraço de hotel é sempre terreno propício a confidências, ou, pelo menos, a um abrir de mão de histórias e feitos, lembranças e projectos. E supondo o homem que eu me interessava por coisas de arte (tinha-lhe dito não sei o quê sobre as obras que decoravam o hotel) acabou por me contar uma história em que fora eficaz protagonista.

Contou-me, como disse, numa preguiça de hotel de férias, mas também por divertimento; e para alardear, embora discretamente, um sucesso de carreira — que foi também um êxito de inteligência, cálculo e estratégia.

Por isso, reproduzo o conto, vendo nele algo de parabólico e, quiçá, uma intervençãozinha divina a avisar incautos.

O senhor conhece o pintor Fortunato? José Fortunato? — perguntou-me ele, com ar falsamente distraído, e foi assim que a narração começou. Respondi que não, que não tinha ideia, e ele insistiu:

— Era um homem já de sessenta anos, quando morreu, em 1971. Tinha deixado de pintar há bastante tempo e praticamente nunca expôs. Só alguns amigos o conheciam e mesmo esses perderam-no de vista. Esteve metido numa quinta, a ocupar-se de coisas muito diferentes. Nem queria ouvir falar de pintura, sobretudo na sua.

A história, visivelmente não me interessava, mas o meu interlocutor continuava a insistir:

— A verdade é que todos os quadros que pintou ficaram abandonados num armazém, em Lisboa, desde, exactamente, 1949. Não lhe parece estranho?

Que há coisas assim, respondi eu, mais interessado em folhear o jornal que em ouvir-lhe a história. E mal fazia porque:

E posso garantir-lhe que se trata de obras excepcionais: uma pintura abstracta realizada em grande parte em Roma e em Paris, logo a seguir à guerra.

Abstracta como?

— Eu não sou crítico de arte, mas creio que podemos falar numa espécie de pintura da escola de Paris. Fulano (e citou o nome dum colega e amigo meu) falou mesmo de Bazaine a seu respeito. Para mim, e isto é opinião de leigo, é claro, mas o que a pintura do Fortunato me faz lembrar, sabe o senhor o que é?

E, depois de uma pausa, veio a lembrança: «a pintura de Vieira da Silva». Em mais colorido, acrescentou, maior riqueza de tons.

— Mas como descobriu o senhor essa pintura?

— Por um acaso. O abandono dos quadros, que foi um verdadeiro abandono, tem uma explicação muito pessoal. O Fortunato divorciou-se então, a mulher fez-lhe um processo, exigindo coisas e coisas, parte do atelier — e ele, num impulso de raiva, declarou que ia destruir tudo o que fizera. Depois, teve uma espécie de depressão nervosa, ou coisa parecida, e abandonou os quadros que a mulher meteu no armazém de uma pessoa de família. Não se interessava nada pela pintura e ainda menos pela obra do marido, que pretendia apenas irritar com as exigências. Os quadros lá ficaram; o pintor morreu, a senhora também, não tinham filhos e foi um sobrinho dela que, absolutamente por acaso, me falou no assunto — quando eu pretendia alugar-lhe o armazém, aí para um negociozito...

Uma pausa, alguma bebida pelo meio, não me lembro bem.

Eu nunca me interessei por essas coisas, mas a verdade é que tenho amigos que estão comprando pintura e vejo os preços e as cotações a crescerem. Um cunhado meu comprou um Eduardo Viana (fez, com as mãos, o tamanho da tela) por dezassete contos e vendeu-o, sabe o senhor por quanto?

— Dezassete mil contos? — disse eu a ris.

Nem tanto, mas lá chegaremos, pode estar certo disso. Vendeu por mil e setecentos! Assim, quando vi os quadros do Fortunato imaginei um bom negócio. E digo imaginei, já vai ver porquê...

Riu-se lentamente, e continuou:

Comecei por vender dois quadros ao meu cunhado, que, aliás, queria comprar tudo, mesmo sem ver. Nessa altura aluguei o armazém e fiz o favor de ficar com todo o lote

ao senhorio, que não sabia como se desembaraçar das pinturas. Comprei ao mesmo tempo umas caixas de zinco que lá tinha e confesso-lhe que paguei por elas mais do que pelos quadros do Fortunato... Confesso-lhe também (e ri com malícia) que quando vendi os dois primeiros quadros ao meu cunhado, eles ainda não eram meus. A verdade é que o preço dos dois até pagou as caixas e a renda do armazém por mais de um ano. E isto é importante, porque deixei de precisar do armazém para o negócio que tinha em vista e que já não me interessava. Muito trabalho para pouco lucro...

— Pois — fiz eu — E os quadros?

— Aí o trabalho era pouco e os lucros jeitosos... Vendi portanto duas pinturas ao meu cunhado, que logo os negociou — sempre à confiança. Não se conhecia o pintor, é certo — mas, na medida que se dava sessenta contos por um quadro seu, ele passou a ser cotado. E que pagava tal importância tinha que dar-se ar de estar bem informado...

— O senhor tinha fotografias dos quadros?

— Não, não tirei. — Olhou-me e desatou a rir. — Não tirei coisa nenhuma! Todos os negócios que fiz foram verbais. Posso dizer que vendi setenta e duas telas, desde o «100 figura» (desculpe-me a linguagem técnica, mas estudei o caso) até pequenas «pochades». Logo de entrada disse que tinha setenta e dois quadros, não fiz qualquer jogo com o stock e bem arrependido estou, confesso... Acho, porém, que nestas coisas a palavra conta e conta muito, e não se devem passar certos limites. Não conhecia o negócio de quadros, mas fiquei a conhecê-lo, por dentro e por fora, nesta operação. Não é diferente dos mais — e a palavra é importante. (Tinha uma grande sinceridade na voz.) Tanto mais que pode ser uma questão de palavras... Apenas... (começou de novo a rir-se, docemente, com uma leve malícia no olhar).

— Mas onde estão os quadros do seu pintor? Espalhados por aí sem sequer se fazer uma exposição? Escreveu-se algum artigo sobre eles?

— Não, exposição não — nem podia ser. Artigos, ainda cheguei a falar com Fulano para escrever um, mas quis ir ver os quadros e não era possível. Saí apenas uma curta biografia no jornal X, com um título aliás aliciante. (Mexeu na carteira, e tirou um recorte. Li: «Um novo caso Vieira da Silva?» «Desconhecido na sua própria pátria, etc.» Não li mais, adivinhando o que se seguia.)

— Como diabo podemos conhecer agora os quadros? O meu amigo e o seu cunhado espalharam-nos por aí...

— Não espalhámos nada. Isto é, ao princípio, sim — mas depois voltámos a comprá-los aliás com bom lucro para os coleccionadores que os tinham adquirido, sempre à confiança. Muitos coleccionadores me procuraram, houve mesmo anúncios nos jornais, oferecendo bom preço por quadros do Fortunato — em grandes letras.

— Os quadros andaram então em circuito comercial, sem exposição nem nada. Alguém se lembrava deles?

— Com certeza que não...

— E estranho — murmurei eu.

— Será, mas, talvez por isso mesmo, assim foi... E a verdade é que o lote acabou por ser reunido por uma galeria muito conhecida, depois de várias vendas e revendas (quadros houve que passaram seis ou sete vezes pela minha mão)...

— Sempre com lucro — atalhei eu.

— E claro que sim: o pintor cotou-se bem. Posso mesmo dizer-lhe que os preços, nesse circuito fechado, aumentaram de 500 por cento a 1500 por cento. Um dos quadros com que o negócio começou deu de lucro ao meu cunhado, no fim de seis meses, que foi o tempo todo da operação, um «Mercedes» do último modelo. Eu comprei uns andaritos aqui na X (nome de uma aldeia turística famosa, no Algarve).

— Toda a pintura desse Fortunato está então numa galeria?

— Não exactamente. Ela operou por conta de um riquíssimo coleccionador de Castelo Branco, que ouviu falar da obra de Fortunato e quis comprar tudo. Esse coleccionador, depois, desinteressou-se da pintura e não chegou, sequer, a receber os quadros, que ainda estão, ou deveriam estar (sublinhou estas palavras) no meu armazém. De qualquer modo já não são meus.

— Espero vê-los algum dia, apesar disso... O homem olhou-me então, outra vez, fixamente, e de novo deixou cair, uma a uma, palavras solenes. E sábias, na circunstância:

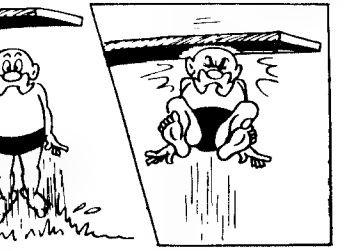
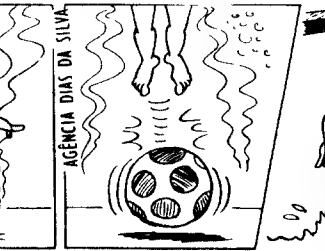
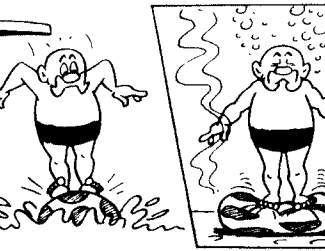
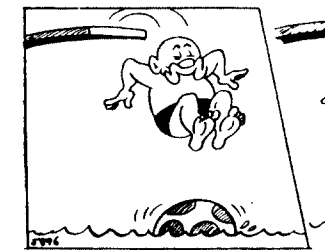
O senhor ainda não percebeu que os quadros não existem, que o pintor José Fortunato nunca existiu?

de José-Augusto França

LOS ANGELES POLICE DEPT. HOLLENBECK



O autor do livro «Os Novos Centuriões» (donde foi extraído o filme agora distribuído em Portugal) é o polícia Joseph Wambaugh que vemos à entrada da esquadra de Los Angeles



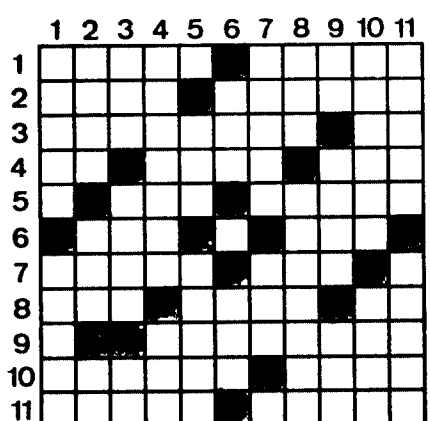
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10349

HORIZONTAIS:

- Nome de frutos. Da massagens a
- Adónia. Espavitar
- Peixes de cores vivas, do mar das Índias. Apelido.
- Alternativa. Substância gordurosa de composição análoga à do éter. Oceano
- Título honorífico na Índia. Compara
- Mitologia. Artigo definido. Nome de letra.
- Enganar (gir). Para barlavento
- Dá mios Ave aquática do Brasil. Nome de Buda na China.
- Planta ornamental também chamada beladona-bastarda
- Em Timor, aguardente de cana, importada de Java. Casta.
- mesmo que galeirão ave) Curar.



VERTICAIS:

- Maihos. Dois mil duzentos e cinco em romano
- Acrecentou Tritura. Nesse lugar.
- Coragem. Fértil. Despido
- Rédea. Caminho (inv.º)
- Pau-ferro. Ladeira.
- Prende Ave peralta do BRASIL
- A tasca Oásis
- Consentimento (inv.º). Nome de mulher
- Actino (sq). Marco para limite ou estrema de terrenos. Família.
- Certo jogo de cartas. Resta.
- Nome de ave. Roer.

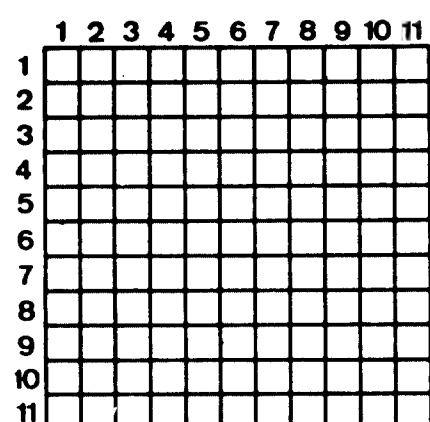
Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6505

HORIZONTAIS:

- Pruma. Romancista português autor de «O Crime do Padre Amaro»
- Antiga medida portuguesa de capacidade. Prefixo que designa afastamento
- Prefixo de negação. Fingia
- Aparelho para encruvar as caixas das lhas ferreas Batraquio Falda.
- Espadua. Alteza Real. Amofina
- Habitam. Espíritos
- Guarnecer de asas. Uni por casamento
- Vagueais. Cólera
- Tempo do verbo ir. Lições Grande ribeira da Asia Russa
- Erb o (sq). Passados
- Ajuda (fig). Fund ras



VERTICAIS:

- Oso maior. Caminha para cá
- Presenteara
- Antes de Cristo. Residir
- Chefe etíope. Cidade de França
- Ligaram. Ouro (sq)
- Sugar o leite materno. Pestana
- Região francesa da Costa do Marfim entre Bandana e Sassandra. Certo jogo de cartas
- Içaras. Ribeira de Portugal
- Arruina. Freguesia do concelho de Ponte de Lima
- Militar de cavalaria
- Oria. Artigo defn do Gosta muito de

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10348

HORIZONTAIS:

- Moca. Urrô
- Mamães. A
- Ac. Landi. Cr.
- Tas. Cai. Aer.
- Amada. Ra. Ga
- Lavar. Erras.
- Eme. Mau
- Da. Airol. Br.
- Ara. Sós. Pai
- Dera. Gola.
- Emala. Eras.

VERTICAIS:

- FATALIDADE
- Cama. Arem.
- Om. Sava. Ara
- Cal. Dama. Al.
- Amagares.
- Anã. Rol.
- Urdirmos. É
- Rei. Aral. Gr
- Rs. Ru. Poá
- CEGA. Bali.
- Arrasarias

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6504

HORIZONTAIS:

- Prestar
- As. Usais. Pá.
- Mad. Tão. Ras
- Amena. Suara
- Rosa. Asar
- Ara. Tom. Pré
- Oitão. Orais.
- Mal. Cera
- Vês. Ali
- Coai. Iago
- Ermos. Samos.

VERTICAIS:

- Camarão. Ace.
- Samorim. Or
- Desatavam.
- Ru. Na. Ateio
- Esta. Toas
- Saá. No.
- Tios. Moca
- As. Ua. Relia
- Raspariam.
- Pararia. Gó
- Casares. Nós.

Proverbo: A fatalidade é cega.



JORGE DIAS, UM CIENTISTA EMINENTE

Continuação da página sete

Assim se exprime Jorge Dias no Prefácio a «Colóquios sobre metodologia das ciências sociais»: «Sou de opinião que é preferível ter a coragem de mostrar humildemente o que se ignora, do que por orgulho manter o estado de ignorância em certos domínios. Quanto longe estamos daqueles que se julgam satisfeitos. Assim como aqueles que reclamam abertura em ciência, principalmente quando se torna moda exigir abertura para se imporem vistas acanhadamente reduzidas de um pequeno grupo ou duma perspectiva limitada. Sempre a recusa de se consentir na «douta ignorância», a única a facilitar um caminhar para mais além na ciência. Ou será, por que a ciência como forma de estar perante o real ou como conjunto de conhecimentos parou ou está impossibilitada de progredir? Ou não serão os próprios cientistas que impedem o progresso da ciência quer como conhecimento quer como atitude quer como evidênciação de novos sectores do real?

Já em «Introdução ao estudo das ciências sociais» focava uma situação que era e que ainda é moeda corrente nos domínios da actividade científica: a ignorância, tantas vezes fortemente matizada de soberberia ou de recurso ao sucesso fácil, relativamente à autonomia das ciências humanas. O homem... é tão complexo que não é possível abarcá-lo na sua totalidade, razão por que se foi dilatando o campo de análise... foi necessário focar de maneira particular certos aspectos específicos da sua realidade». Consequência imediata e lógica, embora muitos ainda lhes sejam insensíveis: «Cada um desses ângulos de enfoque tem desenvolvido e aperfeiçoado técnicas próprias que permitem uma compreensão mais perfeita do seu objecto de estudo... Isto é afinal o que através dos tempos se tem dado com a ciência em geral».

Toda a gente concorda. Ao menos aparentemente. Pois, quando se trata das ciências humanas, até muitos dos que se dizem seus cultores se recusam a reconhecer a especificidade desse domínio. Provavelmente, apenas porque não está previsto no esquema comtiano. Verdade seja já tem século e meio de existência. Ao menos, venera-se a memória intacta do mesmo. Ou seja, tudo ao contrário da atitude científica.

Em «Problemas de métodos em estudos de comunidade», Jorge Dias concretiza melhor a sua reflexão: «As relações entre indivíduo e sociedade ou personalidade e cultura entraram nas preocupações dos estudiosos das ciências sociais, mercê do impulso que a psicologia moderna deu às nossas disciplinas, ajudando a esclarecer muitos factos obscuros do comportamento individual dentro da colectividade».

Posteriormente, concretiza melhor o seu pensamento: «Procurar explicar as formas de cultura pela geografia será acreditar que o homem responde mecânicamente aos estímulos naturais e que cada resposta seria sempre a mais adequada às circunstâncias ambientais. Daqui resultaria um de-

terminismo que o estudo dos factos nega». Como os factos o negam, certos pensadores, não propriamente cientistas continuam a acreditar nesse determinismo. Só acreditando. Ou aderindo, sem provas experimentais a axiomas filosóficos. Mesmo que seja o determi-

nismo dos factores históricos. Ou mais especificamente económicos. Trata-se sempre de explicar ou compreender o humano pelo fácil dualismo: organismo-meio. Substituto pobre de outro dualismo: corpo-alma.

Assim o confirma Jorge

Dias na mesma local: «no diálogo permanente que o homem mantém com o ambiente, em que vive e se move, todas as respostas são possíveis, desde as mais inteligentes às mais absurdas». Eminentemente saudável, esta atitude. Na sua formação foi-lhe inculcido o

determinismo socio-geográfico. No entanto, a partir da observação directa, trabalhou objectivamente os factos, abandonou os pressupostos filosóficos de dependência determinante da personalidade, olhada apenas como organismo aper-

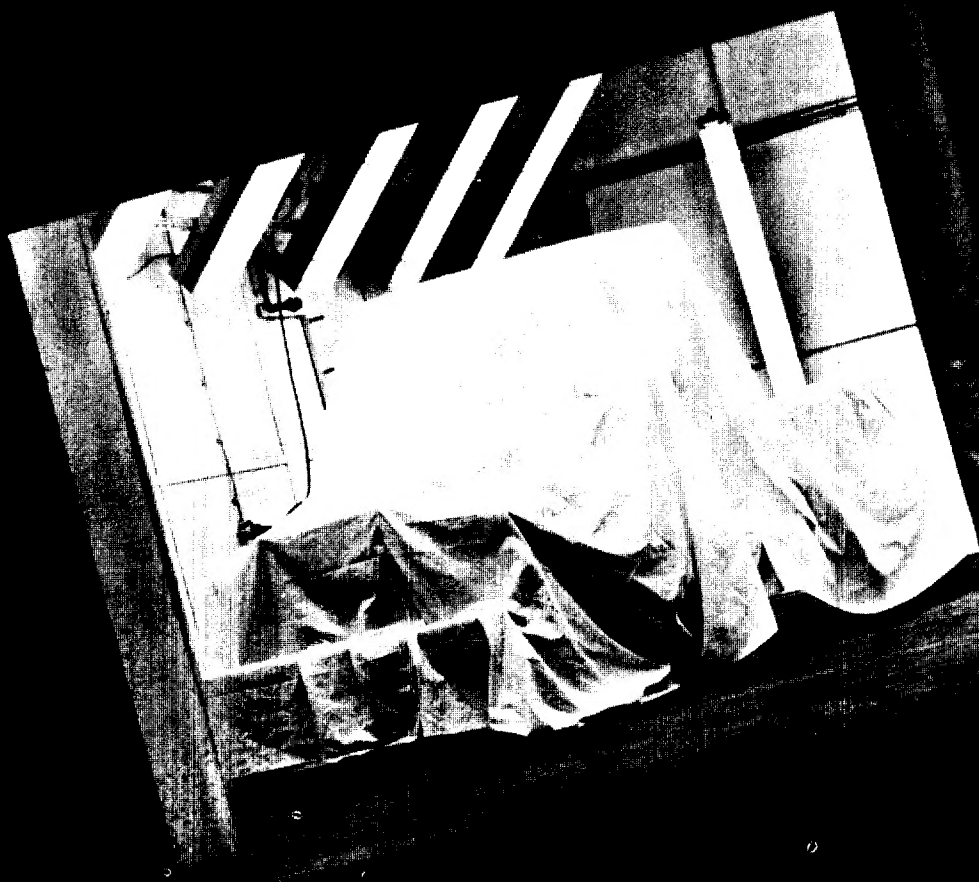
feiçoado, perante o meio físico e social.

Para Jorge Dias, a realidade foi sempre e só a realidade. Como se apresenta, ponto de partida fornecido directamente através da sensibilidade. Objecto empírico, do dia-a-dia. Captação directa.

A realidade foi sempre a realidade. Como a representa a investigação científica. Ponto de chegada dessa investigação. Ponto de partida para outras investigações

Continua na pág. doze

A GM conta o que fez em 1972



e tem uma surpresa para 1973



Um ano passou. Em 1972, como sempre, a General Motors construiu os automóveis mais adequados às necessidades diárias dos condutores. Economia, conforto, segurança e, por que não? ... Prazer!

Em 1972, a General Motors ultrapassou o máximo mundial de vendas anuais. Que, aliás, lhe pertencia. 7.810.808 unidades foram vendidas. 2 veículos GM foram colocados na Lua. Tudo isto é motivo do maior orgulho. Como orgulhosos estamos nós, os Concessionários da General Motors.

Somos Concessionários do maior fabricante mundial de automóveis e gostosamente aceitamos essa responsabilidade.

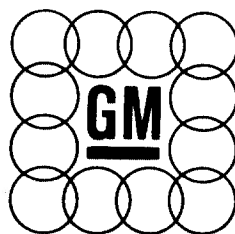
Estamos preparados para dar aos

automóveis e camiões que vendemos a Assistência que merecem. Pessoal especializado, equipamento electrónico, stocks permanentes de peças legítimas, instalações com a dimensão adequada ao número de unidades a atender.

Assim, os nossos clientes dão preferência e recomendam os nossos serviços. Sempre o têm feito. Para nós, a única forma de lhes agradecer é com um constante progresso. A maneira GM de agradecer.

Com novidades e surpresas. É o que fazemos. Para 1973, podemos anunciar uma surpresa que por enquanto é um segredo bem guardado!

*Também na Lua foi ultrapassado o máximo anterior: 1 veículo em 1971.



Associação de Concessionários da General Motors de Portugal, Lda.

TEXTOS SOBRE TEATRO

Carlos Porto

1. Crítica: periférica

Estou certo de que todos aqueles que entre nós têm por missão analisar os espectáculos de teatro não têm dúvidas sobre o circunstancialismo do seu trabalho. Independentemente das condições em que esse trabalho é feito, a crítica de teatro não pode pretender nem pretende, como é evidente, ser mais do que uma aproximação da análise dos valores que constituem a função teatral na sua totalidade. O facto não obriga os cronistas portugueses a sofrer quaisquer complexos de inferioridade: o que se passa em Portugal, passa-se pouco mais ou menos em toda a parte, aqui ao lado, em Espanha, ou em França (de uma maneira geral), na Inglaterra, em Itália ou no Brasil, por exemplo, com a agravante de que na maioria desses países são outras as condições possíveis.

Poderemos ir talvez mais longe e considerar que a crítica de teatro dificilmente poderá ultrapassar, nas condições em que é feita, esse nível de recensão: a procura e análise, em profundidade, dos valores dramaturgicos e ideológicos (positivos ou negativos) que um espectáculo expressa é incompatível com uma «vida teatral» cuja existência, como prática plena e plenamente assumida, é legítima e não em dúvida. E, efectivamente, difícil encontrar em Portugal espectáculos que possibilitem (e justifiquem) essa análise em profundidade. Quedando-se pela periferia do espectáculo, a crítica

reflecte as condições de uma prática teatral que, por sua vez, se fica pela periferia do verdadeiro teatro. Por isso, e normalmente, a nossa crítica de teatro só se justifica pelas suas intenções (pasmemo) destrutivas. A destruição do espectáculo teatral português é, normalmente, a única forma possível para o entendimento desse espectáculo, mas é, ao mesmo tempo, incompatível com a produção de uma crítica criativa que pretenda ultrapassar o nível da mediação pessoal.

Estas palavras que não pretendem trazer novidades nem justificar posições pessoais, nem visam ninguém (mas tão-só uma situação que se vai tornando insustentável), estas palavras que nem sequer pretendem ser amargas ou cínicas e não pretendem, por outro lado, desculpar realidades que estão além de posições ou razões pessoais. A crítica de circunstância — aquela que se faz — não poderá nunca ultrapassar determinados limites, embora pessoalmente admita que está longe de os atingir. Por isso, volto a sublinhar o que já tenho por várias vezes afirmado: o leitor deve procurar nas críticas que se fazem menos uma posição ou um juízo sobre o espectáculo em causa (embora aqueles possam estar presentes) do que a necessidade de ele próprio reflectir sobre a realidade que reflecte as circunstâncias desse espectáculo e do teatro em geral. (1)

2. Crítica: da periferia ao centro

Deixemos, por hoje, as nossas circunstâncias (que hão-de ser superadas) e vejamos como depois de criadas as condições em que é possível trabalhar, a crítica de teatro assume uma forma que se identifica com a análise do espectáculo encarado como uma realidade complexa que tem a ver simultaneamente com um projecto textual e com a sua realização cénica. Os volumes já publicados da obra LES VOIES DE LA

CREATION THEATRALE (2) trazem aquilo que podemos considerar uma contribuição essencial, nas circunstâncias da sociedade em que vivemos, para a descoberta dos caminhos da crítica teatral. Porque a crítica, ao fim e ao cabo, depende fundamentalmente da criação, a luta que entre nós se trava é menos (ou interessa menos) entre a crítica e o teatro que se faz do que entre a crítica e o teatro que se devia fazer.

Dificilmente o leitor não especializado terá acesso a esses volumes: por todas as razões, incluindo o seu preço que vai equivaler ao de um fato de boa fazenda. Parece-me, por isso útil, chamar a atenção para a obra (3) procurando apontar as perspectivas para que aponta, levantar as principais pistas que nela se descobrem.



Uma cena de «O Príncipe Constante»

3. Alguns caminhos possíveis

LES VOIES DE LA CREATION THEATRALE é uma obra

de expressão. Trata-se desde logo evidente que para fazer um trabalho deste tipo é indispensável conseguir determinadas condições: o crítico deve seguir estreitamente o trabalho de elaboração do espectáculo; ter acesso a todos os documentos que com ele se relacionam; poder contar com a colaboração dos próprios criadores do espectáculo. Diz-se, aliás, na introdução que tenho vindo a citar: Os estudos que constituem este volume não poderiam ser escritos sem a colaboração dos seus criadores que permitiram aos autores destes trabalhos o acesso às fontes documentais e seguir a elaboração dos espectáculos.

O estudo de um espectáculo teatral passa, em primeiro lugar, pela análise da forma como se articulam as relações entre o texto que é, na sua forma literária, um mero projecto e o discurso em que esse projecto se realiza, se formaliza.

Observemos as características dos espectáculos cujas análises integram este 1.º volume de «Os Caminhos da Criação Teatral». A mais importante dessas características consiste no facto de se tratar menos de espectáculos de dramaturgos do que de espectáculos de encenadores, funcionando o texto mais como pretexto para uma criação de significan-

4. Grotowski e o actor

A parte em que se faz a análise do espectáculo do Teatro Laboratório de Wroclaw divide-se em dois capítulos. No primeiro, que serve de introdução, Jean Jacquot historia a actividade do artista polaco e expõe o significado dos seus

trabalhos, chamando a atenção para as relações entre o encenador e os intérpretes, entre o espectáculo e o público. No segundo capítulo, Serge Ouaknine faz a análise e a reconstituição do «Príncipe Constante». O crítico permaneceu mais de um ano no Teatro Laboratório de Wroclaw tendo a trabalhado na reconstituição da planificação da peça (pelo texto e pela imagem). Um obstáculo insuperável (que marca evidentemente os limites de trabalhos como este): a impossibilidade de traduzir pela palavra o que há de específico na linguagem cénica. Como transcrever (sem filme, fotos nem banda sonora) o intraduzível deste espectáculo? — a musicalidade das vozes e dos corpos do grupo, o seu espaço significativo, os ritmos, a simultaneidade das imagens e a «combustão» do princípio? — interroga o autor.

Tendo em atenção, portanto, os limites assinalados, verificamos como se desenrolou o trabalho do crítico. Vou procurar fazê-lo a dois níveis: o que diz respeito à análise e o que diz respeito ao próprio espectáculo. Temos presente que se trata de uma análise (embora muito resumida) de uma análise, isto é, que o leitor que lê estas palavras está em relação ao espectáculo nas mesmas condições em que está quem as escreve. Vamos tentar, se o leitor me quiser acompanhar, apreender, ao mesmo tempo, as linhas de força do trabalho de Grotowski (e que significam em relação ao teatro do nosso tempo, aceites ou não as suas posições) e a perspectiva crítica que sobre esse trabalho nos é proposto.

5. Ainda o actor

O trabalho do ensaísta francês inicia-se pela descrição dos métodos utilizados, evidenciando (a meu ver) as relações, que não é possível negar, entre o método Grotowski e o método Stanislavski, guardando as devidas distâncias.

O actor de Grotowski é posto em condições de projectar, unicamente através de expressões corporais e vocais, as suas capacidades de imaginação e de memorização, ou, por outras palavras, reflectir a sua realidade íntima. Utilizando os termos do autor deste trabalho: A motivação criadora do actor corresponde à memória afectiva deve intervir sempre através da corporalidade.

Antes de continuar devo esclarecer que me limito a seguir a exposição do crítico francês sem procurar, para já, fazer uma interpretação, a nível ideológico, das experiências de Grotowski. Creio ser importante conhecer essas, como outras, experiências para que as opções de cada um partam menos de uma atitude passional ou instintiva do que do conhecimento de factos concretos.

(Continua)

(1) O problema do teatro português põe-se, por exemplo, em relação ao Curso de Dramaturgia e Crítica que se iniciou recentemente no Conservatório. Parece-me que a eficácia de um Curso como esse depende muito dos espectáculos que os respectivos alunos podem estudar. Creio que sem viagens frequentes a Paris, Londres, Berlim, Milão, por exemplo, o Curso não será possível.

(2) LES VOIES DE LA CREATION THEATRALE — 3 volumes publicados Edição do Centre National de Recherche Scientifique. Paris — 1970/1972.

(3) É claro que os interessados deveriam poder consultar obras como estas em bibliotecas especializadas espalhadas pelo País. E qu'ê delas?

NOVIDADES LITERARIAS

Colecção Autres Universals

O PALHEIRO NO MEIO DO CAMPO

ERSKINE CALDWELL

A segregação racial no Sul dos Estados Unidos
45800

Colecção Enigmas de Todos os Tempos

O LIVRO DOS SENHORES DO MUNDO

ROBERT CHARROUX

História insólita do fantástico e do tempo futuro

Volume ilustrado
80800

Colecção Enigmas de Todos os Tempos

OS GRANDES ENIGMAS DO UNIVERSO

RICHARD HENNING

4.ª edição

O fantástico enquadra na grandeza da razão humana

Volume ilustrado
65800

Colecção Autores Universals Série Monumental

PAPILLON

HENRI CHARRÈRE

9.ª edição

Lição de coragem e virilidade mesmo depois dos mais duros reveses

110800

EDIÇÕES DA

LIVRARIA BERTRAND

Apartado 37-Amadora

ADM. UNIVERSIDADE

EXAMES «AD HOC» — MAIORES DE 25 ANOS

CURSOS ESPECIALMENTE ORGANIZADOS PARA O EFEITO

PREPARAÇÃO INTENSIVA

EXTERNATOS

São Vicente

Rua do Paraíso, 28
Tel. 864100

Marquês de Pombal

Rua Morais Soares, 93
Tel. 82 02 21/83 46 58

Álvares Cabral

Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — Tel. 70 69 74/5

LICEAL — PREPARATÓRIO — COMERCIAL — INSTITUTOS

MÚSICA

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

FESTIVAL DOS TRÊS COROS :

PELA DEMOCRATIZAÇÃO AUTÊNTICA DA CULTURA MUSICAL

A Câmara Municipal de Lisboa e o Teatro S. Luiz, a primeira com o seu apoio, o segundo abrindo as suas portas, proporcionaram a realização dum acontecimento de extrema importância cultural.

Referimo-nos ao chamado I Festival dos Três Coros, iniciativa conjunta do Coro D. Pedro de Cristo de Coimbra, do Coral Phydellius de Torres Novas e do Coro da Academia de Amadores de Música de Lisboa, a esta última associação se ficando a dever a organização e o patrocínio do encontro.

Embora actualmente se comece a notar entre nós (no ensino, em certos programas da Rádio e da Televisão) a preocupação de exercer uma acção pedagógica mais ou menos constante e sistemática, que se propõe ganhar as crianças, os jovens e, duma maneira geral, o «grande público» para a cultura musical, os erros que, entretanto se cometem, os equívocos que se alimentam, os factores negativos que se intrometem têm um tal peso que a situação neste domínio tende mais a estagnar do que a entrar num verdadeiro processo evolutivo. O conflito entre cultura e liquidação da cultura está na ordem do dia nos países de estrutura social semelhante à do nosso: nesse aspecto não somos nada originais. Na música, o liquidacionismo consiste nomeadamente na insistência com que se aceita e se apregoa a impossibilidade de distinguir entre uma Sonata de Beethoven e uma canção dos Beatles, entre Backhaus e John Lennon: desde que fosse boa (?) seria tudo a mesma música...

Ainda recentemente se apontava como exemplo na Televisão o caso duma família cujo pai, membro duma banda, pusera os três filhos a tocar, em tropete e acordeão, música destituída de interesse, ou absolutamente esvaziada de conteúdo estético; e, pese embora as boas intenções do apresentador (José Atalaya), não se esboçou nesse programa o mínimo gesto para alertar os participantes e os telespectadores para os perigos duma difusão em quantidade de práticas tão nocivas à formação duma inteligência e de uma sensibilidade musicais. Temos, pois, aqui um exemplar de como, no próprio seio duma acção tendente a promover a cultura musical, se propugna a sua liquidação. Equivaleria a falar abstractamente das virtudes da alfabetização, sem curar de saber se os analfabetizados dela tiravam rendimento cultural, lendo e escrevendo algo que não fosse apenas vazio ou obscuro. Se, depois disto, pensarmos na regra que se opõe às excepções pedagógicas acima mencionadas) excepções essas por vezes paradoxalmente ao serviço da regra, como se vê), e na resposta que a este estado de coisas dão os autores das baladas, seus poetas e seus adeptos, que a si mesmo se arvoram em guias duma transformação profunda da realidade circundante, o saldo final é largamente no ciclo de produção e consumo da música, à liquidação

da cultura.

Daí a extraordinária importância do Festival dos Coros que se realizou agora. A comunidade de propósitos, no plano artístico, e de fins, no plano social, que verificaram existir entre eles representa porventura a mais corrente e a mais interveniente das forças que lutam por uma tomada de consciência do que é ouvir e fazer música. No plano artístico, o que há de comum entre estes três coros é o dedicarem-se única e exclusivamente à música enquanto manifestação superior ao género criador do homem. do seu repertório estão excluídos os subprodutos «orfeónicos» que visam o mero efeito; e é ainda o trabalharem com persistência e honestidade as obras que interpretam, para conseguirem estar à altura de assimilar e transmitir a identidade profunda dessas obras. No plano social, o que os une é o mesmo propósito de estimular a prática colectiva da música, de a viver como «mensagem viva de alegria e de amor entre todos os homens» (expressão subscrita pelo Coro D. Pedro de Cristo), e de despertar para a compreensão e o amor da música todos aqueles que puderem beneficiar da sua acção por esse país fora; é, enfim, o actuarem como factor duma autêntica democratização da cultura musical, pois sendo amadores e compreendendo elementos de classes e profissões, são afinal gente do povo que leva ao povo o que ele, se o respeitamos, realmente merece: a música, a música a sério, a música que incorpora a «autoconsciência da evolução da humanidade», a música que emancipa, é cóngrega, e liberta, e nos projecta no futuro (é desta cultura que falamos e é contra a sua liquidação que estes coros lutam).

O encontro decorreu por forma extremamente animadora e estimulante para a acção que os três coros têm vindo desenvolver e, duma maneira geral, para o incremento da actividade coral no país. A sala do S. Luiz estava completamente esgotada por um público entusiasmado, que aderiu ao programa. Na primeira parte, apresentou-se o Coro D. Pedro de Cristo, dirigido por Francisco Faria, cuja obra à frente do Coral da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que elevou a alto nível artístico, está agora a reeditar à frente destoutro agrupamento, fundado recentemente. Cantou um programa integralmente preenchido por obras de autores portugueses antigos e modernos: peças religiosas de D. Pedro de Cristo e Estevão



Fernando Lopes Graça

Lopes Morago, Coro dos Cativos (do «Breve Sumário da História de Deus», de Gil Vicente) de Sousa Santos, e a bem trabalhada Prece (Fernando Pessoa) de Manuel Faria, estás últimas de certo modo representativas do intuito de contribuir para a renovação da música religiosa, numa perspectiva ecuménica, uma das missões que o Coro chama a si.

Seguiu-se o Coro Phydellius, de Torres Novas, com um programa distribuído por várias épocas da história da música, desde Jannequin a Kodály, passando por J. Gallus, Palestrina, Monteverdi, Schubert e Bruckner. Dirigiu-se José Roberto, um jovem que revela excelentes disposições para a tarefa, mostrando-se capaz de transmitir ao coro o sentido du-

ma interpretação rigorosa sem quebra de espontaneidade.

Na segunda parte apresentou-se o Coro da Academia de Amadores de Música, que Lopes-Graça fundou e dirige desde há mais de vinte cinco e é pioneiro na acção cultural que acima definimos, levando-a às suas últimas consequências, com uma persistência e um «espírito missionário» (no duplo aspecto da revalorização estética da música portuguesa genuína e da sua devolução ao povo, a quem ela pertence) que adquiriram já uma justa dimensão histórica. Daí a pesada responsabilidade que se lia nos rostos dos elementos do coro quando deram entrada no palco. O programa não era para menos: à parte uma das canções da primeira

fase do Coro, de escrita menos complexa, mas muito bela («Não segueis o trigo verde») compreendia oito recriações de canções populares de as de mais difíceis populares entre as de mais difícil execução que Lopes-Graça tem composto. Obras admiráveis, que explicitam até ao extremo limite todas as potencialidades estéticas do documento e original e lhe dão um sentido, por assim dizer, cosmológico-racional.

Mas estava ainda para vir o que foi verdadeiramente a apoteose do concerto: os três coros reunidos, cantando em conjunto, sob a direcção de Lopes-Graça, Glória de Duarte Lobo e Em Louvor do Sol do mesmo Lopes-Graça. Na primeira peça, apreciámos o vigor da

interpretação, inteiramente despojada do estilo amaneirado muito praticado neste tipo de obras religiosas antigas. Assim cantada, a peça de Duarte Lobo ganha uma nova perspectiva, adquire uma força telúrica que transcende a glorificação do divino.

A segunda peça, Em Louvor do Sol, sobre poema de Afonso Duarte, é uma das mais poderosas obras corais de Lopes-Graça (música de sua inteira invenção, não baseada directa ou indirectamente em documentos populares). Não se pode descrever por palavras a pujança expressiva de música tão rica, que amplifica e transforma em energia vital o conteúdo dos versos de Afonso Duarte, versos como estes: E, noite dentro, as árvores são grutas/ De sombras carregadas de punhais! / E o povo, às cegas, enraivece às brutas/ Que a sombra é quem o arma contra os mais. O entusiasmo suscitado por esta obra, cantada com invulgar veemência, sob a direcção do seu autor, por uma massa coral homogénea, monolítica, apesar de constituída pela fusão de três coros de individualidade diferente, obrigou a bis, envolvendo no final não só o compositor mas ainda os membros dos três agrupamentos e os seus directores. Foi uma tarde gloriosa, para a actividade coral, para a música portuguesa, para a causa da cultura (da cultura viva e actuante).

A PRÓXIMA PRIMEIRA AUDIÇÃO EM LISBOA DA "SINFONIA DOS MIL"

Acaba de nos chegar às mãos um disco-amostra que em breve vai ser lançado no mercado português, contendo a Oitava Sinfonia de Mahler. Cabe mais uma vez a Georg Solti a responsabilidade da direcção de um contingente vocal-instrumental, constituído por oito cantores solistas, Coro de Ópera do Estado de Viena, Coro da Sociedade Coral e Coro de Rapazes de Viena, e Orquestra Sinfónica de Chicago (Decca, SET 534-5). A frequência com que nos temos referido a realizações gravadas deste chefe de orquestra, que actualmente bem pode ser considerado o mais lúcido intérprete da grande tradição germânica, dispensa-nos, por agora, de aduzir todas aquelas razões que recomendam o seu trabalho neste disco. Basta deixar aqui registado que se trata de outra culminância a acrescentar às que já nos legou de Mahler e Wagner (sobretudo).

A alusão a este disco vem apenas a propósito da próxima primeira audição em Lisboa (sábado, dia 24 de Fevereiro, com repetição no Domingo) da monumental obra de

Mahler. E foi a conjugação dos dois factores que nos motivou a redigir esta pequena nota: o disco proporcionou-nos um contacto mais íntimo com a obra e despertou-nos o desejo proselitista de contribuir para a maior divulgação dela.

Como é evidente, não vamos caucionar antecipadamente a realização que será apresentada ao público de Lisboa, sob a direcção do maestro Fritz Rieger, à frente de cerca de quinhentos executantes (entre os quais o Coro Gulbenkian, o Orfeão de Pamplona e a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional). Mas, reservando embora para mais tarde a nossa opinião sobre o resultado final do concerto, não queremos deixar de acentuar a importância de que se reveste esta primeira audição portuguesa, mais de sessenta anos após a histórica audição absoluta, dirigida pelo próprio autor. Quem sabe se só daqui a sessenta anos haverá oportunidade de ouvir novamente em directo a «Sinfonia dos Mil» — o «Fausto» que Beethoven nunca chegou a compor...

NOVIDADES LITERÁRIAS

HISTÓRIA DO TEATRO DAS ORIGENS AOS NOSSOS DIAS

LÉON MOUSSINAC

3 tomos com 1 um meio para o homem e para a sociedade 330\$00

COLECCÃO OBRAS COMPLETAS DE ALEXANDRE HERCULANO

O BOBO (1128)

revisão e prefácio do prof. VITORINO NEMÉSIO

Uma intriga de amor inserida num ambiente histórico que se pretende resuscitar 43\$00

COLECCÃO DE BANDA DESENHADA SÉRIE NEGRA

JEAN GRATON

Emocionante aventura de M. CHEL VAILLANT nas mais conhecidas pistas de corrida da Europa 5\$000

EDIÇÕES DA

LIVRARIA BERTRAND

Apartado 37 — Amadora Apartado 37 — AMADORA

SEGREDO POEMAS DE MARIA CAMPOS

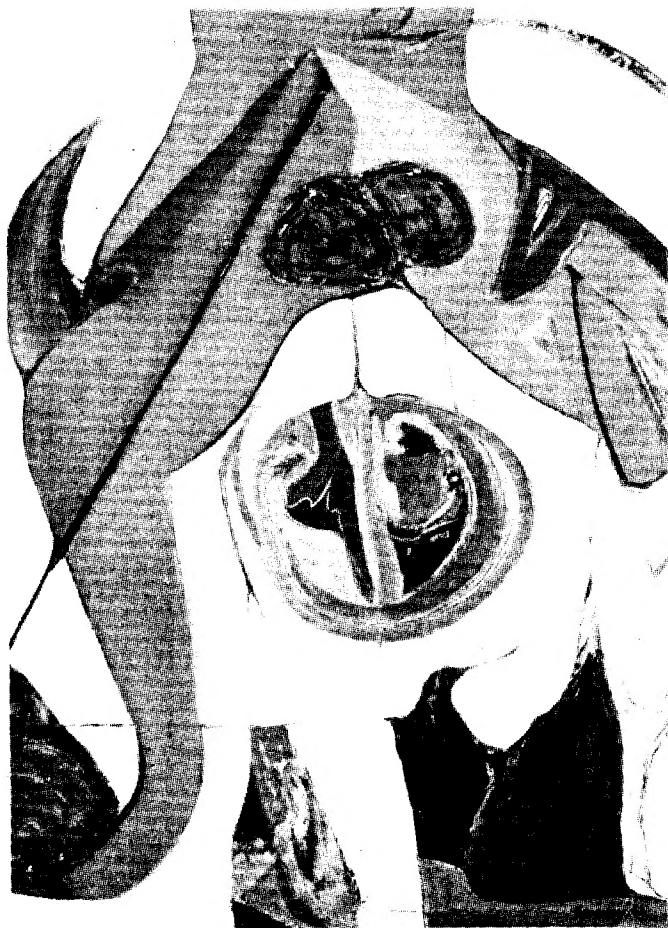
Conforme a crítica especializada diz: ... «Maria Campos sem merecer adjectivos de favor, tem uma leitura original e vincadamente terna. O poema «Um Livro» bastaria para credenciar Maria Campos. Não sabemos dizer mais, nem melhor. Gostará certamente, porque gostamos também e o recomendamos»

A venda em todas as livrarias — Editora Pax

Crítica de artes plásticas

O SURREALISMO EM 1973

MÁRIO CESARINY — TÊMPERAS E ACRÍLICOS NA GALERIA S. MAMEDE



MÁRIO CESARINY: «Crucificação em Detalhe» (N.º 3): a transgressão tornada boa pintura

As onze «Crucificações em Detalhe», mais as três «Afeições de Zaratustra», mais o «Retrato de Jean Genêt», actualmente à venda na Galeria S. Mamede, vêm pôr-nos o problema do que será, aqui e agora, o surrealismo, de que muito, ao que suponho, se falou numa pré-inauguração para a imprensa, já suficientemente divulgada.

Porta aberta para o imaginário, arte de intervenção e escândalo, rigor e intransigência na defesa de uma total liberdade criadora que chegou a pensar-se política e que, finalmente, o foi, mas somente no final dos anos 60, em França, o que é hoje o surrealismo? e em Portugal?

Precedido das experiências de António Dacosta e de António Pedro, o surrealismo português surgiu no pós-guerra em sintonia, mais aparente do que real, com o grupo surrealista de Paris que André Breton, regressado do exílio americano, tentava reorganizar. No campo das artes plásticas, traduziu-se numa rejeição de tudo quanto se fazia e propunha na altura, do academismo, do «modernismo» à António Ferro e do neo-realismo (embora dificuldades comuns aproximassem o grupo surrealista deste último grupo).

Deste grupo surrealista se separou, ainda em 1948, o poeta Mário Cesariny, juntamente com António Maria Lisboa e Cruzeiro Seixas (entre outros), por contestar a qualidade surrealista do grupo, que aliás se iria desfazer nos princípios dos anos 50, na grande polémica abstracção-figuração que dominaria todo esse decénio. Fo-

ram pois os dissidentes de 48 (se é que se podem chamar assim, visto que em 1949 Cesariny participa na 1.ª exposição dos surrealistas) quem, até hoje, tem continuado a proclamar-se publicamente como surrealistas, de estrita observância, diria eu.

Mas o que vem a ser o surrealismo hoje? Uma palavra? Criada em 1917 por Guillaume Apollinaire para a peça «Les Mamelles de Tirésias», subintitulada como «drama surrealista»?

Uma definição? Aquela já clássica, provocantemente atirada por André Breton no primeiro dos Manifestos do Surrealismo: «Automatismo psíquico puro, pelo qual se propõe exprimir, quer verbalmente, quer por escrito, quer de outro modo qualquer, o funcionamento real do pensamento. Ditado pelo pensamento na ausência de todo o controlo da razão, fora de toda a preocupação estética e moral». Esta definição deixaria ficar de fora tanta obra e tanto nome, a começar pelo próprio Breton, que vale sobretudo como testemunho de um determinado momento a marcar igualmente o impacto e influência do freudismo sobre o pensamento e a produção estética europeias.

Será o surrealismo uma personalidade? Breton? Que efectivamente não foi o papa de uma qualquer ortodoxia (apesar das numerosas excomunhões que pronunciou), mas sim o profeta da libertação geral da imaginação a que estamos hoje assistindo, embora de muito longe.

Mas quem será surrealista

hoje? Ben Vaudier surrealista? Sim! John Cage surrealista? Sim! Os Happenings manifestações surrealistas? Certamente que sim! O esquerdismo anarquista de 68 surrealista? Sim! Tanto do que hoje sucede um pouco por toda a parte, quer em manifestações públicas, quer, o que é mais importante, na nossa própria consciência, tem origem próxima nas atitudes e propostas de Breton e dos seus companheiros, manifestando aliás uma salutar ampliação e vulgarização das suas inquietações. Podemos dizer, sem receio de errar, que o surrealismo está em toda a parte nos nossos dias e que este facto é o seu maior triunfo e razão da fundamental importância histórica, senão comum medida para ortodoxias inúteis e fidelidades paradoxais.

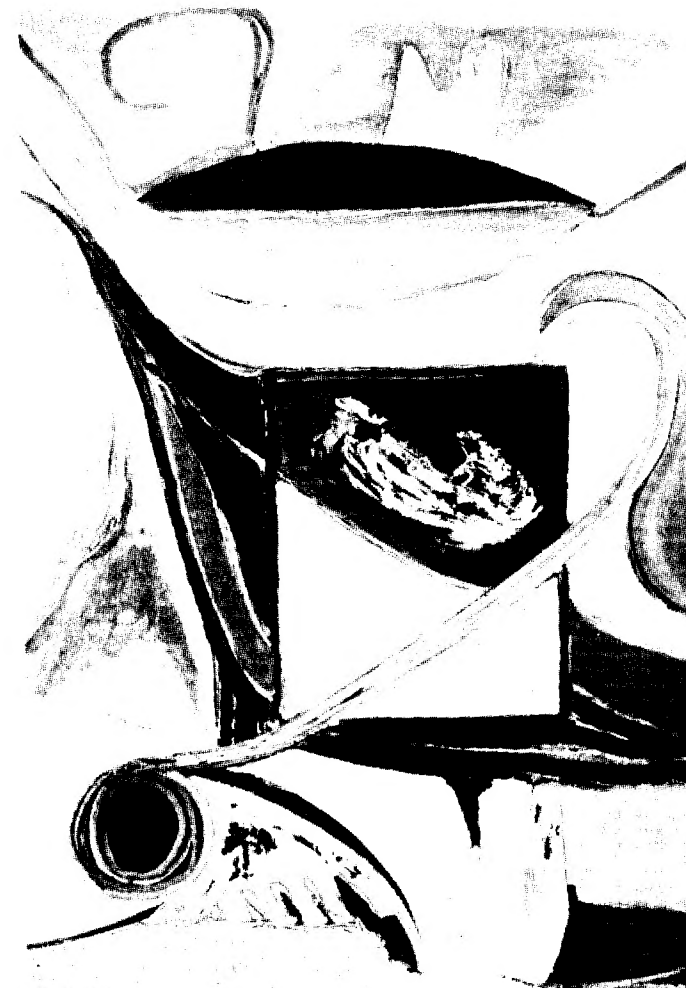
Em Portugal as coisas complicam-se, dado que a «intervenção surrealista» nos surge hoje já mítica (pelo menos para as pessoas da minha geração, nascidas nos anos 40) e ainda não histórica, em sintonia com uma terceira geração de artistas modernos, a primeira aliás irreversivelmente do nosso tempo, até porque teve continuidade, geração que hoje cavalga os corcéis da fama e da fortuna comercial. Movimento ainda sem história feita, beneficia já o grupo surrealista português da promoção, a nível comercial, que a história dá, aliada certa do mito, pelo menos por enquanto.

Quer queira, quer não, Cesariny está actualmente benefi-

ciando dessa «promoção», justificado o presente valor de troca pela passada intervenção, isto independentemente da real qualidade das suas têmperas e acrílicos, em que aliás revela um ofício muito aperfeiçoado nestes últimos anos (bem «melhor» que o demonstrado na exposição de 1967, na Buccholz). Cesariny tornou-se num excelente pintor de quadros de cavalete que não era há bem pouco tempo, e o facto de pôr num dos seus quadros duas assinaturas e de o fazer girar com um mecanismo eléctrico não substitui de modo algum a busca de uma «beleza convulsiva» de que nos falou Breton e que é tão do nosso tempo.

Aliás, o próprio comércio de arte no nosso país está a ganhar e a socorrer-se de subterfúgios justificativos tão absurdos que resultam até... surrealistas. Senão como classificar uma pré-inauguração, a recepção e exposição de telegramas que de Paris enviaram Vieira da Silva, Arpad Szenes e Platão (quem não acreditar, vá à Galeria e procure, que verá), fazendo tudo parte de um mesmo jogo que o poeta Cesariny (que pessoalmente muito admiro) já ironicamente antecipava quando nos gozava a todos e a ele próprio ao escrever cheio de razão:

«Burgueses somos nós todos
Desde pequenos
Burgueses somos nós todos
Ou ainda menos.»



MÁRIO CESARINY: «As Afeições de Zaratustra» (III): um poeta que se tornou num excelente pintor de cavalete

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO



JIM JONES: uma brincadeira perceptiva

UM EXEMPLO

JIM JONES — COLAGENS NA LIVRARIA-GALERIA OPINIÃO

Dentro do programa que a Galeria Opinião se propôs levar a efeito, expor «os portugueses radicados no estrangeiro — sobretudo as gerações novas — e os estrangeiros ligados ao meio português», apresenta-nos algumas brincadeiras perceptivas dum jovem americano que são simultaneamente mito simples e excelentes exercícios de imaginação.

Estas colagens marcam de certo modo uma fase experimental de procura de uma lin-

guagem que tem, certamente, o surrealismo como base; não nos interessa agora se em primeira, segunda ou décima quinta mão, mas sim como exemplo do modo como certo tipo de associações visuais e imaginárias são certamente um bom exercício e um bom princípio, na medida em que são formas abertas a um futuro e não evocações veladas de um passado, sinal da vulgarização e internacionalização de uma linguagem.

Jorge Dias,
um cientista
eminente

Continuação da página nove

ou aprofundamentos da mesma realidade. Por tratamento conveniente por intermédio do raciocínio indutivo.

Para não confundir, realidade empírico-sensível com realidade científico-racional, para não confundir objecto sensível com objecto científico, torna-se indispensável coragem. Com efeito, a imagem que no mundo ocidental se tem da ciência é uma imagem profundamente deturpada e concretamente inconsciente. De tal modo, que domina, sem disso se darem conta, os mais diversos cientistas. Muito particularmente quando raciocinam em ciências humanas: ou seja, pretendendo que o objecto das ciências humanas é o que se apresenta directamente às suas impressões experienciais. Confundindo o objecto científico — o que desconhecem — com o objecto empírico — o que conhecem. Desse modo, afirmam com o mais vulgar senso comum: a psicologia existe desde que existe o homem.

Igualmente se poderia dizer em relação à sociedade. E porque não em relação à química ou à física?

Porque não se há-de dizer que a cristalografia existe desde que existem os cristais?

Destas confusões nos ajuda a libertar-nos Jorge Dias, com o seu rigor metodológico e com a fidelidade à rigorosa observação experimental. Só ela nos pode dar garantia de encontrarmos a realidade científica numa superação constante e indispensável e saída do experimental. Muito particularmente, em ciências humanas.

Neste ponto é que concordo inteiramente com o coro unânime dos que afirmam: «o país acaba de sofrer um dos golpes mais fundos com o desaparecimento físico de Jorge Dias». Resta apenas que a sua presença se mantenha através da sua obra. Muito particularmente, através da atitude fortemente vinculada em toda ela, a atitude fundamentalmente científica. Sêriamente objectiva. Honestamente humana.